

RELATÓRIO DE UNIDADES CURRICULARES

TÉCNICAS DE EXPRESSÃO JORNALÍSTICA I – ONLINE

TÉCNICAS DE EXPRESSÃO JORNALÍSTICA II – ONLINE

Licenciatura em Ciências da Comunicação

Relatório a que se refere a alínea b) do Artigo 5.º do Decreto-Lei n.º 239/2007, de 19 de junho, para efeitos da obtenção do título académico de Agregado em Ciências da Comunicação e Informação pela Universidade do Porto.

Fernando António Dias *Zamith* Silva

Porto

Outubro 2025

Índice

1. Introdução.....	4
2. Enquadramento epistemológico no campo das Ciências da Comunicação	6
3. Problemática e reflexão sobre os conteúdos das duas unidades curriculares ..	18
4. Enquadramento na Licenciatura em Ciências da Comunicação.....	23
5. UC Técnicas de Expressão Jornalística I - Online.....	26
5.1. Objetivos, competências e resultados de aprendizagem esperados	26
5.2. Programa	27
5.3. Explicitação do Programa	27
5.4. Bibliografia	29
5.5. Metodologia de ensino e avaliação de conhecimentos.....	30
5.5.1. Métodos de ensino e atividades de aprendizagem	30
5.5.2. Frequência e avaliação.....	30
5.6. Planeamento e sumário das aulas	31
5.7. Sumário detalhado das aulas	32
Aula 1	32
Aula 2	35
Aula 3	38
Aula 4	42
Aula 5	49
Aula 6	52
Aula 7	55
Aula 8	58
Aula 9	59
Aula 10	60
Aula 11	67
Aula 12	74
Aula 13	76
5.8. Orientação Tutorial.....	76
5.9. Resultados da UC.....	77
5.9.1. Desempenho académico dos estudantes	77
5.9.2. Avaliação da UC e do docente pelos estudantes	79
5.9.3. Publicação de trabalhos dos estudantes produzidos no âmbito da UC	81
6. UC Técnicas de Expressão Jornalística II - Online.....	82
6.1. Objetivos, competências e resultados de aprendizagem esperados	83
6.2. Programa	83

6.3 Explicitação do Programa	84
6.4. Bibliografia	85
6.5. Metodologia de ensino e avaliação de conhecimentos.....	86
6.5.1. Métodos de ensino e atividades de aprendizagem	86
6.5.2. Frequência e avaliação.....	87
6.6. Planeamento e sumário das aulas	87
6.7. Sumário detalhado das aulas	89
Aula 1	89
Aula 2	90
Aula 3	91
Aula 4	94
Aula 5	95
Aula 6	95
Aula 7	101
Aula 8	102
Aula 9	112
Aula 10	117
Aula 11	117
Aula 12	118
Aula 13	120
6.8. Orientação Tutorial.....	120
6.9. Resultados da UC.....	120
7. Considerações finais	125
8. Referências.....	127
9. Anexos	138

1. Introdução

O relatório que aqui se apresenta sobre as unidades curriculares de Técnicas de Expressão Jornalística Online tem três objetivos fundamentais: 1) enquadrar epistemologicamente no campo das Ciências da Comunicação e Informação as técnicas de expressão jornalística online; 2) problematizar e refletir sobre os conteúdos das duas unidades curriculares na contemporaneidade das Ciências da Comunicação e Informação; 3) explicitar e analisar a sustentação teórica desses conteúdos, bem como a dinâmica pedagógica e a articulação entre aulas (dos dois semestres) planeadas e executadas pelo docente candidato ao título de agregado.

Técnicas de Expressão Jornalística I e II - Online foram escolhidas para este relatório por serem as unidades curriculares que o candidato leciona há mais tempo (23 anos), fruto do interesse e dedicação que tem dado a esta especialidade, enquanto docente e investigador. O candidato é especializado em Ciberjornalismo, tema das suas teses de mestrado e de doutoramento, bem como da maioria da sua publicação científica e da sua atividade de orientação de estudantes de pós-graduação. É também diretor do Observatório do Ciberjornalismo (ObCiber), núcleo de investigação criado em 2008 por sua iniciativa, e membro do Conselho Editorial do JPN – JornalismoPortoNet¹, cibermeio de que foi cofundador e coordenador geral nos primeiros sete anos (2004/2011).

Técnicas de Expressão Jornalística I - Online (TEJ_O) e Técnicas de Expressão Jornalística II – Online (TEJ_O_II) são unidades curriculares (UC) teórico-práticas que integram o tronco comum do plano de estudos da Licenciatura em Ciências da Comunicação (LCC) da Universidade do Porto. São UC de tempos letivos muito curtos (apenas uma hora de aula por semana, mais meia hora de orientação tutorial), correspondentes cada uma a 3 créditos ECTS. Foram escolhidas duas unidades curriculares e não apenas uma, pela relação que existe entre ambas. Como as designações indicam, as duas unidades curriculares são complementares e sequenciais. A primeira é lecionada no segundo semestre e a segunda no terceiro, ou seja, ainda na primeira metade da licenciatura, funcionando, por isso, como unidades curriculares de aquisição de conhecimentos e competências, e de iniciação à prática jornalística.

¹ <https://www.jpn.up.pt/>

O candidato tem sido o responsável (regente e único docente) pelas duas unidades curriculares desde a sua criação, no ano letivo de 2014/2015². Entre os anos letivos de 2002/2003 e de 2013/2014, o candidato assumiu a docência da componente de Online da unidade curricular³ então designada apenas Técnicas de Expressão Jornalística, que abrangia outras três componentes: Imprensa, Rádio e Televisão.

As duas unidades curriculares (UC) objeto deste relatório são obrigatórias para os estudantes da LCC, acolhendo habitualmente também alguns estudantes em regime de mobilidade, que, dada a natureza deste regime, frequentam apenas uma das UC (a que estiver a funcionar no semestre da mobilidade).

A estrutura deste relatório respeita a sequência dos três objetivos fundamentais elencados. Primeiramente, faz-se o enquadramento epistemológico das técnicas de expressão jornalística online no campo das Ciências da Comunicação e Informação. No ponto seguinte, o candidato problematiza e reflete sobre os conteúdos das duas unidades curriculares na contemporaneidade das Ciências da Comunicação e Informação, sem esquecer os contextos históricos, sociais, geopolíticos, económicos, tecnológicos e culturais. A seguir, enquadra-se as duas UC na LCC, apresentando uma síntese histórica do curso, o seu plano de estudos atual, a caracterização dos estudantes e dos docentes, e a relação com a restante oferta formativa da Universidade do Porto na área das Ciências da Comunicação. Depois, apresentam-se os objetivos, competências e resultados esperados da aprendizagem, programas, bibliografia, métodos de ensino e atividades de aprendizagem, mínimos de obtenção de frequência, tipologia e componentes da avaliação das duas unidades curriculares. Seguem-se o planeamento e sumários das aulas, onde se explicitam e analisam a sustentação teórica dos conteúdos a lecionar, assim como a dinâmica pedagógica e a articulação entre aulas e semestres, tal como essas dinâmica e articulação foram pensadas, planeadas e têm sido executadas pelo docente, com as necessárias adaptações e atualizações ano a ano. São depois apresentados os resultados de cada UC nos últimos três anos, designadamente o desempenho académico dos estudantes, a avaliação da UC e do docente pelos estudantes, e a publicação de trabalhos produzidos no âmbito das duas UC. A concluir, são feitas considerações finais, elencadas todas as referências bibliográficas usadas neste documento e anexados os documentos de informação e apoio fornecidos aos estudantes, assim como os enunciados dos exercícios de avaliação.

² No ano letivo de 2019/2020, a UC TEJ_O foi assegurada pelo colega Helder Bastos, dado o candidato estar em licença sabática no 2.º semestre.

³ Nos primeiros anos, a docência da componente de Online da UC foi partilhada (diferentes turmas para cada) com os colegas Luís António Santos e Helder Bastos.

2. Enquadramento epistemológico no campo das Ciências da Comunicação

Tal como um arqueólogo, um biólogo, um enfermeiro, um piloto ou um bombeiro, um jornalista precisa de dominar técnicas específicas para desempenhar bem a sua atividade, mesmo que não o faça (ou não o queira fazer) profissionalmente. Nos ambientes online, essas técnicas são ainda mais específicas, o que justifica uma aprendizagem também ela específica, preferencialmente numa unidade curricular autónoma de um curso do Ensino Superior.

O Jornalismo Online (também designado por Jornalismo Digital, Webjornalismo ou Ciberjornalismo) enquadra-se epistemologicamente no amplo campo das Ciências da Comunicação, no campo intermédio da Comunicação Social e, em concreto, no subcampo do Jornalismo, tendo habitualmente como objeto de estudo a pesquisa, produção, difusão e consumo de conteúdos jornalísticos no ciberespaço, entendido como o conjunto dos ambientes e plataformas de comunicação digital online.

Amplamente apresentado (e responsabilizado) como pilar da democracia, “quarto poder” vigilante dos três poderes instituídos e elemento fundamental do espaço público ou da esfera pública, na aceção de Habermas, o Jornalismo teve sempre dificuldade em ser reconhecido como ciência, disciplina independente ou objeto autónomo da Comunicação Social (Genro Filho, 2012: 13). Ao longo de mais de meio século, entre 1910 e 1965, Otto Groth publicou uma vasta obra com o objetivo de obter o reconhecimento da “ciência jornalística” como disciplina independente, mas esse seu esforço pioneiro teve poucos seguidores (Genro Filho, 2012: 13). Só no final do século XX o Jornalismo atingiu o pleno desenvolvimento enquanto área científica (Traquina, 2002: 15), num processo lento, iniciado cem anos antes, com o surgimento nos Estados Unidos e em França das primeiras disciplinas universitárias, a que se seguiram cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento em quase todo o mundo, especialmente a partir dos anos 1980 (Traquina, 2002: 15). Em Portugal, a primeira tentativa “fracassada” de institucionalização de um curso superior de Jornalismo surgiu em 1971, por iniciativa privada, do Grupo Quina, então proprietário do “Diário Popular”, “Jornal do Comércio” e “Record” (Cascais, 2004: 85). Só depois do 25 de Abril de 1974 surgiu a primeira licenciatura pública, em Comunicação Social, na Universidade Nova de Lisboa, no ano letivo 1979/80.

Os dados históricos demonstram-nos que o Jornalismo se desenvolveu enquanto atividade prática sem esperar por (ou sequer valorizar) teorias saídas das universidades, desde logo as associadas ao positivismo e ao funcionalismo. Como observava Traquina (2002: 15), “o estudo

do jornalismo constitui um campo científico com já longas tradições na comunidade académica, embora muitos jornalistas teimem em ignorar ou desprezar esse «corpo teórico». Do outro lado, a academia também demorou a centrar o estudo no Jornalismo e, especialmente, a teorizar o Jornalismo. Foram, sobretudo, sociólogos os pioneiros do estudo dos media, mas abarcando “media” (meios de comunicação social) no seu todo, sem segmentar o Jornalismo, o que contribuiu para a confusão, ainda hoje muito presente, entre o estudo dos “media” e o estudo dos “media noticiosos”, ou seja, do Jornalismo (Traquina, 2002: 16). Depois das contribuições, no início do século XX, de Max Weber, Robert Park e Walter Lippmann, as reflexões teóricas e o estudo dos e sobre os media ganharam um novo fôlego no pós-II Guerra Mundial, com nomes como Lazarsfeld, Manning White, Breed, Galtung e Ruge, e McCombs e Shaw (Traquina, 2002: 15-17), dando origem a teorias em que Jornalismo (e/ou o jornalista) aparece em posição central, como as dos efeitos limitados, valores-notícia, enquadramento, agendamento e *gatekeeping*. Mas todo este trabalho de investigação e reflexão teórica era ainda muito afastado do jornalista e da redação, entendida não como um mero espaço físico, mas mais ainda como espaço de comunicação, de discussão, de aprendizagem mútua e de decisão, componentes fulcrais da atividade jornalística quotidiana. Influenciadas pela abordagem mais sociológica, as metodologias científicas utilizadas para estudar o Jornalismo centravam-se maioritariamente na análise de conteúdo, nas entrevistas e nos inquéritos, alargando-se a partir dos anos 1970 e 80 ao uso de métodos linguísticos (análise de discurso) e etnográficos (observação no local de trabalho). Concordamos com Traquina (2002: 20) quando destaca a tripla contribuição dos estudos etnográficos (de Schlesinger, Tuchman, Fishman, e Gurevitch e Blumber) para a compreensão do Jornalismo, especialmente pelo reconhecimento das rotinas como elemento crucial dos processos de construção de notícias (que resultou na teoria da construção, ou etnoconstrucionista) e como “corretivo” das teorias conspiratórias que reaparecem na mesma época, em pleno crescimento da televisão (teorias da distorção intencional, da parcialidade e do enviesamento), que acusavam o jornalista/jornalismo de conluio com figuras da classe dirigente.

Se é certo que a teoria construcionista ajudou a aproximar jornalistas e teóricos, também é verdade que o regresso das teorias conspiratórias (que ainda hoje persistem) agravou o distanciamento entre quem pratica e quem teoriza o Jornalismo. Esta atitude de “costas voltadas” estende-se ao ensino do Jornalismo:

“Existe uma grande defasagem entre a atividade jornalística e teorizações que se fazem em torno dela. Esse distanciamento se dá em tal grau que, inclusive, tem gerado falsas e absurdas polémicas opondo ‘teóricos’ e ‘práticos’. Recentemente, uma campanha movida no Brasil contra

a obrigatoriedade do diploma acadêmico para o exercício do jornalismo indicou até que ponto os pragmáticos chegam em seu desprezo pela teoria. Eles consideram que a simplicidade das técnicas jornalísticas dispensa uma abordagem teórica específica e uma formação especializada.

Por outro lado, é bem verdade que os ‘teóricos’ não têm feito muito no sentido de lançar uma ponte com mão dupla entre a teoria e a prática. Em geral, as teorizações acadêmicas oscilam entre a obviedade dos manuais, que tratam apenas operativamente das técnicas, e as críticas puramente ideológicas do jornalismo como instrumento de dominação” (Genro Filho, 2012: 9).

Na tese que lançou as bases para a construção de uma teoria marxista do Jornalismo, Adelmo Genro Filho considerava que “a indevida polarização entre ‘teóricos’ e ‘práticos’ corresponde, no fundo, a uma incomunicabilidade real entre as teorizações existentes e a riqueza na prática” (Genro Filho, 2012: 9), polarização essa que se torna a expressão de um diálogo de mudos: “um não consegue falar ao outro” (Genro Filho, 2012: 10). O autor justificava assim a necessidade de construir uma teoria do Jornalismo, “entendido este como uma forma social de conhecimento, historicamente condicionada pelo desenvolvimento do capitalismo, mas dotada de potencialidades que ultrapassam a mera funcionalidade a esse modo de produção” (Genro Filho, 2012: 9). Tal como Otto Groth, Genro Filho morreu antes de concluir a teoria que começou a desenhar, mas deixou um número considerável de seguidores, especialmente no Brasil. Na série de livros (“Jornalismo a Rigor”) que dirigiu para continuar este legado, Eduardo Meditsch (Genro Filho, 2012: sobrecapa) aprofunda as ideias de Genro Filho, defendendo a práxis como “fundamento autêntico e finalidade da teoria” e o Jornalismo como “produção social de conhecimento diferenciada, estratégica e imprescindível para a sociedade contemporânea”.

Enquadrando o jornalismo no atual “meio caótico” (Dean, 2018: 8) em que está mergulhado, Walter Dean defende que “«a ciência do jornalismo», as características de como os jornalistas trabalham, é importante. Em *The Elements of Journalism*, Bill Kovach e Tom Rosenstiel identificaram crenças e práticas comuns, incluindo a disciplina da verificação, o método científico que os jornalistas usam para fazer julgamentos sobre o que é provável que seja factual ou mesmo verdadeiro” (Dean, 2018: 9).

Elizbeth Smith Friedman, que com o seu marido William se tornaram os pais da criptologia moderna, ou decifração de códigos, foi questionada numa entrevista de rádio na década de 1930 sobre como conseguia decifrar um código complexo numa língua que não falava. Foi o poder de ter um sistema, uma ciência, respondeu ela, segundo o biógrafo Jason Fagone. “Toda a ciência da decifração se baseia no que chamamos de mecânica da linguagem”, explicou ela na NBC. “Existem certas maneiras fixas pelas quais a linguagem opera, por assim dizer, e, ao estudar os elementos conhecidos e fazer certas suposições, é possível chegar a um resultado que geralmente funciona”.

Os sistemas que os jornalistas utilizam para «decifrar o código» da vida cívica, a fim de identificar e compreender melhor os interesses, esperanças e preocupações dos cidadãos, estão agora a evoluir de forma a aproveitar o potencial e também a compensar as fraquezas das novas tecnologias. (Dean, 2018: 9)

No seu recente livro “Fundamentos e Inquietações do Jornalismo”, Marisa Torres da Silva propõe-se “favorecer uma problematização abrangente e multifacetada sobre o jornalismo, em torno da sua missão e funções, os valores e os contextos em que opera, assim como os quadros analíticos que têm sido mobilizados na sua problematização científica” (Silva, 2024). “A redução do jornalismo ao domínio técnico, à velocidade e ao imediatismo, ao instinto ‘natural’ a que obedecem os jornalistas na seleção e enquadramento da realidade, que se limitariam a espelhar de modo mimético, tem muitas vezes convergido na visão pouco abonatória de que ‘é apenas jornalismo’ e que, por isso, se trataria de algo demasiado trivial e marginal para ser objeto de estudo e de reflexão mais aprofundada” (Silva, 2024: 17).

A par da dificuldade em ser reconhecido como ciência ou disciplina independente, o jornalismo tem colocado os académicos da área “(desesperadamente) à procura de uma definição” (Silva, 2024: 12-19). Na

O jornalismo é um conjunto de práticas que adquiriram um estatuto especial no âmbito mais vasto da comunicação, ao longo de uma longa história que separou a partilha de notícias das suas origens na comunicação interpessoal. Contar aos outros sobre os acontecimentos no seu ambiente social e físico é uma atividade comum no quotidiano das culturas humanas, e as notícias, como género de interação, têm como característica principal o facto de serem novas para quem as ouve. Uma das principais dificuldades para partilhar informações é determinar a verdade ou, por outro lado, distinguir informações de boatos. Contar sobre eventos, fornecer novidades e discernir a verdade factual do processo são os principais rudimentos que passaram a definir o jornalismo como uma prática cultural.

Definir jornalismo não é consensual, como afirma Barbie Zelizer (2004: 13), nem é tarefa fácil, como reconhece Seth Lewis (2019: 1). “As disputas sobre a definição do que se qualifica como jornalismo e quem se qualifica como jornalista são disputas contínuas que são mais do que disputas discursivas; são pontos de partida fundamentais para a compreensão dos papéis sociais, bem como dos significados sociais do jornalismo como uma característica do nosso mundo do século XXI” (Lewis, 2019: 1). O autor da entrada “*Journalism*” da Enciclopédia Internacional de Estudos de Jornalismo (*The International Encyclopedia of Journalism Studies*) arrisca uma definição da representação funcional do “jornalismo” em torno da qual a maioria pode concordar: “Jornalismo refere-se à recolha, filtragem e divulgação sistemáticas de informações consideradas notícias e de interesse público” (Lewis, 2019: 1). O autor alerta que,

contudo, esta “versão simplificada, embora útil como ponto de partida, esconde uma grande complexidade que se encontra por baixo da superfície” (Lewis, 2019: 1). “Isso é particularmente verdadeiro na era digital das redes sociais, da hiperconectividade móvel e do aperfeiçoamento humano [human augmentation], quando a natureza híbrida dos media — entre o antigo e o novo, o editor e a plataforma, o profissional e o amador, o institucional e o individual, o humano e a máquina — está a desafiar os limites básicos do jornalismo e do jornalista” (Lewis, 2019: 2).

Noutra entrada de enciclopédia (*The International Encyclopedia of Communication*), Barnhurst e Owens (2008) definem Jornalismo como “um conjunto de práticas que adquiriram um estatuto especial no âmbito mais vasto da comunicação, ao longo de uma longa história que separou a partilha de notícias das suas origens na comunicação interpessoal” (Barnhurst e Owens, 2008). Para os autores, “contar aos outros sobre os acontecimentos no seu ambiente social e físico é uma atividade comum no quotidiano das culturas humanas, e as notícias, como género de interação, têm como característica principal o facto de serem novas para quem as ouve”. Como que antecipando os tempos de desinformação, das chamadas “fake news⁴” e da “pós-verdade”, Barnhurst e Owens salientam que “uma das principais dificuldades para partilhar informações é determinar a verdade ou, por outro lado, distinguir informações de boatos. Contar sobre eventos, fornecer novidades e discernir a verdade factual do processo são os principais rudimentos que passaram a definir o jornalismo como uma prática cultural” (Barnhurst e Owens, 2008).

As questões da profissionalização (ou não) da atividade jornalística e da delimitação de fronteiras do (ciber)jornalismo são profusamente abordadas nas aulas de TEJ Online, como não podia deixar de ser. Há mesmo quem defenda que “não há jornalistas, há apenas o serviço do jornalismo” (Jarvis, 2013), cujo objetivo é “informar o público” e ajudar as comunidades a “organizar o seu conhecimento para que se possam organizar melhor” (Jarvis, 2013). Independentemente da (relevante) discussão sobre quem é jornalista ou quem pode ser considerado jornalista, parece-nos consensual que o jornalismo é uma “profissão ameaçada” e que os jornalistas estão “sob permanente pressão”, como descreve Felisbela Lopes (2015: 5), professora da Universidade do Minho e comentadora residente da RTP. As pressões são internas (das empresas onde trabalham) e externas (das fontes, reguladores e sociedade). Pressão para ser rentável, para dar voz a alguém, para não afrontar acionistas ou financiadores, para não

⁴ Como outros jornalistas e académicos, discordamos da expressão “fake news”. Se são falsas, não são notícias. “Notícia” é uma novidade, uma verdade. Uma falsidade não é notícia. O jornalista não dá, deliberadamente, notícias falsas (só por engano; “errar é humano”). O que pode ser notícia, sim, é a denúncia de uma falsidade que tenha sido difundida como notícia no sentido jornalístico do termo. Mas mesmo nestes casos recomenda-se prudência. Ao denunciar e desmentir, o jornalista está a dar visibilidade à falsidade.

provocar reguladores, para cumprir leis, para trabalhar depressa, para ser o primeiro, para produzir para diferentes plataformas, para dar atenção às redes sociais, para produzir com qualidade e interesse público. “Não é fácil trabalhar assim. Por isso, atualmente, ser jornalista é aceitar uma profissão que está sob ameaças de vária ordem. E isso deveria suscitar um amplo debate público” (Lopes, 2015: 5), conclui a autora do livro “Jornalista: profissão ameaçada”, que compila e analisa as respostas de 100 jornalistas portugueses à pergunta: “Quais os maiores constrangimentos à liberdade de imprensa que os jornalistas portugueses enfrentam hoje?” (Lopes, 2015: 5).

Na sua tese de doutoramento, Carlos Camponez questiona “os limites de uma abordagem libertária do jornalismo, que faz apelo a um plano ético do sujeito profissional, bem como a possibilidade de a deontologia e a auto-regulação constituírem, por si, uma resposta aos desafios contemporâneos do jornalismo” (Camponez, 2009: 3). Para o jornalista e professor da Universidade de Coimbra, “esta questão diz certamente respeito aos jornalistas, mas deve envolver também a sociedade civil, uma vez que ela tem implicações nos pressupostos normativos de realização das democracias liberais” (Camponez, 2009: 3). Carlos Camponez analisa o “jornalismo enquanto conceito ambíguo de profissão”, em que “os valores da deontologia assumem um papel charneira no seu reconhecimento público enquanto profissão”, mas defende que “os valores da deontologia são o único espaço de reconhecimento de uma profissão que não conseguiu impor-se por outros critérios mais objectivos” (Camponez, 2009: 104). O autor baseia a sua argumentação em quatro aspetos: “1) a dificuldade que uma certa sociologia das profissões teve em reconhecer o carácter profissional do jornalismo, à luz de uma definição restrita de profissão; 2) as condições históricas de constituição de uma autonomia ‘inacabada’ do jornalismo; 3) os factores políticos, culturais, económicos e pragmáticos relacionados com a organização e exercício da profissão; 4) a natureza ambígua da própria deontologia e da sua centralidade no jornalismo” (Camponez, 2009: 104-105).

Camponez questiona também os efeitos sobre o Jornalismo do “novo capitalismo”, nomeadamente a racionalização das redações, a “hiperconcorrência” e “jornalismo de comunicação” (em contraste com o “jornalismo de informação”), a desprofissionalização, a “juvenelização” e perda de memória, a deslocalização e a precariedade (Camponez, 2009: 370-394). Sobre a desprofissionalização, Camponez considera que as novas tecnologias provocaram uma “diluição do jornalismo profissional”, fazendo do jornalista um mero “provedor ou sinalizador de conteúdos disponíveis”:

“As novas tecnologias reduziram o papel do jornalista no processo de intermediação entre as fontes e o público. As fontes institucionais não só passaram a poder ter acesso directo às redações, como também

passaram a dispor de meios que, nos casos em que isso lhes pode ser mais conveniente, lhes permite contornar a intermediação dos jornalistas. O jornalista passou igualmente a confrontar-se não apenas com a concorrência proveniente das áreas comunicativas que lhe são mais próximas, como também do próprio público que é suposto servir, a exemplo do que acontece com o caso do denominado «jornalismo do cidadão». O jornalismo praticado “por todos”, tal como no-lo apresenta Dan Gillmor, não deixa de representar uma diluição do jornalismo profissional, relegando-o para um papel de provedor ou sinalizador de conteúdos disponíveis. Para o bem ou para o mal, o jornalismo do cidadão representa uma desvalorização da especificidade das técnicas discursivas do jornalismo, das suas normas éticas e deontológicas e da cultura profissional. Perante a deslegitimação da sua função social devido aos problemas resultantes do seu enquadramento económico e empresarial, o jornalista vê-se confrontado com um público mais crítico em relação ao seu papel de intermediário na esfera pública, tanto mais reduzido quanto a função de interpretação e de contextualização estiver reduzida aos imperativos da instantaneidade, do escrever mais depressa e do transmitir em primeiro lugar” (Camponez, 2009: 383-384).

Num esforço sempre arriscado de síntese dos vários entendimentos do conceito de Jornalismo na atualidade, quer do ponto de vista de quem o pratica (o jornalista) quer na visão de quem o investiga (o cientista), incluindo neste último grupo (também de modo arriscado, controverso e discutível) quem sobre ele teoriza⁵, parece-nos claro que estamos muito distantes dos primórdios da imprensa, de um jornalismo de elite, só acessível a poucos (quem sabia ler e podia comprar jornais) e num registo muito próximo do literário (floreado, adjetivado e carregado de subjetividade), mas já com o propósito que mais o define: informar sobre assuntos do quotidiano. A própria palavra “jornalismo” tem origem etimológica associada ao quotidiano, à atualidade, ao que acontece no dia a dia ou se refere ao dia: jorna, jornada, *jour*. A informação jornalística assume desde logo o contraste com o conhecimento histórico. O saber quotidiano versus o saber científico.

Como muito bem proclamam os resgatadores dos princípios do Jornalismo, “a finalidade do jornalismo é fornecer às pessoas a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem” (Kovach e Rosentiel, 2004: 9). E essa informação é a informação da atualidade, do que se passa, do que acontece, do que muda à volta das pessoas (a diferentes níveis de proximidade geográfica, física, emocional, cultural, política, económica), e que pode implicar com a sua vida. Estar informado sobre o que o rodeia é uma necessidade humana. O ser humano tem instintos e/ou mecanismos de sobrevivência, como qualquer outro ser vivo. Sente-se inseguro (ou menos seguro) se não souber o que mudou ou está a mudar à sua volta. Essa necessidade foi sendo satisfeita ao longo da História pela observação direta e por diferentes modos de comunicação humana. O que a imprensa de Gutenberg trouxe foi, sobretudo, uma

⁵ Um teórico é, por “definição”, um investigador e/ou cientista? Teorizar requer, necessariamente, procedimentos científicos? Sem querer aprofundar aqui a reflexão, lateral ao objetivo deste relatório, entendemos que sim: uma teoria só é válida enquanto tal se resultar de procedimentos científicos de investigação.

maior reprodutibilidade e alcance da transmissão periódica de informações a um conjunto progressivamente mais vasto de pessoas. A evolução tecnológica permitiu o surgimento de novos meios de comunicação de alguns-para-muitos (que no século XX passámos a designar como *mass media* – meios de comunicação de/para massas), meios esses que o Jornalismo cedo aproveitou como canais alternativos para cumprir a sua função informativa, agora dirigida a diferentes estratos sociais e fundada em valores, como a verdade, a objetividade e a ética. Paralelamente, desenvolveram-se técnicas de expressão jornalística. O estilo literário, que privilegiava o relato cronológico, foi progressivamente substituído pela “pirâmide invertida” (construção da notícia do mais para o menos importante) e pelo “*lead*” dos cinco W mais H (resposta o mais cedo possível – logo no primeiro parágrafo, de preferência – às seis perguntas-chave de uma informação com valor noticioso: *What, Who, When, Where, Why, How*). Com o advento dos meios de comunicação áudio e depois audiovisuais, os jornalistas de rádio e televisão começaram por usar as mesmas técnicas da imprensa, mas progressivamente adaptaram-nas às características dos respetivos meios e foram desenvolvendo outras, como a técnica da “espiral” (técnica radiofónica de repetição dos temas-chave da peça jornalística). Processo semelhante aconteceu com o ciberjornalismo, que começou por adotar as mesmas técnicas da imprensa, mas progressivamente adaptou-as às características da Internet (Zamith, 2005, 2012) e desenvolveu ou incorporou outras, como a técnica dos “blocos” de texto hiperligados e a “pirâmide deitada” (Canavilhas, 2006), que hierarquiza a notícia de menos para mais informação. Mas a Internet trouxe outros desafios. O acesso às mesmas (ou muito semelhantes) ferramentas do jornalista profissional e a facilidade de participação, produção e difusão livre de conteúdos por parte dos “*newsmakers*” (as fontes mais recorrentemente presentes nas notícias, agora encantadas com a desintermediação) e do cidadão comum, a “antiga audiência” (Gillmor, 2004), alargaram o espectro de produtores de informação no espaço público e baralharam a delimitação de fronteiras do Jornalismo (Deuze, 2003, 2005, 2019; Carlson, 2015; Figueira, 2016, 2019; Eldridge, 2020), com potenciais efeitos nefastos na perceção do que é ou não Jornalismo e do que é credível/confiável.

Na esteira de Kovach e Rosenstiel, (2004, 2014), entendemos que é necessário revalorizar os princípios do Jornalismo, reafirmando-o na sua essência: Jornalismo é prestar um serviço a toda a sociedade (a informação verdadeira, contrastada e respeitadora de princípios éticos de que cada pessoa precisa no dia-a-dia para ser livre e se autogovernar) e não apenas prestar serviço a parte da sociedade. Ser parcial na esfera pública é comunicação persuasiva; não é Jornalismo. Assim como não é Jornalismo difundir desinformação, *fake news*, rumores, propaganda, teorias da conspiração ou disparates. Não deixemos que os “esgotos” despejados na Internet (Figura 1)

destruam o Jornalismo como pilar da democracia. E a primeira obrigação de um docente de Jornalismo – muito especialmente de Ciberjornalismo – tem de ser a de transmitir aos seus estudantes o respeito e defesa intransigentes dos valores do Jornalismo, transmitindo-lhes conhecimentos que lhes permitam dominar técnicas de pesquisa, de seleção, de confirmação, de expressão e de difusão de factos relevantes para a sociedade, com independência e ética.

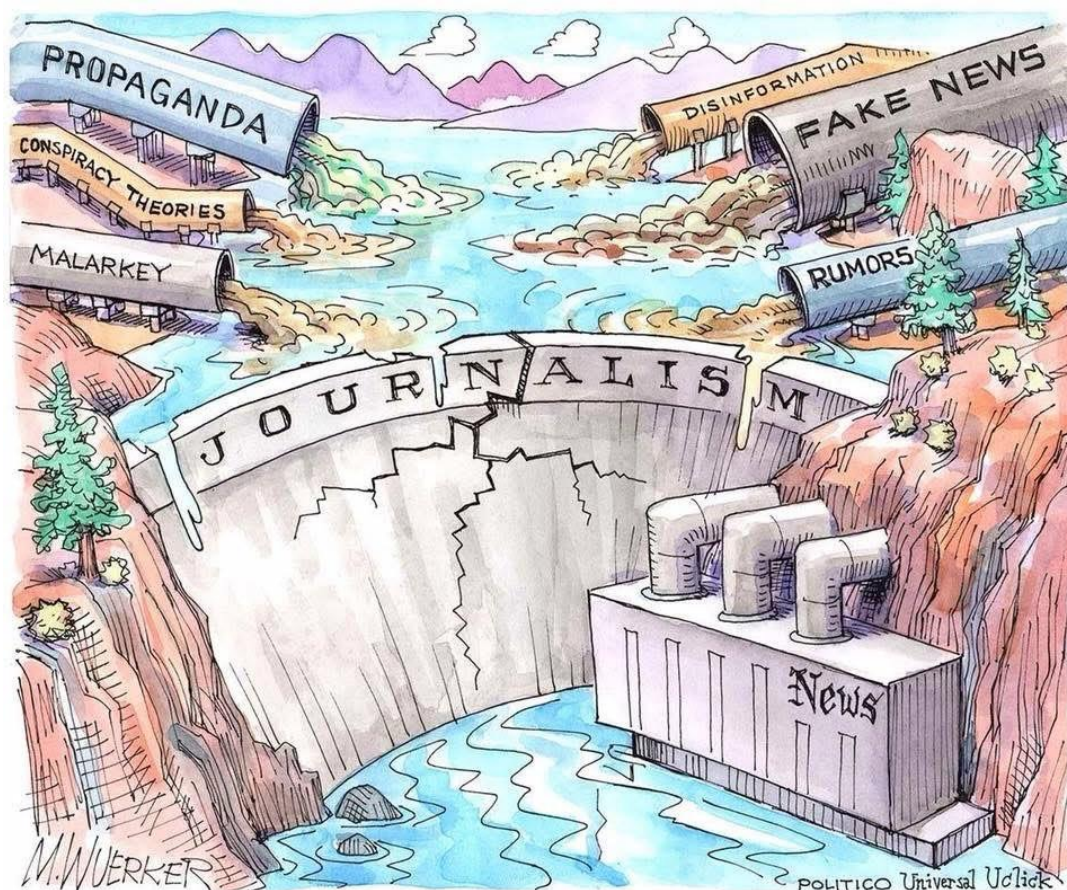


Figura 1: A pressão do não jornalismo sobre o jornalismo e a produção de notícias. Cartoon de Matt Wuerker, Politico. <https://www.politico.com/news/matt-wuerker>

Em Portugal, assistimos a uma situação paradoxal: por um lado, a menorização do Jornalismo enquanto área científica autónoma está bem patente na existência de apenas um grupo de trabalho com esta designação (e acoplada a outra – “Sociedade”) na SOPCOM – Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação; por outro, são muito frequentes as publicações (em diferentes formatos – livros e números especiais de revistas), teses de pós-graduação e congressos sobre Jornalismo. Para Marisa Torres da Silva, os estudos de jornalismo “são um campo de investigação científica com uma relevância cada vez maior no âmbito das ciências da comunicação, a nível internacional” (Silva, 2024: 19), e em Portugal têm-se consolidado e qualificado de forma mais consistente desde a década de 1990. Com este rápido crescimento, os estudos de jornalismo transformaram-se num campo de investigação que, “20 anos após a

sua institucionalização, conta agora com vários periódicos importantes, dezenas de estudos publicados anualmente e centenas de académicos globalmente empenhados no estudo das notícias” (Lewis, 2019: 1).

Num processo paralelo, também a procura e oferta de cursos superiores cresceu exponencialmente a partir do final do século XX, como documentam as investigações de doutoramento de Sandra Marinho (2012) e de Pedro Coelho (2014) sobre a formação em Jornalismo no país. Todos os anos milhares de candidatos concorrem às dezenas de cursos de Comunicação e Jornalismo ministrados em Portugal por universidades e institutos politécnicos, públicos e privados. A par do Ensino Superior, mantêm-se ativas entidades de formação profissional em Jornalismo, nomeadamente o Cenjor – Centro Protocolar de Formação Profissional para Jornalistas, em Lisboa, e a Escola de Jornalismo do Porto, herdeira da Escola Superior de Jornalismo (ESJ). Em paralelo, alguns órgãos de comunicação social (OCS) oferecem aos seus jornalistas e estagiários ações de formação interna, quer generalistas (sobre o tipo de jornalismo praticado no OCS) quer temáticas, de especialização e/ou de atualização.

Então diretor do Cenjor, Fernando Cascais destacava as vantagens do modelo intermédio de formação profissional fora da redação: “(...) a formação exclusivamente interna ou ligada a uma determinada empresa é uma via para a deformação profissional. As opções editoriais da empresa tendem a substituir os programas de formação independentes” (Cascais, 2004: 88). Sobre a discussão *formação académica versus formação profissional*, Cascais centrava a questão na diferença semântica entre ensino *do* jornalismo ou *para* o jornalismo:

“Do sugere uma preparação científica num campo já definido e estruturado de saberes e de técnicas, tendendo para uma certa “universalização” da formação académica, um modelo paralelo às outras profissões com as quais o Jornalismo por vezes gosta de se comparar – o Direito, a Medicina; *para* abre o campo de formação ao nível do acesso, diversificando a formação de base e tornando a componente jornalística um complemento, embora indispensável.” (Cascais, 2004: 86)

No início do século XXI, com a “avalanche” de diplomados a saírem das instituições de ensino, a composição das redações portuguesas alterou-se radicalmente, equilibrando o número de jornalistas sem formação na área (os mais velhos e experientes) e com formação universitária em Comunicação Social ou Jornalismo (os mais novos e menos experientes). O ensino do Jornalismo em Portugal caracterizava-se então por uma “separação relativamente acentuada” (Pinto, 2004: 54) entre “formação inicial” (universitária) e “formação em serviço” (na redação), separação essa que se mantém nalgumas redações, especialmente nas menos rejuvenescidas,

nas de Jornalismo Especializado e nas que têm livros de estilo ou normas internas de cumprimento recomendado ou mesmo obrigatório.

A chegada da Internet ao jornalismo português (Bastos, 2000) e, especialmente, a fase de expansão registada em 1999/2000 (Bastos, 2023), obrigou as redações a darem formação específica aos seus jornalistas e/ou a renovarem as suas equipas com jornalistas conhecedores do meio e/ou experimentados em práticas jornalísticas multimédia, interativas e/ou de difusão contínua, como os jornalismo radiofónico, televisivo e de agência noticiosa. Como sempre acontece nestes casos, a universidade não teve capacidade para dar resposta imediata às solicitações do mercado. O ciberjornalismo iniciou-se em Portugal em 1995 (Bastos, 2000), mas só cinco anos depois, em fevereiro de 2000, surge a primeira unidade curricular específica desta especialidade jornalística, precisamente com a designação Ciberjornalismo, na Universidade Nova de Lisboa, lecionada por António Granado (Bastos, 2006)⁶. Foi também no ano 2000, em outubro, que a Universidade do Porto abriu a sua primeira licenciatura na área, de Jornalismo e Ciências da Comunicação, com um plano de estudos inovador, apostado na formação teórico-prática e na interseção entre as ciências sociais e humanas, a tecnologia e as artes. O corpo docente juntava académicos destas áreas e profissionais com formação superior. Uma das inovações do plano de estudos foi a inclusão da componente Online (a par das de Imprensa, Rádio e Televisão) nas unidades curriculares teórico-práticas e laboratoriais de Jornalismo dos quatro anos letivos: Técnicas de Expressão Jornalística (1.º e 2.º anos, tronco comum) e Ateliers de Jornalismo (3.º e 4.º anos, área de especialização em Jornalismo). O relatório que aqui se apresenta é da unidade curricular (UC) autónoma resultante da desagregação da UC Técnicas de Expressão Jornalística.

Tratando-se de uma nova área do Jornalismo, foi necessário criar de raiz conteúdos programáticos para as novas unidades curriculares, suportados em bibliografia também ela muito recente, produzida, sobretudo, por professores de Jornalismo com experiência jornalística e atentos à evolução tecnológica, mas também por teóricos que refletiam sobre o impacto que a chegada da Internet teria (e, nalguns casos, já estava a ter), quer nas redações quer na sociedade. Os programas das UC de Técnicas de Expressão Jornalística Online e de Ateliers de Jornalismo Online foram construídos por Helder Bastos, que no ano anterior defendeu na Universidade Nova de Lisboa, sob a orientação de Nelson Traquina, a primeira tese (de mestrado) produzida em Portugal sobre Jornalismo Online. A tese, publicada em livro (Bastos, 2000), partia da experiência pioneira no país de Helder Bastos como ciberjornalista, na

⁶ O programa, bibliografia e outras páginas da unidade curricular ainda estão disponíveis online, neste endereço: <http://www2.fcsh.unl.pt/cadeiras/ciberjornalismo/default.htm>

redação do Jornal de Notícias. Como pioneiro também da investigação do ciberjornalismo em Portugal, Bastos definiu os conceitos-chave deste subcampo, distinguindo “Jornalismo Online” de “Jornalismo Digital”, designando “Jornalismo Electrónico” (título da tese e do livro) como o conjunto dos dois primeiros. O autor quis, desta forma, destacar a importância da Internet como ferramenta para o jornalista, independentemente do meio em que trabalhe (imprensa, rádio, televisão, agência noticiosa ou Internet), área que designou como “Jornalismo Online” (expressão simplificada de “Jornalismo Assistido por Computador com Base na Internet”), separando esta função da produção jornalística na e para a Internet, que designou como “Jornalismo Digital”. Só mais tarde Bastos veio a optar pela expressão “Ciberjornalismo”, no sentido abrangente, ainda que com algumas reservas. “Ao fim destes vinte e cinco anos, o próprio conceito de ciberjornalismo, traduzido num vocabulário, não consensual, que assumiu uma grande variedade de propostas ao longo do tempo – jornalismo online, jornalismo multimédia, webjornalismo, jornalismo digital, jornalismo convergente, multiplataforma, etc. – está ainda por consolidar de forma plena” (Bastos, 2023: 14). O autor salienta que até a própria consagração de um “ciberjornalismo”, enquanto ramo autónomo distinguível do tradicional, ainda não reúne consenso, nem na academia nem na profissão. “Para alguns, não faz sequer sentido a distinção entre jornalismo e ciberjornalismo pois, é argumentado, tudo não passa de jornalismo” (Bastos, 2023: 14). Ainda assim, na obra em que faz o balanço do primeiro quarto de século de ciberjornalismo em Portugal, Helder Bastos reafirma o ciberjornalismo como “um ramo específico, com as suas linguagens, plataformas, modalidades e práticas próprias, no interior do campo mais vasto do jornalismo” (Bastos, 2023: 14). E define ciberjornalismo como “o jornalismo produzido para publicações na Web por profissionais destacados para trabalhar, tendencialmente em exclusivo, nessas mesmas publicações em redacções digitais, que, por norma, têm um espaço próprio no interior das redacções tradicionais” (Bastos, 2023: 14).

“No dia em que as todas redacções forem totalmente integradas, em que todos os jornalistas e ciberjornalistas trabalhem para as mesmas plataformas, com as mesmas linguagens, recursos e práticas, talvez deixe de fazer sentido a distinção entre jornalismo e ciberjornalismo. Por enquanto, pelo menos em Portugal, estamos ainda longe dessa realidade. Apesar de alguns sinais que apontam no sentido da convergência, redacções digitais e tradicionais tendem ainda a funcionar em paralelo (não integradas, portanto), cada uma com o seu espaço físico próprio e com as suas equipas distintas, ainda com algumas zonas de cruzamento e interpenetração.” (Bastos, 2023: 14)

A definição de ciberjornalismo expressa por Bastos não é muito distinta da que Javier Díaz Noci e Ramón Salaverría apresentam no *“Manual de Redacción Ciberperiodística”*: “especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para a investigação, a elaboração e, muito

especialmente, a difusão de conteúdos jornalísticos” (Díaz Noci e Salaverría, 2003: 17). As duas definições são concordantes quanto ao reconhecimento de que estamos na presença (ainda que eventualmente transitória) de uma especificidade (“ramo específico”; “especialidade”) do jornalismo, mas a definição dos coordenadores do manual aproxima-se mais dos objetivos e conteúdos programáticos das unidades curriculares objeto deste relatório. Em Técnicas de Expressão Jornalística Online pretende-se que os estudantes adquiram competências não só de produção jornalística para ser difundida no ciberespaço, mas também de pesquisa (no mesmo ambiente online) de informações com valor noticioso.

3. Problematização e reflexão sobre os conteúdos das duas unidades curriculares

Como veremos mais à frente, os contributos iniciais de Helder Bastos foram decisivos como pano de fundo teórico da definição de objetivos e da construção de conteúdos programáticos das unidades curriculares de Técnicas de Expressão Jornalística Online ao longo destes 25 anos. Apesar de a designação das duas UC apontar, restritivamente, para “técnicas de expressão”, as técnicas de pesquisa jornalística online também estiveram presentes desde o início e nunca foram abandonadas, nem nos objetivos definidos, nem na elaboração e execução do programa, nem nas componentes de avaliação, e nem nas competências e resultados de aprendizagem esperados. A Licenciatura em Ciências da Comunicação (atual designação do curso) oferece no tronco comum outras UC, como Tecnologia dos Media (1.º ano) e Comunicações Digitais e Internet (2.º ano), em que se abordam técnicas e ferramentas de pesquisa de informação online, mas não na aceção específica do trabalho do jornalista.

Ainda que mantendo a designação, as duas UC objeto deste relatório registaram alterações nestes 25 anos, sobretudo nos conteúdos programáticos, mas também na tipologia, componentes e critérios de avaliação. Nos dois anos curriculares, a tipologia foi alterada para avaliação distribuída sem exame final, repartida (em partes iguais: 50% cada) por exercícios em aula e fora de aula. O exame final, que nos primeiros anos foi uma das componentes de avaliação (a outra foram sempre os exercícios em aula), deixou de existir, por se revelar menos eficaz na verificação de competências e resultados de aprendizagem. Tipicamente com uma questão teórica (sobre conceitos trabalhados em aula) e outra prática (construção de uma cibernotícia com base em dados fornecidos pelo docente), o exame final era feito em papel, para impedir que os estudantes partilhassem respostas recorrendo à Internet. Na (simulação de) cibernotícia, os estudantes tinham de indicar na folha de exame os locais e conteúdos das hiperligações e elementos multimédia. Este método “artesanal” foi substituído por exercícios extra-aula

(construção e alimentação de site noticioso no 1.º ano e produção de entrevista/reportagem hipertextual e multimédia para publicação online no 2.º ano) centrados na avaliação da aplicação prática de conceitos teóricos e competências adquiridas em aula. Também na avaliação em aula foram feitos ajustamentos. Os exercícios em aula, de pesquisa online e de construção de cibernotícias em diferentes géneros jornalísticos, passaram a ser feitos em comunicação livre e aberta. Os estudantes podem trocar impressões entre si e deslocarem-se dentro da sala, simulando o ambiente real (de ruído e de entreajuda) de uma redação, em que o jornalista tem de se concentrar no seu trabalho, ao mesmo tempo que presta e recebe ajuda dos colegas. A única condição que é colocada é que cada estudante respeite o outro. Se alguém não quer comunicar com outros e prefere trabalhar sozinho (também há competição no jornalismo), essa decisão tem de ser respeitada pelos colegas. Em síntese, os exercícios em aula são usados como simulação do trabalho em redação, enquanto os exercícios extra-aula simulam o teletrabalho e o jornalismo *freelance*.

A evolução das duas UC de Técnicas de Expressão Jornalística Online reflete a evolução que o ciberjornalismo teve desde a sua génese e também a evolução da investigação sobre ciberjornalismo. Trinta anos depois do surgimento do jornalismo na Internet, verificamos que a previsão de John Pavlik (2001) foi parcialmente cumprida. O ciberjornalismo chegou à terceira fase de evolução, com a produção de conteúdos exclusivamente para a Internet, aproveitando todas as características do meio, mas mantém traços da segunda fase, de utilização de apenas algumas potencialidades do meio (como a instantaneidade, a multimedialidade e/ou a hipertextualidade) e, sobretudo, da primeira fase, de mera transposição para a Internet de conteúdos produzidos para os meios tradicionais ("*shovelware*"). Entre os media jornalísticos com presença na Internet mais consolidada, como, por exemplo, The Guardian, New York Times, Público e Renascença, o que assistimos hoje é à convivência entre o *shovelware* (disponibilização na Internet da versão digital do jornal ou do noticiário radiofónico, em direto – *streaming* – ou em arquivo – *on-demand*) e a produção e difusão de conteúdos produzidos especificamente para a Internet. Mas a realidade mais comum do (escasso) ciberjornalismo de excelência é a produção convergente, multiplataforma e configurada para múltiplos dispositivos.

Visão relevante sobre a evolução dos media e do jornalismo na Era da Internet é a de Walter Dean, antigo jornalista da estação de televisão CBS e diretor pedagógico do "Comité dos Jornalistas Preocupados" (*Committee of Concerned Journalists*), o grupo de 20 jornalistas norte-americanos que desenvolveu durante um ano e meio, entre 1998 e 1999, o profundo estudo – alicerçado em debates por todo o território dos Estados Unidos, entrevistas, depoimentos e reflexões críticas – que conduziu à obra "*The Elements of Journalism: What Newspeople Should*

Know and the Public Should Expect”, de Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004, 2014), o livro que o docente recomenda aos estudantes – repetida e veementemente – que não deixem de ler, nem que seja o único que leiam na íntegra até ao final da licenciatura. Walter Dean considera que “o jornalismo online – tal como a imprensa escrita e a televisão – encontra-se no meio caótico de uma revolução tecnológica em curso que oferece grandes promessas, mas também grandes desafios” (Dean, 2019: 8). “Por um lado, está o potencial possibilitado pelo enorme, barato e facilmente obtido poder computacional e pela distribuição online. Por outro lado, estão as consequências indesejadas de um mundo amplamente conectado, no qual a recolha, a verificação e a divulgação de informações – antes feitas por jornalistas – foram rápida e radicalmente dispersas para praticamente qualquer pessoa” (Dean, 2019: 8).

“Navigating the messy middle” (Navegando pelo meio confuso) foi o título dado por Walter Dean a este pequeno artigo que abre o livro resultante do VI Congresso Internacional de Ciberjornalismo, realizado na FLUP em novembro de 2018 e organizado pelo docente das UC de TEJ Online e pelos colegas do ObCiber Ana Isabel Reis, Helder Bastos e Pedro Jerónimo. Por sugestão do docente, o tema do congresso foram as “Ameaças ao ciberjornalismo”, que vastamente elencou no texto de apresentação⁷: “*Fake news*, pós-verdade, *clickbait*, conteúdos patrocinados, fim da neutralidade da Internet, desinformação, imediatismo, publicação sem verificação, *infotainment*, sensacionalismo, conteúdos virais, manipulação, enviesamento, descontextualização, autoedição, publicação amadora, anonimato, sedentarismo, produção multitarefa, desinvestimento, desintermediação, desregulação, precariedade, redes sociais, motores de busca, agregadores, rapinagem de conteúdos, tráfico de dados pessoais, publicidade intrusiva, *ad blockers*, automatização, robôs... São muitas as ameaças ao ciberjornalismo”. Reportando-se a esta lista de ameaças, Walter Dean, que proferiu a conferência de abertura do congresso, refere que “o próprio termo «ciberjornalismo» é um exemplo da confusão que reina neste meio caótico” (Dean, 2019: 8). “O ciberjornalismo é jornalismo tradicional, mas em novas plataformas? Ou é outra coisa, talvez um novo género de recolha e divulgação de informação com valores, práticas e ferramentas próprios, que o distinguem do que os repórteres e editores têm feito tradicionalmente?”, questiona Dean (2019: 8). E prossegue: “Essas perguntas difíceis são mais fáceis de responder se primeiro concordarmos sobre o que torna o jornalismo especial, o que o diferencia de tudo o resto no universo da informação. Isso pode ser assustador, porque o jornalismo muitas vezes parece mais um ofício do que uma profissão (Dean, 2019: 9).

No caso português, o ciberjornalismo “teima” em se manter na fase de “estagnação pontuada por investimentos a contracorrente”, como classifica Bastos (2023: 17), estagnação essa que se

⁷ <https://cobciber6.wordpress.com/>

segiu à “depressão” de 2001, quando rebentou a “bolha” das “dot.com” (Bastos, 2023: 83), levando à redução drástica de trabalhadores e até ao encerramento de inúmeras empresas que, nos dois anos anteriores, apostaram na Internet como novo “El Dorado”, na esperança de grandes receitas publicitárias. “O *shovelware* misturado com “últimas notícias”, tantas vezes produzidas por agência de informação, fez escola no ciberjornalismo português. No caso de alguns cibermedia, a mera reprodução de textos da agência Lusa foi, e continua a ser, esmagadora. Trata-se de uma solução barata, mas que em pouco ou nada contribui para o fomento da credibilidade e afirmação dos mesmos” (Bastos, 2023: 167). O autor faz um “balanço menos positivo” dos primeiros 25 anos do ciberjornalismo português:

“Com poucos recursos humanos, subdimensionadas, por vezes mal enquadradas no contexto das redacções principais e das estratégias empresariais, não poucas vezes subvalorizadas pelas próprias direcções editoriais, as redacções digitais pouco espaço tiveram para se afirmar, sobretudo em termos estritamente jornalísticos. Os ciberjornalistas empregaram boa parte do seu tempo, ou na adaptação de conteúdos produzidos por outros profissionais, internos ou externos às suas empresas, ou noutra tipo de tarefas de pendor mais técnico ou rotineiro (moderação de fóruns e comentários, tratamento de fotos, resposta a *emails* dos ciberleitores, gestão de redes sociais, etc.). Tudo isto fez com que tenham tido pouco espaço e, não poucas vezes, meios para se dedicarem a práticas e funções consagradas da profissão jornalística” (Bastos, 2023: 167-168).

Na investigação científica, ainda que com poucos doutorados com especialização na área, Portugal tem acompanhado a “significativa” evolução internacional verificada nos primeiros 25 anos (Quandt, 2023: 1), quer propondo novas técnicas e linguagens, quer monitorizando os esforços dos cibermeios jornalísticos para acompanhar a vertiginosa evolução tecnológica registada nas últimas décadas, assim como os conturbados desenvolvimentos sociais, culturais, ambientais, sanitários, políticos e económicos registados em paralelo, quase todos com impacto à escala planetária, em consequência dos processos de globalização económica e comunicativa que marcam a “turbulenta Era da Internet” (Boyd-Barrett, 2012) em que vivemos.

Num muito interessante ensaio, Thorsten Quandt (2023) faz um balanço dos primeiros 25 anos de investigação do jornalismo digital/ciberjornalismo, analisando a sua “coevolução” com a própria área profissional, no contexto histórico dos principais eventos sociopolíticos e de inovações tecnológicas ocorridos no mesmo período (Fig. 2). Quandt define quatro grandes fases empíricas da investigação do ciberjornalismo, de “Nicho”, “Euforia”, “Desilusão”, e “Desgraça e Tristeza”, sugerindo uma quinta, de “Normalização”, caracterizadora do estado atual deste campo científico. O professor de Comunicação Online da Universidade de Münster, Alemanha, ressalva que a análise é feita numa “perspetiva pessoal de um académico europeu”,

modéstia que não esconde o mérito de se tratar de um conhecedor, um dos mais referenciados da área, com vasta investigação de qualidade sobre ciberjornalismo desde o final dos anos 1990, com uma visão global, ainda que mais atenta ao contexto europeu. Quandt caracteriza a fase inicial de “Nicho”, que situa entre 1996 e 2005, como de procura de espaço próprio, quer pelos profissionais quer pelos académicos do ainda jovem ciberjornalismo, “frequentemente contra as estruturas e rotinas existentes no sistema de media” (Quandt, 2023: 4). Seguiu-se a “Euforia”, sensivelmente entre 2003 (ainda mesclada com a de nicho) e 2012, fase marcada pelas publicações de Gillmor, Rosen, Deuze, Bruns, Neuberger, Domingo, Heinonen e o próprio Quandt, sobre a promissora entrada do cidadão comum, a “antiga audiência” (Gillmor, 2004), na produção jornalística. A fase da “Desilusão” chega cedo, por volta de 2007, e prolonga-se até 2017. Os espaços de participação abertos pelos cibermeios rapidamente se transformaram em interação horizontal, apenas entre cidadãos comuns, sem a tão esperada participação do jornalista. “Muitos jornalistas aparentemente não tinham tempo para interagir com os utilizadores, e alguns tiveram até más experiências que conduziram a uma atitude defensiva” (Quandt, 2023: 11). Uma “volta de 180 graus” aconteceu na fase seguinte, de “Desgraça e Tristeza”, iniciada por volta de 2014, quando muitos trabalhos académicos anunciaram “medo e falhanços, em vez de esperanças, destacando vulnerabilidades em vez de opções, e alertando para a minagem da democracia em vez do seu reforço através da participação” (Quandt, 2023: 12). Os investigadores passaram a focar-se em conceitos negativos e pessimistas, como “*toxic talk*”, *partisan “incivility”*, “guerra do ciberespaço” e necessidade de “controlar a conversação”. O contexto propiciou este estado negativo. As tentativas de desinformação através dos media durante as campanhas que conduziram à aprovação do Brexit e à primeira eleição de Donald Trump, durante a pandemia da Covid e, mais recentemente, ao longo da guerra na Ucrânia, levaram o próprio Quandt a classificar como “participação escura” (“dark participation”) tais “negativas, egoístas ou mesmo profundamente sinistras contribuições” para o processo de produção noticiosa (Quandt, 2023: 13). O autor apela à comunidade académica para avançar para uma quinta fase, de “Normalização” da investigação, que simultaneamente valorize os aspetos positivos e negativos. “Nós, como académicos, podemos ter criado pelo menos parte da atual obscuridade”, salienta (Quandt, 2023: 13).

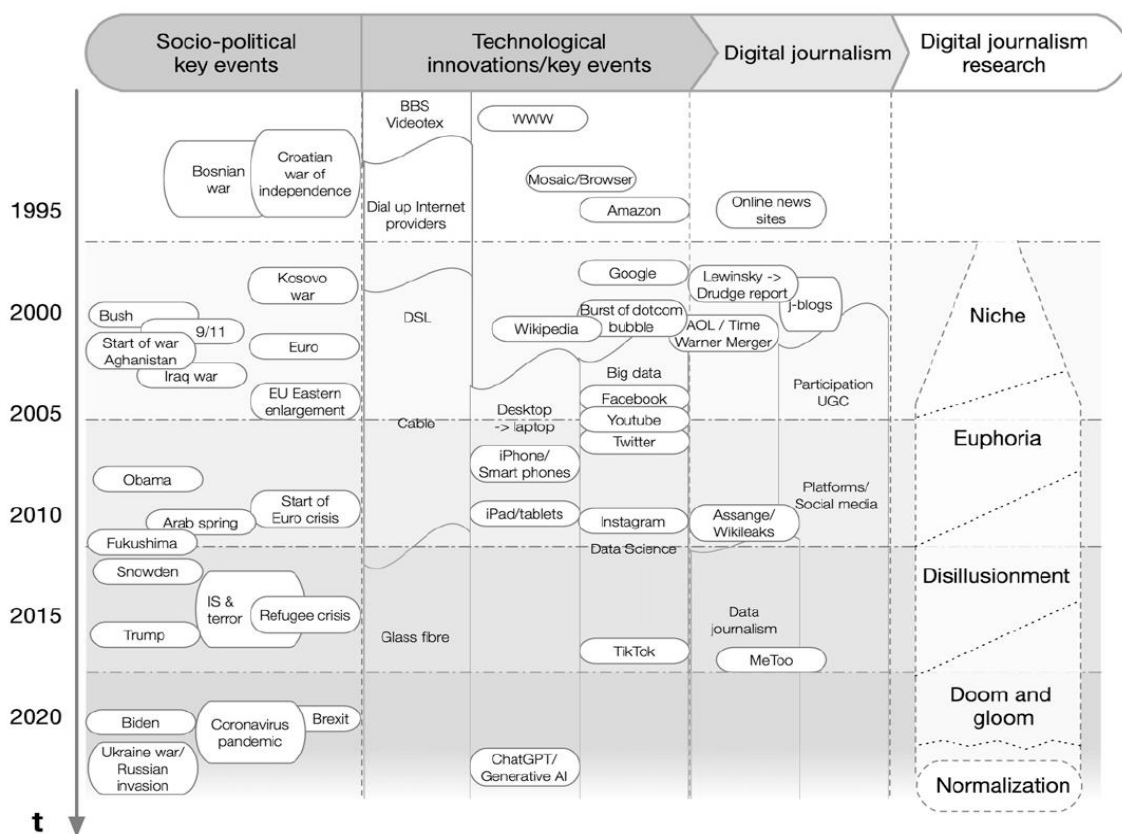


Figura 2: 25 anos de investigação do jornalismo digital – fatores de influência e eventos-chave (Quandt, 2023: 6)

4. Enquadramento na Licenciatura em Ciências da Comunicação

As unidades curriculares objeto deste relatório integram o tronco comum do plano de estudos da Licenciatura em Ciências da Comunicação (LCC) da Universidade do Porto, anteriormente designada Jornalismo e Ciências da Comunicação (LJCC) e Ciências da Comunicação: Jornalismo, Assessoria, Multimédia (LCC-JAM).

Este ciclo de estudos surgiu em 2000, com base num protocolo assinado entre quatro faculdades da Universidade do Porto: Letras (FLUP), Engenharia (FEUP), Belas Artes (FBAUP) e Economia (FEP). Como referido na sua página de apresentação⁸, a LCC “pretende combinar uma formação na área das Humanidades e das Ciências Sociais com as áreas das novas tecnologias da informação e da comunicação, da estética, da economia e gestão”. Depois de frequentarem um tronco comum de quatro semestres, os estudantes optam, a partir do quinto semestre, por um

⁸

https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_view?pv_ano_lectivo=2025&pv_origem=CUR&pv_tipo_cur_sigla=L&pv_curso_id=455

de três percursos alternativos definido no plano de estudos: Jornalismo, Multimédia ou Comunicação Estratégica⁹.

O curso tem uma forte componente prática, alicerçada em estúdios de televisão e rádio, e numa redação online (JPN) que funciona ao longo de todo o ano letivo. No último semestre, os estudantes têm a possibilidade de frequentar um estágio curricular, que, no caso da vertente de Jornalismo, acontece em redações de órgãos de comunicação social de imprensa, rádio, televisão, agência noticiosa ou online. Parte ou a totalidade do estágio curricular pode ser realizada no JPN.

A LCC funciona integralmente nos edifícios da FLUP, para onde se deslocam os docentes das unidades orgânicas parceiras (FEUP, FEP e FBAUP). É um curso bastante procurado, registando cerca de mil candidatos por ano, sendo a licenciatura pública de Comunicação e Jornalismo do país (das 16 a funcionar) com média mais alta de entrada do último colocado do contingente geral (17,4 em 2025)¹⁰. É também a licenciatura da FLUP (das 13 a funcionar) com média mais alta de acesso.

Nos últimos quatro anos, cerca de 80% dos estudantes colocados foram mulheres e também cerca de 80% escolheram o curso como primeira opção. A LCC acolheu no total 130 novos estudantes no ano letivo 2024/25, metade dos quais colocados através do contingente geral do regime geral de acesso ao Ensino Superior. Dos restantes, destacam-se os estudantes internacionais (16,2%), os colocados pelos regimes prioritários (10%), os que entraram por mudança de curso (7,7%) e os admitidos através do concurso para maiores de 23 anos (6,2%). Todos os anos cerca de 90 estudantes concluem a licenciatura e cerca de 50 interrompem a frequência. A classificação final média dos licenciados tem-se situado acima dos 15 valores. No ano letivo 2024/25, 54 estudantes da LCC tinha estatuto de trabalhador-estudante, 29 de estudante internacional e sete de estudante com necessidades educativas especiais.

A escolha de Jornalismo como ramo de especialidade no 3.º ano tem registado uma tendência de queda nos últimos quatro anos, em favor do ramo de Comunicação Estratégica. A queda foi mais acentuada entre os anos letivos de 2023/24 e 2024/25 (de 53 para 39 estudantes), período conturbado nos media portugueses, marcado pelas crises nos grupos Global Media e Trust in News, e pela primeira greve geral de jornalistas em mais de 40 anos¹¹.

9

https://sigarra.up.pt/flup/pt/cur_geral.cur_planos_estudos_view?pv_plano_id=35504&pv_ano_lectivo=2025&pv_tipo_cur_sigla=L&pv_origem=CUR

¹⁰ Fonte: António Granado - <https://www.facebook.com/photo/?fbid=10165462935231756&set=a.451868966755>

¹¹ Fonte: Sindicato dos Jornalistas - <https://jornalistas.eu/a-greve-geral-de-14-de-marco-entrou-para-a-historia-do-jornalismo-portugues-2/>

A LCC é herdeira do primeiro curso superior da Universidade do Porto na área das Ciências da Comunicação (a já mencionada LJCC). Tem a sua sede administrativa na Faculdade de Letras, unidade orgânica (UO) que assegura a maioria da distribuição de serviço docente, sendo o restante garantido pelas três UO parceiras – FEUP, FEP e FBAUP – e por outros departamentos da FLUP. O corpo docente da LCC é maioritariamente constituído por doutorados em Ciências da Comunicação ou com investigação especializada na área, que integram o Departamento de Ciências da Comunicação e da Informação (DCCI) da FLUP.

Atualmente, além da LCC, a oferta formativa do DCCI inclui a Licenciatura em Ciência da Informação (em parceira com a Faculdade de Engenharia), o Mestrado em Ciências da Comunicação (em parceria com a FEUP, FEP e FBAUP, e dirigido pelo candidato desde 2023), o Mestrado em Ciência da Informação (em parceira com a FEUP, que tem a sede administrativa), o Mestrado em Comunicação e Gestão de Indústrias Criativas e o Doutoramento em Ciências da Comunicação e Informação.

O DCCI é responsável também (em colaboração com três outros departamentos da FLUP: História e Estudos Políticos e Internacionais, Sociologia e Geografia) pelo novo Doutoramento em Estudos Globais e do Desenvolvimento, integrando o candidato a Comissão Científica.

Compete ainda ao DCCI assegurar a parceira institucional da FLUP no Mestrado em Multimédia (sediado na FEUP e envolvendo cinco UO da U.Porto), no Plano Doutoral em Media Digitais (envolvendo nove UO, cinco da U.Porto e quatro das universidades Nova de Lisboa e de Lisboa) e no novo Mestrado em Saúde, Comunicação e Sociedade (uma parceria entre duas UO da U.Porto: o ICBAS – Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar e a FLUP).

Alguns docentes do DCCI prestam também colaboração em ciclos de estudos e UC de outros departamentos da FLUP e de outras unidades orgânicas da U.Porto.

A maioria dos docentes do DCCI integra o Grupo de Investigação ICCD - Informação, Comunicação e Cultura Digital do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, unidade de investigação e desenvolvimento financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) e sediada na FLUP. O grupo ICCD é coordenado pelo candidato desde 2024.

5. UC Técnicas de Expressão Jornalística I - Online

Técnicas de Expressão Jornalística I – Online (Código: CC054; Sigla: TEJ_O) é uma unidade curricular teórico-prática obrigatória de 3 créditos ECTS do plano de estudos da Licenciatura em Ciências da Comunicação (LCC) da Universidade do Porto. É lecionada presencialmente no segundo semestre do 1.º ano, num total de cerca de 13 aulas (o número pode variar, em função do calendário letivo e de feriados) de uma hora, acrescidas de meia hora semanal para orientação tutorial.

Os cerca de 120 estudantes que habitualmente frequentam a UC são divididos em quatro turmas, em horários diferenciados, que funcionam em salas com 30 computadores.

As aulas são lecionadas em língua portuguesa, mas é permitida a frequência a falantes de outras línguas, a quem – se solicitado – é feito um resumo da aula e/ou esclarecimento de dúvidas. Estes estudantes podem executar os trabalhos de avaliação em inglês, francês ou espanhol.

De seguida apresentam-se as informações principais constantes na ficha da unidade curricular¹², acompanhadas de notas explicativas: objetivos da UC, competências e resultados esperados da aprendizagem, programa, bibliografia, métodos de ensino e atividades de aprendizagem, mínimos de obtenção de frequência, e tipologia e componentes da avaliação.

5.1. Objetivos, competências e resultados de aprendizagem esperados

O estudante deve ficar a conhecer a teoria básica sobre o jornalismo na Internet e a dominar as principais ferramentas da rede para fins jornalísticos.

Pretende-se que o estudante domine as técnicas de expressão específicas do jornalismo na Internet e distinga os diferentes géneros jornalísticos do meio.

Pretende-se também que o estudante domine as principais ferramentas da Internet úteis para o trabalho do jornalista.

Em síntese, os objetivos abrangem o domínio do “jornalismo online” e do “jornalismo digital”, nas aceções originais de Bastos (2000): “contacto com fontes, recolha de informação e pesquisa de conteúdos na Internet”, e “produção de conteúdos jornalísticos na rede e para a rede”, respetivamente. A primeira competência é relevante para qualquer jornalista,

¹² https://sigarra.up.pt/flup/pt/ucurr_geral.ficha_uc_view?pv_ocorrencia_id=537989

independentemente do tipo de meio em que trabalhe (tradicional ou online), e a segunda é específica do ciberjornalista.

5.2. Programa

1. INTERNET

1.1. Enquadramento histórico e evolução

1.2. Modelos de comunicação

1.3. Comunidades virtuais e cibercultura

2. JORNALISMO ONLINE

2.1. Origem, desenvolvimento, conceitos

2.2. Ferramentas da Internet úteis para o trabalho do jornalista

2.3. Técnicas de pesquisa e recuperação de informação online

2.4. Fiabilidade da informação online

2.5. Questões éticas e legais

3. CIBERJORNALISMO

3.1. Origem, desenvolvimento, conceitos

3.2. Potencialidades e características

3.3. Linguagens e técnicas de expressão

3.4. Desafios de novas modalidades

3.5. Iniciação à prática ciberjornalística

5.3. Explicitação do Programa

O programa está organizado em três partes, que não são necessariamente abordadas de modo sequencial, como se verá mais à frente na apresentação do planeamento e sumário das aulas. Propositadamente, entrelaçam-se os três pontos ao longo do semestre, de modo a equilibrar os momentos mais teóricos com os de experiência prática.

O primeiro ponto, “Internet”, é afluado nas primeiras aulas a par da apresentação (integrada no ponto 2) de ferramentas online com potencial interesse e utilidade para o trabalho do

jornalista (Feedly, Instapaper¹³, Alertas Google e Newsletters). Fazendo a Internet parte do nosso quotidiano e sendo a esmagadora maioria dos estudantes “nativos digitais” (nasceram e cresceram com as tecnologias digitais presentes na sua vida), a alusão à história e evolução da Internet, aos seus modelos de comunicação e às comunidades virtuais, assim como aos conceitos de ciberespaço e cibercultura, serve como teste ao conhecimento dos discentes, que, frequentemente, revelam falhas em questões básicas, como a distinção entre Internet e Web.

No segundo ponto, “Jornalismo online”, são apresentadas as quatro ferramentas (uma por aula, normalmente entre a 3.ª e a 6.ª aulas) que os estudantes devem experimentar. As quatro ferramentas/tipos de ferramenta foram escolhidas pela utilidade que podem ter para o jornalista. O Feedly e as newsletters de fontes jornalísticas ajudam o jornalista a ter uma “dieta informativa” atualizada e rápida, os Alertas Google e as newsletters/mailling-lists de fontes primárias (que também têm a função de “dieta informativa”, neste caso especializada) podem dar ao jornalista informação com valor-notícia ainda não trabalhada e difundida pelo jornalismo (oferecendo ao jornalista a oportunidade de dar uma notícia em primeira mão), e o Instapaper ajuda o jornalista a guardar, organizar e recuperar informação de forma rápida. No ponto 2 do programa, abordam-se também as relações da Internet com o jornalismo e, em especial, o jornalista, confrontando os diversos conceitos que lhe estão associados (jornalismo online, jornalismo digital, jornalismo eletrónico, jornalismo multimédia, webjornalismo e ciberjornalismo). São depois apresentadas técnicas de pesquisa e recuperação de informação online, e de medição da fiabilidade da informação online, acompanhadas de exemplos e de exercícios práticos. Estes momentos são aproveitados para introduzir e estimular a reflexão e o debate sobre as questões éticas e legais inerentes à atividade.

O último ponto, “Ciberjornalismo”, é dedicado especificamente às técnicas de expressão jornalística online, da teoria à prática. São elencadas e definidas as sete potencialidades jornalísticas da Internet e historiada a evolução da sua utilização pelos (ciber)jornalistas, até assumirem a sua condição atual de características do ciberjornalismo. De seguida, introduzem-se as linguagens e as técnicas de expressão específicas da produção da cibernotícia: pirâmide invertida online (hipertextual e multimédia) e pirâmide deitada. É apresentado o Livro de Estilo do JPN, centrando a atenção nos primeiros pontos. É com base nas regras definidas neste manual e em informação disponível online que os estudantes constroem em aula duas cibernotícias, a primeira usando hipertexto e a segunda hipertexto e multimédia. Os temas das

¹³ Instapaper (<https://www.instapaper.com/>) é a escolha do docente para substituir, a partir do ano letivo 2025/26, o Pocket (<https://getpocket.com/home>), recentemente desativado, como ferramenta de armazenamento, organização e recuperação de páginas da Web a recomendar aos estudantes.

cibernetícias variam de acordo com a atualidade, procurando-se que um dos exercícios seja sobre um assunto mais “leve” e do interesse da maioria dos jovens (queima das fitas ou festivais de música, p.e.) e outro um pouco mais “sério” e nem sempre do agrado dos estudantes (crime ou política, p.e.). A aula a seguir a cada exercício é inteiramente dedicada à correção coletiva das cibernetícias, identificando falhas de construção e/ou de cumprimento do livro de estilo, momentos que são aproveitados para recomendar estratégias de não repetição de erros e para reforçar a importância de regras básicas da construção noticiosa, como as dos 3 Cês (Claro, Correto, Conciso) e dos 5W+H (O Quê, Quem, Quando, Onde, Como, Porquê). São também destacados os cuidados a ter na utilização criteriosa do hipertexto e multimédia.

5.4. Bibliografia

Bibliografia Obrigatória (ficha da UC):

Bastos, Helder (2011). *Ciberjornalistas em Portugal: Práticas, Papéis e Ética*. Lisboa: Livros Horizonte.

Canavilhas, João (2008). *Webnoticia: Propuesta de Modelo Periodístico para la WWW*, Covilhã: Livros LabCom.

Pavlik, John V. (2001). *Journalism and New Media*, Columbia University Press.

Salaverría, Ramón (2005). *Redacción Periodística en Internet*, Eunsa.

Zamith, Fernando (2008). *Ciberjornalismo: As potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses*. Edições Afrontamento/cetac.media.

Zamith, Fernando (2013a). *A Contextualização no Ciberjornalismo*. Porto: Edições Afrontamento/CETAC.MEDIA.

A Bibliografia Obrigatória constante na ficha da unidade curricular reúne as teses de doutoramento dos três docentes e investigadores portugueses que mais e há mais tempo têm dedicado atenção ao jornalismo na e para a Internet, obras que se complementam e que têm relação direta com o programa da UC. Inclui também a obra “clássica” de John Pavlik que define e antecipa a relação que o jornalismo foi estabelecendo com os novos media, o manual que Ramón Salaverría produziu para os estudantes de ciberjornalismo e dois textos do candidato (um dos quais a tese de mestrado) sobre temas centrais do programa da UC.

A lista presente na ficha da unidade curricular é complementada no documento “Programa, Bibliografia, Avaliação” (disponibilizado no Moodle da UC) com outras sugestões de leitura, de livros existentes na Biblioteca da FLUP e de artigos de acesso livre online. Na apresentação do documento, que ocorre na segunda aula, é explicado aos estudantes que a lista de bibliografia/webgrafia é extensa porque inclui textos que serão trabalhados apenas no segundo ano, mas que podem ser já consultados, pela relação que têm com os temas tratados no primeiro ano.

5.5. Metodologia de ensino e avaliação de conhecimentos

5.5.1. Métodos de ensino e atividades de aprendizagem

A metodologia adotada corresponde a um modelo teórico-prático, de sessões expositivas e trabalhos práticos em aula, em formato laboratorial.

Aplicando este modelo, recorre-se frequentemente a exemplos e estimula-se a reflexão e o debate, bem como pesquisas na Internet, para que os estudantes cheguem por si às respostas e não se limitem a ouvir o docente. Os slides apresentados em aula (que posteriormente são disponibilizados no Moodle) referenciam as obras (autor/ano) constantes na Bibliografia associadas ao tema ou citação.

Na segunda metade do semestre, os estudantes fazem as primeiras experiências de construção de cibernotícias, colocando em prática os conhecimentos adquiridos.

5.5.2. Frequência e avaliação

Para obtenção de frequência, é necessária presença obrigatória em 75% das aulas, exceto nos casos previstos na lei geral e nos regulamentos da FLUP, nomeadamente nos casos de estatutos especiais, como o de trabalhador-estudante.

A avaliação é do tipo distribuída sem exame final, com duas componentes:

A: Criação e alimentação de site de notícias (50% da classificação final)

Componente e executar fora de aula ao longo do semestre, explicitada na segunda aula e no documento “Programa, Bibliografia, Avaliação” (disponibilizado no Moodle da UC).

B: Exercícios em aula (50% da classificação final)

Construção de duas cibernotícias em aulas na segunda metade do semestre, seguindo enunciados publicados no Moodle.

5.6. Planeamento e sumário das aulas

Tabela 1 – Planeamento das aulas da UC TEJ_O

Aula 1	Apresentação mútua de estudantes e docente. Simulação de conferência de imprensa.
Aula 2	Objetivos, programa, bibliografia e avaliação. Apresentação do trabalho de criação e alimentação de site de notícias.
Aula 3	Ferramentas online para jornalistas. Os leitores de feeds RSS. Apresentação do Feedly. Jornalismo: Para que serve? Valores-Notícia. Contraditório. Regra dos 3 Cês. Regra dos 5W+H. Deontologia.
Aula 4	Ferramentas online para jornalistas. O tagging/folksonomia. Apresentação do Instapaper. Conceitos de Jornalismo Online, Jornalismo Digital e Ciberjornalismo.
Aula 5	Ferramentas online para jornalistas. Apresentação dos Alertas Google. Fases de evolução do ciberjornalismo: shovelware, produção adaptada e produção exclusiva. A investigação sobre ciberjornalismo. A evolução do ciberjornalismo em Portugal.
Aula 6	Ferramentas online para jornalistas. Newsletters de fontes primárias e de fontes jornalísticas. Técnicas de medição da fiabilidade da informação online. Exercício prático.

Aula 7	Análise e reflexão sobre os resultados do exercício da aula anterior. Características da Internet relevantes para o jornalismo. Técnica da Pirâmide Invertida adaptada à Internet. O Livro de Estilo do JPN. A construção de títulos e leads na cibernotícia. O uso do hipertexto.
Aula 8	Construção de cibernotícia com utilização de hipertexto.
Aula 9	Correção da cibernotícia construída na aula anterior.
Aula 10	Características da Internet relevantes para o jornalismo. Comparação com meios tradicionais. Vantagens e desvantagens do ciberespaço para o jornalismo.
Aula 11	Técnicas de construção de cibernotícias. Estruturas hipertextuais. Estrutura de reportagem multimédia. Pirâmide invertida online: hipertextual e multimédia. Pirâmide deitada. Novos formatos.
Aula 12	Construção de cibernotícia com utilização de hipertexto, multimédia e memória/contextualização.
Aula 13	Correção da cibernotícia construída na aula anterior.

5.7. Sumário detalhado das aulas

Aula 1

Sumário:

Apresentação mútua de estudantes e docente.

Simulação de conferência de imprensa.

Bibliografia:

Boorstin, Daniel J. (1992). *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*. 1st Vintage Books Edition.

Campones, J.C.C.S. (2009). *Fundamentos de Deontologia do Jornalismo - A auto-regulação frustrada dos jornalistas portugueses (1974-2007)*. Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/12614>

Mateus, Samuel (2022). *Manual Prático de Assessoria de Imprensa*. Covilhã: Editora LabCom.

Traquina, Nelson (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera.

Neste primeiro contacto, é pedido aos estudantes que se apresentem, da forma que entenderem e referindo o que lhes parecer relevante e pertinente. Como orientação, sugere-se que deem quatro informações: nome, de onde são/vêm, que experiência jornalística têm (por mais singela que seja: jornal ou rádio escolar, p.e.) e que área de especialização pensam seguir no 3.º ano (caso já tenham alguma inclinação).

Aproveita-se para dar a conhecer o cibermeio/jornal online do curso ([JPN – JornalismoPortoNet](#)) e para estimular a colaboração voluntária dos estudantes, como forma de desenvolverem competências práticas paralelamente à frequência da licenciatura.

A apresentação do docente é substituída pela simulação de uma conferência de imprensa. Em vez de ser o docente a apresentar-se, são os estudantes a colocar questões ao professor. Com este exercício, trabalha-se o conceito de objetividade (versus subjetividade), um dos mais associados ao jornalismo, ao mesmo tempo que se treina um formato de contacto com fontes/recolha de informações muito comum nalgumas áreas do jornalismo, nomeadamente na política e no desporto.

Depois de um primeiro semestre do curso centrado em unidades curriculares introdutórias (História do Mundo Contemporâneo, Introdução à Economia, Tecnologia dos Media, Técnicas de Expressão de Português e Teorias da Comunicação), os estudantes têm um primeiro contacto com o Jornalismo em três unidades curriculares teórico-práticas de Técnicas de Expressão Jornalística (Audiovisual, Imprensa e Online).

A simulação da conferência de imprensa, ainda que de modo muito atípico (sem conhecimento/convite prévio, sem possibilidade de preparação prévia por parte dos “jornalistas”, sem valor-notícia associado), funciona neste arranque de semestre como pretexto

para integrar o estudante na rotina do jornalista. A participação numa conferência de imprensa é uma das primeiras experiências de qualquer jornalista estagiário. São bons momentos para conhecer o meio, perceber as dinâmicas do formato conferência de imprensa, estabelecer contactos com fontes e intermediários (assessores de imprensa), aprender com os outros jornalistas, libertar inibições, fazer as primeiras perguntas e perceber que alguns segundos de hesitação (por timidez ou qualquer outro receio) poderão redundar na perda de oportunidade de colocar uma questão ou esclarecer uma dúvida: “Senhores jornalistas, está terminada a conferência de imprensa”.

Usadas frequentemente como “pseudo-eventos” (Boorstin, 1992: 33), as conferências de imprensa estão cada vez mais profissionalizadas, preparadas e controladas ao pormenor por assessores de imprensa, que procuram que os media (e os jornalistas em particular) transmitam uma imagem positiva dos seus assessorados (Mateus, 2022: 123-136).

Nesta simulação, os estudantes são alertados para os cuidados que os jornalistas devem ter, desde logo em relação a eventuais tentativas de manipulação ou de impedimento do exercício do direito de colocar perguntas. É explicada a diferença entre “declaração aos jornalistas” e “conferência de imprensa”, realçando-se o direito e dever ético do jornalista de denunciar falsas “conferências de imprensa” sem direito a perguntas. São, de seguida, apresentados alguns exemplos de denúncias, recorrendo à plataforma Artigo 37¹⁴.

A interação estabelecida na aula é aproveitada também para sublinhar que compete ao jornalista extrair da conferência de imprensa (das pessoas que estão a prestar declarações e a responder a perguntas) a melhor informação possível para apuramento e esclarecimento de factos com relevância jornalística. Não se devem comportar como meros ouvintes ou “pés de microfone” (intermediários reprodutores de declarações), mas sim como jornalistas.

No seu “Manual Prático de Assessoria de Imprensa”, Samuel Mateus recomenda aos (futuros) assessores que preparem a sala/espço da conferência de imprensa, preferencialmente colocando um pequeno púlpito, de forma a “diferenciar os intervenientes daqueles que assistem (jornalistas)” (Mateus, 2022: 132), bem como preencher o “cenário” com os logótipos do assessorado ou do evento e seus eventuais patrocinadores, medida que classifica como “importante para potenciar a visibilidade do assessorado pela cobertura televisiva da conferência de imprensa” (Mateus, 2022: 132). Ou seja, os jornalistas são vistos como “assistentes” e veículos de propaganda e marketing, e não como “participantes” (intervenientes ativos), subalternização que o jornalista deve rejeitar veementemente.

¹⁴ <https://artigo37.pt/category/conferencia-sem-direito-a-perguntas/>

Pretende-se, com esta sequência de aula, estimular o pensamento crítico dos estudantes. Esta incursão na ética e, especialmente, na deontologia do jornalista adquire pertinência acrescida pelo facto de, simultaneamente no mesmo semestre, os estudantes frequentarem a unidade curricular de Ética e Deontologia Profissional¹⁵, além das já referidas TEJ I - Audiovisual e TEJ I - Imprensa.

A propósito, introduz-se a visão de quem estudou a fundo a deontologia do jornalismo/jornalista. “Os valores da deontologia são o único espaço de reconhecimento de uma profissão que não conseguiu impor-se por outros critérios mais objectivos” (Camponez, 2009: 104). O docente alerta também para o que Carlos Camponez classifica como “desprofissionalização” do jornalista provocada pelas novas tecnologias, com a “diluição do jornalismo profissional”, fazendo do jornalista um mero “provedor ou sinalizador de conteúdos disponíveis” (Camponez, 2009: 383).

É também importante pela demarcação de fronteiras entre jornalismo e comunicação estratégica (campo este onde se insere a assessoria de imprensa), as duas áreas de especialização que os estudantes terão ao seu dispor como opção no terceiro ano da licenciatura. A frequente presença na turma/aula de estudantes oriundos de outros países é aproveitada para realçar que a separação legal entre jornalismo e assessoria de imprensa presente na legislação portuguesa não existe, por exemplo, no Brasil, o que tem gerado debate e reflexão crítica sobre o próprio conceito de jornalismo, enquanto serviço prestado à sociedade no seu todo (a visão consagrada na lei portuguesa e acerrimamente defendida pelo docente) e não apenas a uma parte da sociedade (os clientes do assessor).

Aula 2

Sumário:

Objetivos, programa, bibliografia e avaliação.

Apresentação do trabalho de criação e alimentação de site de notícias.

¹⁵ Nos primeiros anos do curso, então designado Licenciatura em Jornalismo e Ciências da Comunicação, a unidade curricular Deontologia Profissional constava no [plano de estudos](#) apenas no 4.º ano. Por persistente recomendação dos docentes de Jornalismo (incluindo o candidato), a UC foi transferida para o 1.º ano. É fundamental para um futuro profissional da comunicação adquirir cedo (antes ou paralelamente ao domínio das técnicas e linguagens) consciência crítica da responsabilidade ética e deontológica da profissão que vai desempenhar, bem como das profissões que com ela se relacionam.

Bibliografia:

Bastos, Helder (2000). *Jornalismo Electrónico - Internet e Reconfiguração de Práticas nas Redacções*. Coimbra: Minerva Editora.

Tate, Marsha Ann e Alexander, Janet E. (1996-2011). Checklist for a News Web Page.
https://mtateresearch.com/wp-content/uploads/2021/03/Checklist_News_Web_Page.pdf

O programa, bibliografia e componentes de avaliação da unidade curricular são, propositadamente, apresentados e explicados apenas na segunda aula, que funciona também como “sinal de partida” das tarefas extra-aula que os estudantes terão de desenvolver ao longo do semestre.

O docente projeta no quadro o documento que preparou e que previamente colocou na área da UC na plataforma Moodle, que reúne, além do que consta na ficha da unidade curricular, informações detalhadas sobre os elementos de avaliação e uma lista alargada de bibliografia e webgrafia. Esta lista inclui todas as publicações relevantes a que o docente irá aludir ao longo do semestre (com destaque para “leituras recomendadas”), bem como sugestões de leituras complementares e sobre temas a abordar em maior profundidade no segundo ano. Os estudantes são alertados para a eventualidade (que tem acontecido todos os anos) de o docente atualizar o documento (com indicação explícita e comunicação imediata via email dessas atualizações) quando surge um novo artigo ou livro pertinente para o programa da UC ou quando há a necessidade de substituir o URL de uma publicação que foi transferida para outra localização.

É explicada aos estudantes a dupla valência da unidade curricular: espera-se que no final do semestre, por um lado, fiquem a conhecer a teoria básica sobre o jornalismo na Internet, a dominar as técnicas de expressão específicas do ciberjornalismo e a distinguir os diferentes géneros jornalísticos do meio, e, por outro, a dominar as principais ferramentas existentes na Internet relevantes para fins jornalísticos.

Em síntese, os objetivos abrangem simultaneamente o domínio do “jornalismo online” e do “jornalismo digital”, nas aceções originais de Bastos (2000): “contacto com fontes, recolha de informação e pesquisa de conteúdos na Internet”, e “produção de conteúdos jornalísticos na

rede e para a rede”, respetivamente. A primeira competência é relevante para qualquer jornalista, independentemente do tipo de meio em que trabalhe (tradicional – jornal, revista, agência noticiosa, rádio ou televisão - ou online - cibermeio), e a segunda é específica do ciberjornalista. Nesta primeira abordagem, esclarece-se que por “ciberjornalismo” (terceiro ponto do programa) se entende a produção jornalística na Internet e para a Internet, a que Bastos designava originalmente “jornalismo digital”.

O trabalho extra-aulas é apresentado em detalhe, começando pelas opções de ferramentas grátis que podem ser utilizadas para a criação do site noticioso e passando pelos objetivos deste exercício: ganhar destreza na criação e utilização de ferramentas jornalísticas online e criar um portefólio de trabalhos jornalísticos. É recomendada a ferramenta [Wix](#), destacando-se como vantagens a versatilidade e diversidade de *templates* e *layouts* modulares da versão grátis, entre os quais um específico para notícias, e como principais desvantagens a complexidade de algumas funções e a dificuldade em distinguir o que está em edição na área de gestão (*backoffice*) do que já está publicado (*frontoffice*). Como alternativas, sugere-se ferramentas menos versáteis na versão grátis, mas menos complexas, como o [Wordpress](#), o [Webnode](#) e o [Weebly](#).

Para ajudar a definir a informação estável/permanente que os estudantes devem colocar no seu site, o docente exhibe e recomenda a “*Checklist for a News Web Page*” criada por Tate e Alexander. Esta lista de verificação, que será abordada de modo mais detalhado na Aula 6, chama a atenção dos estudantes para questões relevantes no jornalismo, como a transparência de processos, a clareza, a identificação de autores e fontes, o contexto, o objetivo, o rigor, a independência e a objetividade.

De seguida, é explicado como cada estudante deve alimentar o seu site e quais os critérios de avaliação. Ao longo do semestre, os estudantes devem publicar no seu site notícias que produzam nas aulas de TEJ I Online ou noutras unidades curriculares, assim como outras notícias que entendam fazer extra-aulas e trabalhos jornalísticos que façam para outros órgãos de comunicação social. Devem publicar também quatro pequenos artigos/críticas sobre a sua experiência de utilização de quatro ferramentas online que ajudam os jornalistas a receber e/ou organizar e recuperar informação: Feedly; Instapaper; Alertas Google; Newsletters (uma de fonte primária e outra de fonte jornalística). Poderão fazer o mesmo relativamente a outras ferramentas que venham a ser recomendadas nas aulas e/ou que identifiquem como interessantes.

Os estudantes são informados que as quatro ferramentas online serão apresentadas no início das aulas seguintes, ao ritmo de uma por aula. Este faseamento da apresentação das ferramentas, e da sua potencial utilidade jornalística, visa, por um lado, estimular a assiduidade dos estudantes e, por outro, intercalar momentos de maior exposição teórica com momentos mais centrados em exercícios práticos. Esclarece-se ainda que os artigos podem ser construídos no registo que os estudantes entenderem, sem necessidade de respeitar uma técnica de expressão específica, recomendando-se, contudo, que se aproxime do género jornalístico crítica, mais comum na literatura, música, cinema e restantes artes, mas também utilizado noutras áreas temáticas, como tecnologia.

Por fim, refere-se que estão previstos dois momentos de avaliação em aula, ambos de construção de cibernotícias, em datas a anunciar (próximas do fim do semestre). Estes exercícios correspondem a 50 por cento da avaliação final da unidade curricular (20 a 30% cada exercício). Os restantes 50 por cento correspondem à construção e alimentação do site noticioso (20% para a apresentação e organização; 20% para trabalhos jornalísticos dentro e fora do curso e 60% para os artigos sobre as quatro ferramentas).

Aula 3

Sumário:

Ferramentas online para jornalistas.

Os leitores de feeds RSS.

Apresentação do Feedly.

Jornalismo: Para que serve?

Valores-Notícia.

Contraditório.

Regra dos 3 Cês.

Regra dos 5W+H.

Deontologia.

Bibliografia:

Briggs, Mark (2007). *Jornalismo 2.0: Como sobreviver e prosperar*. Austin: Knight Center for Journalism in the Americas. <https://journalismcourses.org/pt-br/ebook/jornalismo-2-0-como-sobreviver-e-prosperar/>

Campones, J.C.C.S. (2009). *Fundamentos de Deontologia do Jornalismo - A auto-regulação frustrada dos jornalistas portugueses (1974-2007)*. Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/12614>

Fontcuberta, Mar de (1999-2010). *A notícia - Pistas para compreender o mundo*. Alfragide: Casa das Letras.

Kovach, Bill e Rosenstiel, Tom (2004). *Os elementos do jornalismo - O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir*. Porto: Porto Editora.

Traquina, Nelson (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera.

Como explicado na aula anterior, esta terceira aula, tal como as três seguintes, é dividida em duas partes: a primeira reservada à apresentação de uma ferramenta para jornalistas e a segunda de introdução às teorias do jornalismo e da sua relação com a Internet.

Sendo aulas muito curtas, de apenas 60 minutos, seguidos de 30 minutos de orientação tutorial (recordamos que se trata de uma UC teórico-prática que atribui apenas 3 unidades de crédito ECTS das 30 que compõem o semestre), e havendo recomendação da direção da faculdade para que os docentes terminem a aula 10 minutos antes sempre que há outra aula a seguir na mesma sala (o que acontece habitualmente em 3 das 4 turmas de TEJ I e II Online), o docente explica aos estudantes que, especialmente nas primeiras aulas, irá prolongar a aula pelo período reservado à orientação tutorial, exceto quando haja pedidos de orientação para esse período. Complementarmente, o docente disponibiliza-se a dar orientação tutorial fora dos períodos reservados no horário, quer presencialmente quer online, opção que tem sido preferida pela maioria dos estudantes e que resolve a dificuldade prática de dar a cada estudante 45 a 60 segundos de orientação por semana num momento e espaço fixos.

Começa-se por apresentar o [Feedly](#), a primeira das quatro ferramentas online potencialmente úteis para o trabalho do jornalista que os estudantes devem experimentar, para depois produzirem para o seu site noticioso um pequeno artigo/crítica sobre essa experiência. A propósito do Feedly, explica-se o que são, onde e como se podem encontrar, como funcionam e para que servem os *feeds* RSS (*Really Simple Syndication* ou *Rich Site Summary*), relacionando-

os com as linguagens informáticas de marcação XML (*eXtensible Markup Language*) e HTML (*HyperText Markup Language*). Aqui estreita-se a ligação com Tecnologia dos Media, UC do 1.º semestre do curso em que os estudantes aprendem HTML e CSS (*Cascading Style Sheets*).

Apelando aos estudantes que pesquisem na Internet sobre RSS, o docente faz o mesmo e projeta no quadro da sala o resultado da sua pesquisa, para que os discentes fiquem familiarizados com o ícone RSS. É-lhes então explicado que sempre que virem num site o ícone em cor-de-laranja significa que essa página está a libertar um feed RSS, não estando ativo se o ícone estiver cinzento. Aproveita-se para recomendar que os estudantes descarreguem e leiam o *ebook* de Mark Briggs constante na webgrafia, que descodifica de uma forma muito clara e acessível as siglas da programação informática na Internet (entre as quais o RSS) mais relevantes para o trabalho do jornalista e, especificamente do ciberjornalista.

O RSS é mesmo muito simples (*“really simple”*). É uma linguagem informática de simplificação que capta e liberta apenas a informação nova produzida para uma página Web, sem termos de abrir toda a página, incluindo as componentes fixas/estáticas, programadas numa linguagem mais complexa, como o HTML. Basta subscrever uma fonte que disponibilize o RSS para recebermos no nosso leitor de *feeds* RSS a informação nova (e apenas esta) publicada no site. “Assim, ao invés de visitar diferentes páginas Web ou executar os mesmos mecanismos de busca várias vezes, você pode acessar um leitor de RSS que fará toda a coleta dos feeds para você, automaticamente”, explica Briggs (2007: 18). O potencial para o trabalho de quem precisa de estar constantemente atualizado, como o jornalista, é enorme. “Os dados RSS permitem um consumo muito maior de informação e numa velocidade muito mais rápida do que seria possível ao cérebro humano”, salienta Marshall Kirkpatrick, citado por Briggs (2007: 18).

Feita esta introdução, o docente historia brevemente o surgimento e desenvolvimento dos leitores de feeds RSS, explicando como o Feedly se tornou a referência quando a Google decidiu, em 2013, fechar o Google Reader, alegando que a utilização da ferramenta estava em declínio¹⁶. Paralelamente, pede aos estudantes que criem conta no Feedly e que agreguem as fontes da sua preferência, colocando diretamente feeds RSS que encontrem e/ou usando as caixas de pesquisa do próprio Feedly (*“Search”* e *“Follow Topics”*).

O docente explica que o Feedly é hoje bastante mais versátil, completo, fácil de utilizar e tecnologicamente desenvolvido do que era o Google Reader quando fechou. Com uma interface gráfica simples e “limpa”, o Feedly está disponível em navegadores Web e em dispositivos móveis, com vantagens bastante interessantes para um jornalista, como o acesso imediato a

¹⁶ <https://blog.google/inside-google/company-announcements/a-second-spring-of-cleaning/>

informação nova de fontes por si selecionadas e não por um qualquer algoritmo que o tenta enclausurar numa “bolha” filtrada. Deste modo, evita também as irritantes intromissões de publicidade, termos de utilização, políticas de privacidade, *cookies* e apelos a criação de conta, notificações e subscrições que se tornaram comuns no acesso a páginas Web. Para lá das vantagens, o docente alerta também para os aspetos menos positivos do Feedly, como as limitações da versão grátis e as restrições do próprio RSS: fontes que não libertam feed e outras que apenas libertam o título e lead, obrigando a abrir a página do site para se poder aceder ao conteúdo completo.

Na segunda parte da aula, faz-se uma reflexão inicial sobre a finalidade do jornalismo, usando a já célebre definição que Kovach e Rosenstiel (2004) apresentam em “Os Elementos do Jornalismo”, livro que se recomenda veementemente que todos os estudantes leiam: “A finalidade do jornalismo é fornecer informação às pessoas para que sejam livres e capazes de se autogovernar”.

A seguir, recordam-se outros princípios básicos da rotina jornalística (Traquina, 2002; Fontcuberta, 1999-2010), como a identificação dos valores-notícia (dando como exemplos o Impacto, a Proximidade, a Novidade, o Conflito, a Emoção, o Insólito, a Relevância, as Consequências, a Identificação e a Familiaridade), o princípio do contraditório (todas as partes envolvidas na notícia devem ser ouvidas, confrontadas e referenciadas) e as regras dos 3 Cês (a produção jornalística deve ser Clara, Correta e Concisa) e dos 5W+H (a notícia jornalística deve responder a seis perguntas: *What?*, *Who?*, *When?*, *Where?*, *Why?*, *How?*), numa ligação direta às outras unidades curriculares de Técnicas de Expressão Jornalística que decorrem em paralelo e à UC Teorias da Comunicação, do semestre anterior.

A aula termina com um sublinhado da importância crucial do comportamento ético na prática jornalística, acompanhado da recomendação de (re)leitura do Código Deontológico dos Jornalistas Portugueses¹⁷, documento que é trabalhado de modo mais aprofundado na UC Ética e Deontologia Profissional, que decorre em paralelo no mesmo semestre. Recomenda-se também a tese de doutoramento de Carlos Camponez (2009) e o livro de Rogério Santos “*A negociação entre jornalistas e fontes*” (1997).

Esta “viagem” rápida pelas noções básicas do jornalismo serve de antecâmara ao afunilamento em maior detalhe nas especificidades do ciberjornalismo que se seguirá nas aulas seguintes. Não é um compasso de espera, um adiamento, uma aula perdida. É uma mensagem clara que se quer deixar aos estudantes: o ciberjornalismo é jornalismo. De nada adianta aprender e dominar

¹⁷ <https://jornalistas.eu/codigo-deontologico/>

técnicas, linguagens e ferramentas para produção e difusão online de conteúdos se faltar o essencial: saber o que é jornalismo, para que serve, quais os seus princípios e valores, que obrigações e deveres assume o jornalista perante a sociedade.

Aula 4

Sumário:

Ferramentas online para jornalistas. O tagging/folksonomia. Apresentação do Instapaper.

Conceitos de Jornalismo Online, Jornalismo Digital e Ciberjornalismo.

Bibliografia:

Bastos, Helder (2000). *Jornalismo Electrónico - Internet e Reconfiguração de Práticas nas Redacções*. Coimbra: Minerva Editora.

Berners-Lee, Tim (2010). 'Long Live the Web: A Call for Continued Open Standards and Neutrality'. Scientific American. <https://www.scientificamerican.com/article/long-live-the-web/>

Canavilhas, João (2006). Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>

Catarino, Maria Elisabete e Baptista, Ana Alice (2007). "Folksonomia: um novo conceito para a organização dos recursos digitais na Web", em *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, v.8, n.3, jun/07. <https://hdl.handle.net/1822/7162>

Dean, Walter (2019). 'Navigating the Messy Middle'. Em Reis, A. I., Jerónimo, P., Zamith, F., & Bastos, H. (Orgs.), *Ameaças ao Ciberjornalismo*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CIC.Digital Porto. https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=380671

Hoffmann, Jay (s/d). The History of the Web. <https://thehistoryoftheweb.com/>

Oblak, T. (2005). 'The lack of interactivity and hypertextuality in online media', *Gazette*, Vol. 67 (1): 87-106, London, Thousand Oaks & New Delhi: Sage Publications.

Parra Valcarce, D. e Álvarez Marcos, J. (2004). *Ciberperiodismo*. Madrid: Editorial Síntesis.

Salaverría, Ramón (2005). *Redacción Periodística en Internet*. Eunsá.

Zamith, Fernando (2008). *Ciberjornalismo - As potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses*. Porto: Edições Afrontamento/CETAC.MEDIA.

Enquanto os estudantes entram na sala de aula e ligam os computadores, o docente pergunta como tem sido a experiência de utilização do Feedly e de criação do site noticioso, esclarecendo eventuais dúvidas.

De seguida, apresenta o [Instapaper](#), a segunda ferramenta online potencialmente útil para o trabalho do jornalista que os estudantes devem experimentar e, depois, redigir um pequeno artigo sobre a sua experiência, para ser publicado no site noticioso que estão a construir. O Instapaper é uma ferramenta que permite guardar e etiquetar páginas da Web para um mais rápido acesso quando necessário (processo também conhecido como *read-it-later*), podendo, por isso, assumir grande utilidade para o trabalho quotidiano do jornalista. O docente pede aos estudantes que criem conta no Instapaper, aproveitando para introduzir o tema das técnicas de pesquisa e recuperação de informação online, começando pelo conceito de folksonomia (taxonomia do povo), também designado, com algumas nuances de sentido, *social tagging*, *bookmarking* social, etiquetagem colaborativa ou indexação colaborativa (Catarino e Baptista, 2006).

“Este novo conceito surge no contexto da Web 2.0 onde emergem novas formas de organizar e partilhar os conteúdos disponíveis na Internet. Uma etiquetagem de recursos da Web na qual se podem destacar os seguintes fatores: a) é resultado de uma indexação livre do próprio usuário do recurso; b) objetiva a recuperação a posteriori da informação e c) é desenvolvida num ambiente aberto que possibilita o partilhamento e, mesmo, em alguns casos, a sua construção conjunta.” (Catarino e Baptista, 2006).

Sendo “Folksonomia” um termo pouco conhecido, o docente usa uma abordagem etimológica, desafiando os estudantes a perceber o que significa a palavra, decompondo-a. “Folk” associam a folclore ou ao género musical folk; “nomia” associam a ciência, a área do saber ou da prática, a artes ou costumes. “E o que é que o folk e o folclore têm em comum?”, pergunta o docente. Para ajudar, questiona se alguém sabe alemão ou se sabem o que significa “Volkswagen”. “Carro do povo”, alguém diz. “Volk” é povo; “wagen” é carro. E está feita a descodificação.

“Folksonomia” é a arte/prática do povo. Ou seja, é o povo (todos ou qualquer um de nós) que classifica as páginas, conteúdos ou publicações de acordo com os termos que associa ao que lá está. Não é a classificação clássica por áreas do conhecimento utilizada nas enciclopédias e bibliotecas físicas.

Habituaados a usar e a navegar por *hashtags* nas redes sociais, os estudantes ficam a perceber as vantagens e utilidade do *tagging* noutros contextos, como na marcação/etiquetagem de cibernotícias e na construção de um arquivo pessoal que rompa com a indexação clássica. O docente projeta no quadro alguns exemplos de utilização de *tags* no ciberjornalismo, como o JPN (que usa a designação “Marcadores”) e o Público, RTP Notícias e Renascença (que usam “Tópicos”). Os estudantes percebem que, a cada notícia, são associados vários tópicos/marcadores e não apenas a tradicional associação à secção ou editoria. O docente recorre então às metáforas do armário e do arquivo de documentos em computador: em vez de guardarmos algo apenas numa gaveta ou pasta, as *tags* (ou marcadores ou etiquetas) permitem-nos guardar o que queremos (uma página/URL) simultaneamente no número de “gavetas” ou “pastas” que quisermos, escolhidas por nós de acordo com as palavras/assuntos que associamos ao conteúdo desse URL.

Instapaper foi a escolhida pelo docente para ser, a partir do ano letivo de 2025/26, a ferramenta que combina *read-it-later* e *tagging* recomendada aos estudantes de TEJ I Online. Até ao ano letivo anterior, foi recomendado o Pocket, que entretanto encerrou¹⁸, por decisão da sua proprietária, Mozilla: *“Pocket has helped millions save articles and discover stories worth reading. But the way people save and consume content on the web has evolved, so we’re channeling our resources into projects that better match browsing habits today”*¹⁹.

Tal como no caso do encerramento do Google Reader, dá-se como justificação a alteração de comportamentos dos utilizadores, sem se aludir a outros prováveis motivos, nomeadamente económicos. O Pocket (que era uma plataforma *freemium*, ou seja, tinha uma versão grátis e outra paga – *premium*) já tinha sido uma segunda opção do docente quando a ferramenta que anteriormente recomendava, o pioneiro Delicious (originalmente del.icio.us), também fechou, comprada por um concorrente exclusivamente *premium*, Pinboard. *“I am the greatest”*, afirmou então o fundador do Pinboard, Maciej Cegłowski, citado pelo site noticioso The Next Web²⁰, confirmando que pagou 35 mil dólares pelo Delicious, para de imediato o fechar.

¹⁸ <https://support.mozilla.org/en-US/kb/future-of-pocket>

¹⁹ <https://getpocket.com/home>

²⁰ <https://thenextweb.com/news/its-the-end-of-an-era-as-pinboard-buys-and-shutters-del-icio-us>

Comparando com o que usou e recomendou anteriormente, o docente reconhece que a versão grátis do Instapaper (que já tinha experimentado e agora utiliza diariamente) é menos versátil do que o Pocket e, sobretudo, do que o Delicious, mas funcional no mais importante: permite guardar, etiquetar e aceder mais tarde sem grandes demoras. Como pontos negativos, o Instapaper grátis não permite a pesquisa direta de *tags* (só através da lista completa), como permitiam os anteriores, e muito menos a pesquisa por associação de *tags*, que tornava o Delicious imbatível.

Na segunda parte da aula, é projetada no quadro uma apresentação que sumariza os quatro grandes temas que associam o Jornalismo à Internet que serão abordados nas aulas teóricas: Conceitos, Evolução, Características e Linguagens.

São introduzidos os conceitos de Jornalismo Online, Jornalismo Digital e Ciberjornalismo, recorrendo às definições de Helder Bastos (2000) e de Ramón Salaverría (2005). É feito um paralelismo com outras designações, como Jornalismo Eletrónico, Jornalismo Multimédia e Webjornalismo, e justificada a escolha de Ciberjornalismo como conceito integrador e perene, pedindo primeiro aos estudantes que pesquisem na Internet (em motores de busca e/ou dicionários) o significado do prefixo “ciber” e a origem e definição do conceito de “ciberespaço”. Esta abordagem permite que sejam os estudantes a chegar às respostas, alertando-os para a necessidade de se prepararem para produzir jornalismo para o (e no) espaço virtual, independentemente da configuração e do suporte tecnológico, e não apenas para uma parte do ciberespaço, como a Web, as aplicações móveis ou os objetos da chamada Internet das Coisas.

Na sua tese de mestrado, a primeira sobre jornalismo na Internet defendida em Portugal, Bastos (2000: 73) define como “Jornalismo Online” o “contacto com fontes, recolha de informação e pesquisa de conteúdos na Internet”, conjunto de práticas também designado como “jornalismo assistido por computador com base na Internet”, que não é mais do que a expansão para o novo meio do “*Computed Assisted Reporting*” (CAR) já então comum na maioria das redações. Na mesma obra, Bastos (2000: 73) classifica como “Jornalismo Digital” a “produção noticiosa exclusiva e específica para edições electrónicas, em particular as construídas na World Wide Web”.

Ao explicar estas definições originais de Helder Bastos, o docente alerta os estudantes para o contexto em que foram produzidas e, muito especialmente, para a função que tiveram, de distinção de duas práticas que associam o jornalismo à Internet: a utilização do meio como ferramenta de trabalho ou como local de produção. Ao conjunto das duas (Jornalismo Online e Jornalismo Digital), Bastos designou “Jornalismo Eletrónico”, título da tese. Nesta unidade

curricular, o uso de “Jornalismo Online” na aceção original de Bastos tem a função de realçar a importância que a Internet (também) tem para as primeiras fases de produção jornalística, especialmente na pesquisa, confirmação e recolha de informação, mas também no contacto com fontes.

O docente adverte que, contudo, a expressão “Jornalismo Online” tem sido utilizada também – por profissionais e por alguns autores – para referir a mera transposição para a Internet de conteúdos produzidos para um meio tradicional (imprensa, rádio ou televisão), o chamado “*shovelware*” (Canavilhas, 2006: 2), ou para definir a produção jornalística na e para a Internet, neste caso, usando-a como sinónimo de “Jornalismo Digital”, “Jornalismo Multimédia”, “Webjornalismo” ou “Ciberjornalismo”.

Perante tanta diversidade de designações, o docente posiciona-se a favor de “Ciberjornalismo”, no entendimento amplo e agregador que lhe dá Ramón Salaverría (2005: 21): “Especialidade do jornalismo que emprega o ciberespaço para investigar, produzir e, sobretudo, difundir conteúdos jornalísticos”.

Como nota Salaverría (2005: 18-20), a característica “digital” não é exclusiva da Internet, dado que todos os meios tradicionais (imprensa, rádio e televisão) já progressivamente foram passando do paradigma analógico para o digital.

As designações Jornalismo na Internet, Jornalismo em Rede e Jornalismo em Linha pecam pela sua grande extensão e “dificultam a imprescindível formação de um campo semântico afim” (2005: 16-17), ao articularem-se em torno de uma proposição.

A expressão Jornalismo Multimédia, usada por alguns autores europeus, também é redutora, porque não é necessário utilizar-se os novos meios, e designadamente a Internet, para se fazer jornalismo multimédia. Os meios tradicionais, desde logo a televisão, também permitem a produção e difusão de jornalismo multimédia, entendido como jornalismo que combina texto, som e imagem fixa ou em movimento.

A designação Jornalismo Eletrónico caiu em desuso, pelo facto de a condição “eletrónico” não ser exclusiva dos novos meios, existindo também na rádio e na televisão.

“Restam, pois, as alternativas *Webjornalismo* e *Ciberjornalismo*, as únicas que sintetizam o conceito numa só palavra, permitindo derivações. Entre os dois prefixos, o de origem grega (ciber) é mais preciso do que o de origem inglesa (web), não só por razões etimológicas como pela abrangência da realidade que se pretende caracterizar” (Zamith, 2008: 25). *Webjornalismo* reduz o novo jornalismo ao que é praticado na *World Wide Web* (*WWW* ou simplesmente *Web*), enquanto *Ciberjornalismo* abrange outros novos meios, fora da *Web* (Zamith, 2008: 25).

Aproveita-se para testar os conhecimentos dos estudantes sobre os meios digitais. “Internet e Web é a mesma coisa?” A resposta é (quase) invariavelmente “sim”. O docente recomenda então que os estudantes pesquisem nos computadores que têm à sua frente se a resposta que deram está correta ou não. Com maior ou menor rapidez, concluem que erraram. O docente ajuda-os a fixarem duas datas separadas por 20 anos: 1969, ano de criação da Internet, e 1989, ano em que Tim Berners-Lee apresentou a sua proposta de criação da *World Wide Web*. E recomenda que vejam a cronologia da História da Web²¹ que Jay Hoffmann está a construir.

Para ajudar a perceberem a diferença entre Internet e Web, exhibe a capa da revista *Wired* de setembro de 2010 (Fig. 3) e o gráfico que acompanha o artigo “*The Web is dead. Long Live the Internet*” (Fig. 4). O título intencionalmente provocador foi explicado no mês anterior pelos autores, Chris Anderson e Michael Wolff, num artigo publicado... na Web²². “Nos últimos anos, uma das mudanças mais importantes no mundo digital foi a transição da Web aberta para plataformas semifechadas que usam a Internet para transporte, mas não o navegador para exibição”, afirmavam os autores, referindo-se, nomeadamente, às aplicações desenvolvidas exclusivamente para dispositivos móveis, como o iPhone (lançado em 2007), aos vídeos acedidos por Flash sem passar pelo navegador Web, incluindo do YouTube e da Netflix (que lançou nesse ano o seu serviço de *streaming*), e à partilha de ficheiros *peer-to-peer* (“par a par” ou “ponto a ponto”), ligando diretamente dois computadores sem passar por um servidor central. A provocação da *Wired* gerou uma “chuva” de protestos e de acusações de enviesamento de dados²³, mas não deixou de funcionar como um alerta para a ameaça/possibilidade de a Web deixar de ser a ferramenta global de acesso democrático a informação e conhecimento tal como Tim Berners-Lee a idealizou. O próprio Berners-Lee, no final do ano, a propósito do vigésimo aniversário da *World Wide Web*, publicou um artigo em que expressava essa preocupação: “A Web como a conhecemos (...) está a ser ameaçada de diferentes maneiras. Alguns dos seus habitantes mais bem-sucedidos começaram a minar os seus princípios. Grandes sites de redes sociais estão a bloquear as informações postadas pelos seus utilizadores do resto da Web. Os fornecedores de Internet sem fios estão a ser tentados a diminuir o tráfego para sites com os quais não têm acordos. Governos — totalitários e democráticos — estão a monitorizar os hábitos online das pessoas, colocando em risco direitos humanos importantes” (Berners-Lee, 2010). No mesmo artigo, Berners-Lee defendia a manutenção de camadas separadas da Web e da Internet. “Manter a Web universal e os seus

²¹ <https://thehistoryoftheweb.com/timeline/>

²² <https://www.wired.com/2010/08/ff-webrip/>

²³ Algumas das publicações mais críticas estão reunidas aqui:

<https://www.theatlantic.com/technology/2010/08/wired-declares-the-death-of-the-web-too-soon/344479/>

padrões abertos ajuda as pessoas a inventarem novos serviços. Mas um terceiro princípio — a separação de camadas — divide o design da Web do da Internet. Essa separação é fundamental. A Web é uma aplicação que funciona na Internet, que é uma rede eletrônica que transmite pacotes de informação entre milhões de computadores de acordo com alguns protocolos abertos. Uma analogia é que a Web é como um eletrodoméstico que funciona com a rede elétrica” (Berners-Lee, 2010).

Quinze anos depois, a Web está bem viva (o *peer-to-peer* perdeu relevância, “esmagado” pelos processos em tribunal que as indústrias discográfica e cinematográfica moveram; continua a existir *streaming* de vídeo via Web; a maioria das aplicações móveis disponibiliza hiperligação para um navegador Web), mas os receios de Berners-Lee não só se mantêm como se agravaram.

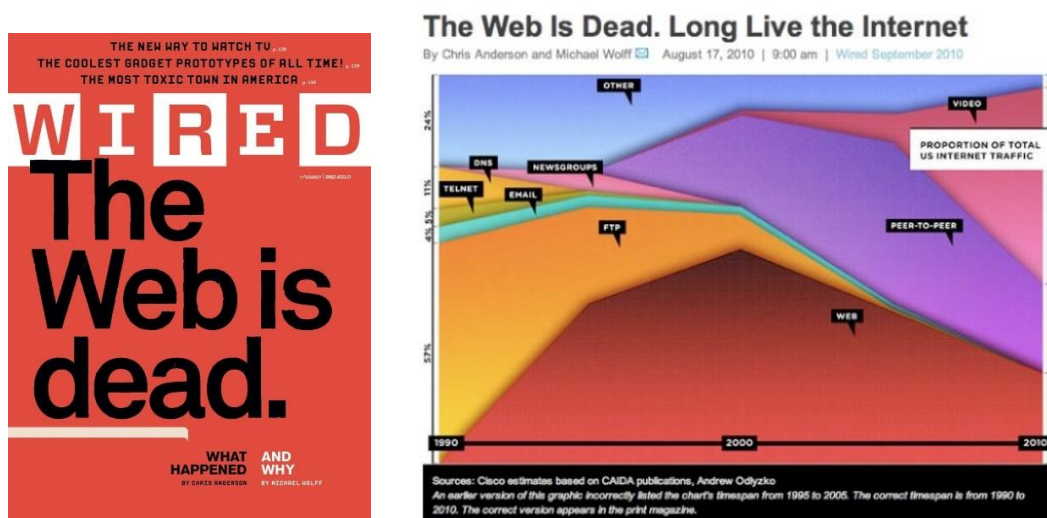


Figura 3: Capa e gráfico da edição de setembro de 2010 da revista Wired

Em síntese, ciberespaço é um termo (e conceito) mais abrangente e “estável” do que Web, e até do que Internet, porque admite qualquer espaço virtual que possa assumir características de meio de comunicação social e, consequentemente, de meio de criação e difusão de jornalismo.

Parra Valcarce e Álvarez Marcos (2004: 11) também defendem o termo Ciberjornalismo (*ciberperiodismo*), lembrando que o novo espaço virtual de comunicação cedo recebeu o nome de “Ciberespaço”, palavra introduzida em 1984 por William Gibson no seu romance de ficção científica “Neuromante”. O prefixo “ciber” surge também no termo “cibernética”, que “provém do grego *kybernetique* ou arte da navegação. Daí que os programas de acesso ao universo Web, o sector do ciberespaço mais povoado, recebam o nome de ‘navegadores’” (Parra Valcarce e Álvarez Marcos, 2004: 11). Como é também de “navegação” que falamos quando nos referimos à utilização dos novos meios, designadamente os que funcionam em rede, faz todo o sentido

utilizar palavras derivadas, como cibernauta, cibercultura e ciberjornalismo, termo usado já desde 1996 por Dahlgren (Oblak, 2005: 104).

Ainda assim, reconhecemos que, trinta anos depois das primeiras experiências jornalísticas na Web, “o próprio termo «ciberjornalismo» é um exemplo da confusão que reina neste meio caótico” (Dean, 2019: 8). “O ciberjornalismo é jornalismo tradicional, mas em novas plataformas? Ou é outra coisa, talvez um novo género de recolha e divulgação de informação com valores, práticas e ferramentas próprios, que o distinguem do que os repórteres e editores têm feito tradicionalmente?”, questiona Walter Dean (2019: 8). Inclino-nos para uma fusão das duas definições, conscientes dos efeitos de liquidificação (Deuze, 2006), hibridização e diluição (Bastos, 2012) dos vários processos simultâneos de convergência (tecnológica, mediática, empresarial, profissional) a que assistimos (e em que participamos) neste novo, confuso e caótico ecossistema mediático. Aquelas duas perguntas aparentemente difíceis “são mais fáceis de responder se primeiro concordarmos sobre o que torna o jornalismo especial, o que o diferencia de tudo o resto no universo da informação” (Dean, 2019: 9). Como afirma o diretor pedagógico do “Comité dos Jornalistas Preocupados” (*Committee of Concerned Journalists*), “isso pode ser assustador, porque o jornalismo muitas vezes parece mais um ofício do que uma profissão” (Dean, 2019: 9).

Aula 5

Sumário:

Ferramentas online para jornalistas. Apresentação dos Alertas Google.

Fases de evolução do ciberjornalismo: shovelware, produção adaptada e produção exclusiva.

Bibliografia:

Barbosa, Elisabete (2002). Interactividade: A grande promessa do Jornalismo Online. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/barbosa-elisabete-interactividade.pdf>

Bastos, Helder (2023). História do Ciberjornalismo em Portugal: os primeiros vinte e cinco anos. Covilhã: Editora LabCom. <https://labcomca.ubi.pt/historia-do-ciberjornalismo-em-portugal-os-primeiros-vinte-e-cinco-anos/>

- Cardoso, G., Paisana, M., Pinto-Martinho, A. (2024). Digital News Report Portugal 2024. Publicações OberCom. OberCom – Observatório da Comunicação. https://obercom.pt/wp-content/uploads/2024/06/DNRP-2024-_15.06.2024.pdf
- Meireles, C. e Zamith, F. (2025). Ciberjornalismo em Portugal - Relatório ObCiber 2025. ObCiber/CITCEM. <https://doi.org/10.21747/978-989-9193-55-0/cib>
- Pavlik, John V. (2001). *Journalism and New Media*. Columbia University Press.
- Quandt, Thorsten. (2023). Euphoria, disillusionment and fear: Twenty-five years of digital journalism (research). *Journalism*, 25(5), 1186-1203. <https://doi.org/10.1177/14648849231192789>
- Zamith, Fernando (2017). Cibermeios portugueses: 10 anos de lenta evolução. V *Congresso Internacional de Ciberjornalismo: Ciberjornalistas 3.0: Livro de Atas*. Observatório do Ciberjornalismo. <https://hdl.handle.net/10216/104040>
-

A aula começa com a apresentação dos [Alertas Google](#), ferramenta extremamente simples que permite receber notificações por email quando o motor de busca Google deteta alguma publicação nova sobre a palavra/expressão que introduzirmos. Apresentada a ferramenta, o docente chama a atenção para a importância de configurar bem cada alerta, escolhendo as opções mais apropriadas. Fomentando a reflexão e o debate em aula, os estudantes acabam por perceber que a frequência (“uma vez por dia”) e a quantidade (“só as melhores”) pré-definidas não são as mais adequadas para um jornalista (particularmente um ciberjornalista), que preferirá alterar para “novas ocorrências” e “todos os resultados”, respetivamente, dado que, no primeiro caso, a atualidade é um valor-notícia importante e, no segundo, compete ao jornalista fazer a triagem sobre o que é “melhor”. O “*gatekeeper*” é o jornalista; não o algoritmo do Google. Ficam a compreender também que é melhor deixar o campo “Origens” em “Automático”, porque não lhes interessa, por exemplo, apenas “Notícias”, pois, se já foram noticiadas (supostamente por jornalistas/órgãos de comunicação social), então já não vamos dar uma novidade. Apenas servirão, eventualmente, para estarmos informados.

O docente dá conta da sua experiência de utilização dos Alertas Google enquanto jornalista da Agência Lusa, que lhe valeram várias notícias em primeira mão, conhecidas na gíria jornalística como “cachas” ou “furos”. Faz, então, o paralelismo entre o jornalismo de agência e o ciberjornalismo. Num e noutro, não há *deadlines*. As notícias “queimam nas mãos” do jornalista

se não as “libertar” rapidamente. Quanto mais cedo receber informação com potencial valor-notícia (nomeadamente através dos Alertas Google), mais cedo poderá auscultar outras fontes, confirmar a informação, adicionar-lhe contexto e enviar para o editor, para que seja revista e publicada.

Os estudantes são alertados para alguns cuidados na escolha dos termos sobre os quais querem ser alertados: não devem ser demasiado amplos/genéricos (“saúde” ou “desporto”, por exemplo) nem expressões que estejam demasiado presentes na atualidade (“Ucrânia” ou “Israel”, p.e.), pois vão “encharcar” a caixa de correio eletrónico e dificultar a triagem.

Faz-se também o paralelismo entre o Feedly e os Alertas Google. Enquanto o primeiro nos dá todas as publicações novas de cada fonte subscrita (independentemente do assunto/tópico), o segundo dá-nos todas as publicações novas que o mais popular motor de busca deteta sobre os assuntos/tópicos que escolhemos. O modo de receção e acesso também é diferente: no Feedly temos de ir à nossa página ver as novidades, enquanto nos Alertas Google temos de abrir cada mensagem de email do serviço para ver o que há de novo.

A aula prossegue com a descrição das três fases de evolução do ciberjornalismo que John Pavlik (2001) antecipou (*shovelware*, produção adaptada e produção exclusiva), explicando-se que, atualmente, a maior parte dos cibermeios está na terceira fase, mas a maioria dos que mantêm presença paralela nos meios tradicionais combinam procedimentos de produção exclusiva (3.ª fase) com a transposição de conteúdos do meio tradicional para a Internet (*shovelware*). Ou seja, a Internet é simultaneamente meio jornalístico e canal alternativo de difusão (“espelho” ou “montra”) do meio tradicional.

Noutra perspetiva, apresentam-se as cinco fases da evolução da investigação internacional sobre ciberjornalismo nos primeiros 25 anos, resultantes do levantamento e análise feitos por Thorsten Quandt (2023): 1) de nicho, 2) euforia, 3) desilusão, 4) desgraça e tristeza, e normalização. A exibição da Figura 2 ajuda os estudantes a perceberem como a investigação reflete bem o impacto que tiveram na atividade jornalística na Internet quer a vertiginosa evolução tecnológica, quer o contexto histórico, social, político e económico deste primeiro quarto de século.

No campo nacional, alude-se às fases de evolução do ciberjornalismo em Portugal, na avaliação de Helder Bastos (2023: 17) aos primeiros 25 anos: “a da implementação (1995-1998); a da expansão ou *boom* (1999-2000); e a da depressão seguida de estagnação, pontuada por investimentos a contracorrente (2001-2020)”. Complementa-se o tema com os resultados do

estudo que o candidato desenvolveu entre 2006 e 2016²⁴, que aponta para uma lenta evolução dos cibermeios portugueses no aproveitamento das potencialidades jornalísticas da Internet, de 23,3% em 2006 para 39,8% em 2016 (Zamith, 2017: 26).

Faz-se também uma atualização de dados evolutivos, com base nos estudos e relatórios mais recentes, nomeadamente o “Digital News Report Portugal” (Cardoso *et al.*, 2024) e o “Relatório ObCiber 2025” (Meireles e Zamith, 2025).

Aula 6

Sumário:

Ferramentas online para jornalistas. Newsletters de fontes primárias e de fontes jornalísticas.

Técnicas de medição da fiabilidade da informação online. Exercício prático.

Bibliografia:

Poynter Institute (2019). Commit to Transparency – International Fact-Checking Network’s Code of Principles. <https://ifcncodeofprinciples.poynter.org/>

Silverman, Craig (Ed.) (2014). *Manual de Verificação. Um guia definitivo para a verificação de conteúdo digital na cobertura de emergências*. Poynter Institute. <http://verificationhandbook.com/downloads/manual.de.verificacao.pdf>

Tate, Marsha Ann e Alexander, Janet E. (1996-2011). Checklist for a News Web Page. https://mtateresearch.com/wp-content/uploads/2021/03/Checklist_News_Web_Page.pdf

A sequência de apresentação das ferramentas da Internet que os estudantes devem experimentar para produzirem artigos para o seu site noticioso termina com a visualização de alguns exemplos de newsletters de fontes primárias (não jornalísticas e não meramente comerciais) e de fontes jornalísticas (de informação geral e especializada). É feita uma breve

²⁴ O autor pretende atualizar esta investigação em 2026, permitindo um estudo comparativo diacrónico com 20 anos de intervalo.

contextualização histórica, desde os boletins informativos (municipais, paroquiais e de outros âmbitos) até aos jornais e revistas de informação institucional (de partidos, autarquias, associações, clubes), para que os estudantes compreendam: 1.º - que as atuais newsletters enviadas por email (*electronic mail* = correio eletrónico) tiveram um (lento) antecedente impresso enviado por correio postal (o *snail mail* = correio caracol); 2.º - que na era pré-Internet as fontes primárias já tinham instrumentos de comunicação direta com a população em geral (e/ou com o seu público-alvo), sem a intermediação do jornalista.

O docente explica que as newsletters exclusivamente comerciais, que se limitam a promover a venda de produtos ou serviços, por norma não têm interesse para o jornalista, porque é informação sem valor-notícia. Já as newsletters de outras fontes primárias, como organismos públicos, autarquias, partidos, sindicatos, ordens profissionais, associações industriais, grupos empresariais, clubes, organizações não-governamentais, universidades e centros de investigação, salas e produtores de espetáculos, editoras, companhias de teatro ou dança, e museus, podem “dar notícia”, ou seja, podem permitir ao jornalista receber ao mesmo tempo que os outros subscritores informação nova que merece ser trabalhada jornalisticamente. Contudo, os estudantes são advertidos para a grande probabilidade de a maioria das newsletters funcionar como instrumento de marketing, para divulgar um evento ou promover a marca ou imagem de um produto, serviço, pessoa ou instituição, não contendo, por isso, informação digna de ser noticiada. No artigo que têm de produzir para o seu site noticioso, os estudantes deverão revelar capacidade crítica para distinguir a informação meramente promocional da informação relevante para a sociedade.

Além das newsletters de fontes primárias que não tenham intuito meramente comercial, recomenda-se aos estudantes que subscrevam e consumam newsletters jornalísticas como componente da sua “dieta informativa” diária. Explica-se que, no contexto jornalístico, estas newsletters não são consideradas primárias, porque apresentam informação já trabalhada por jornalistas.

Salienta-se ainda que, na Internet, nem sempre os boletins informativos assumem a designação “newsletter”, podendo apresentar-se como simples *mailing-lists*. O processo de inscrição numa *mailing-list* é em tudo idêntico ao da subscrição de uma newsletter. Basta colocar um endereço de email no espaço reservado para tal e passamos a receber nesse email informações daquela fonte. Ao contrário das newsletters, que habitualmente têm periodicidade (diária, semanal ou mensal) e uma organização e apresentação uniformes, as *mailing-lists* não costumam ter frequência definida, nem uma estrutura fixa. Servem para divulgar novidades quando elas existem e não apenas quando chega o dia ou hora de difundir a newsletter. Ou seja, é maior a

probabilidade de um jornalista conseguir uma informação com valor-notícia em primeira mão através de uma *mailing-list* sem periodicidade definida do que de uma newsletter periódica.

Em relação direta com a distinção entre produção jornalística e não jornalística, introduz-se depois o tema da verificação e da medição da fiabilidade da informação online, abordando as questões éticas e legais. Recomenda-se a leitura do Código de Princípios da Rede Internacional de Verificação de Factos (Poynter Institute, 2019) e do Manual de Verificação editado por Craig Silverman (2014). De seguida, são apresentados os critérios e as perguntas da *checklist* de Tate e Alexander (1996/2011) para identificar um site noticioso, a partir dos quais os estudantes fazem um pequeno exercício prático (não contabilizável para a avaliação), aplicando a ferramenta a algumas publicações online indicadas pelo docente.

Janet Alexander e Marsha Ann Tate desenvolveram em 1996 uma lista de verificação a partir de cinco grandes critérios (*Authority, Accuracy, Objectivity, Currency, Coverage*), para saber como reconhecer uma página de notícias, lista essa que atualizaram em 2005 e novamente em 2011, alterando, suprimindo e acrescentando algumas perguntas à *checklist*. “Uma página de notícias na web é uma página que tem como principal objetivo fornecer informação extremamente atual”, referem as autoras (Tate e Alexander, 1996/2011), sem, contudo, distinguirem as “notícias” jornalísticas das “notícias” em sentido amplo, de novidade, independentemente de quem a fornece ou divulga. Tate e Alexander (1996/2011) admitem mesmo que um site noticioso possa ter um URL terminado em “.gov”, ou seja, de uma página governamental que, ainda que sendo uma fonte oficial, não é nem pode ser considerada jornalística.

Mesmo sem se destinar especificamente a identificar um cibermeio jornalístico, a *checklist* de Tate e Alexander é um instrumento útil para que os estudantes adquiram práticas de verificação da fiabilidade da informação online. A partir de uma tradução e adaptação sua da *checklist*, o docente pede aos estudantes que analisem seis a dez sites por si indicados, respondendo “Sim” ou “Não” a cada uma destas questões:

1. É claro quem é o responsável pelos conteúdos da página?
2. Há um "link" para uma página que descreva os objetivos da organização que patrocina a página?
3. Há uma forma de verificar a legitimidade do patrocinador da página? (há um número de telefone ou endereço para fazer mais contactos?)
4. É claro quem escreve o material e quais são as qualificações do autor?
5. Se o material está protegido por direitos de autor, o nome do proprietário está explícito?

6. As fontes de informação estão referenciadas de forma a permitirem verificação independente?
7. A informação não tem erros gramaticais, ortográficos ou tipográficos?
8. É claro quem é o responsável último pela precisão da informação fornecida?
9. A informação é prestada como serviço público?
10. A informação está livre de publicidade?
11. Se há anúncios, eles estão claramente identificados?
12. Há datas que indiquem: a) a data em que a página foi escrita? b) Quando é que a página foi colocada "online"? c) Quando é que a página foi revista pela última vez?
13. Há outras indicações que nos permitam concluir que o material é atualizado com frequência?
14. Se a informação é publicada em diferentes edições, conseguimos saber de que edição se trata?
15. Há uma indicação de que a página já está terminada e que não está ainda em construção?
16. Se existe um texto impresso equivalente à página Web, há indicação clara de que a versão na Internet está completa ou que é apenas uma parte?
17. Se o material provém de uma obra escrita há já algum tempo, houve algum esforço para o atualizar?

Aula 7

Sumário:

Análise e reflexão sobre os resultados do exercício da aula anterior.

Características da Internet relevantes para o jornalismo.

Técnica da Pirâmide Invertida adaptada à Internet. O Livro de Estilo do JPN. A construção de títulos e leads na cibernotícia. O uso do hipertexto.

Bibliografia:

Canavilhas, João (org.) (2014). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros Labcom. <https://labcom.ubi.pt/webjornalismo-7-carateristicas-que-marcam-a-diferenca/>

Díaz Noci, Javier, e Salaverría, Ramón (2003). *Manual de Redacción Ciberperiodística*. Ariel Comunicación.

JPN (s/d). Estatuto Editorial/Livro de Estilo. <https://jpn.up.pt/documentos/estatuto-editorial-do-jpn/>

Kulkarni, Shirish *et al.* (2023). Innovating Online Journalism: New Ways of Storytelling. *Journalism Practice*, 17:9, 1845-1863. <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.2020675>

Manta, André (1997) 'Guia do Jornalismo na Internet', <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/manta/Guia/>

Salaverría, Ramón (2005). *Redacción Periodística en Internet*. Eunsa.

Zamith, Fernando (2008). *Ciberjornalismo - As potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses*. Porto: Edições Afrontamento/CETAC.MEDIA.

Zamith, Fernando (2005). Pirâmide invertida na cibernotícia: A resistência de uma técnica centenária. *Prisma.com - Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação*, 1, pp. 175-192. <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2151/1984>

O docente inicia a aula projetando no quadro os resultados globais (respostas ao questionário pelos estudantes das quatro turmas) do exercício prático da aula anterior, de avaliação da fiabilidade da informação online presente em páginas na Internet que aparentam ser sites noticiosos e, mesmo, sites jornalísticos. Pede-se que os estudantes analisem os resultados e que reflitam sobre a experiência, desde as surpresas que tiveram até à utilidade que atribuem à ferramenta de aferição.

Entrando no tema principal da aula, o docente alerta que o que irá apresentar a seguir serve de preparação para o primeiro exercício de construção de uma cibernotícia, a realizar na aula seguinte. As sete características da Internet relevantes para o jornalismo, afloradas na identificação das fases de evolução do ciberjornalismo (Aula 5), são agora elencadas e definidas, assim como as potencialidades que lhe estão associadas: Hipertextualidade, Multimedialidade, Interatividade, Instantaneidade, Ubiquidade, Memória e Personalização. Dá-se particular destaque à hipertextualidade, realçando-se a mais-valia que é para um texto jornalístico a colocação de hiperligações, designadamente para as fontes utilizadas (quando estão disponíveis na Internet) e para a contextualização (histórica e geográfica) dos factos relatados. O

(ciber)jornalista já não precisa de incluir sistematicamente no texto das suas notícias (em especial as de atualização) os antecedentes do caso (o chamado *background*, na gíria jornalística), pois um link será suficiente para dar esse *background* a quem dele necessitar.

A ideia de hipertexto foi pela primeira vez descrita em 1945 pelo físico e matemático Vannevar Bush, no artigo “As We May Think”, mas só 20 anos depois, em 1965, Ted Nelson cunhou o termo *hypertext*, para designar a escrita e a leitura não linear dos sistemas de computadores (Zamith, 2008: 28). Contudo, o hipertexto pode ser entendido também como “uma forma de discurso que se constrói a partir da combinação de diversos textos” (Díaz Noci e Salaverría, 2003: 117). Nesta aceção, podemos encontrar hipertexto na literatura, nomeadamente nas notas de rodapé, nos *flashbacks* e nas narrativas paralelas ou não sequenciais, que remetem o leitor para diferentes partes da obra. Também os textos académicos e científicos estão repletos de hipertexto, nomeadamente no índice e nas constantes referências a fontes e notas explicativas. Mesmo no jornalismo tradicional vemos frequentemente apelos hipertextuais, como na imprensa, através de referências do tipo “Ver Caixa”, “Ver Gráfico 1” ou “Página 14”, e na televisão, através das informações que passam no topo do ecrã ou em rodapé, os designados “*tickers*” (Díaz Noci e Salaverría, 2003: 117).

Cingindo-nos à Internet, o hipertexto tem sido definido como “um sistema de escrita e leitura não linear aplicado à informática, principalmente à multimédia e às home pages na World Wide Web. Nele, as informações estão organizadas de forma não hierarquizada e espalhadas numa rede com inúmeras conexões (os links ou hiperlinks)” (Manta, 1997). De forma mais simples e aplicável ao ciberjornalismo, Salaverría define hipertextualidade como a “capacidade de interligar vários textos digitais entre si” (Salaverría, 2005: 30).

É apresentada a técnica da pirâmide invertida adaptada à Internet (Zamith, 2005), que adiciona hipertexto e multimédia à centenária estrutura usada, sobretudo, pelos jornalistas dos jornais, revistas e agências noticiosas. Depois, apresenta-se o Livro de Estilo do JPN (s/d), com realce para o preâmbulo, dedicado às fontes de informação, e para os primeiros pontos, dedicados à construção de títulos e leads na cibernotícia, e ao uso do hipertexto. O Livro de Estilo do JPN, muito curto, direto e objetivo, foi originalmente criado pelo docente e mais tarde atualizado pela editora do cibermeio, Filipa Silva, em articulação com o autor. Tem sido usado sempre como referência nos exercícios de produção de trabalhos jornalísticos no âmbito das unidades curriculares de Técnicas de Expressão Jornalística Online.

São mostrados alguns exemplos, de construção correta e incorreta de títulos e leads, e de utilização correta e incorreta de hipertexto. “A hiperligação deve ser feita na palavra ou

expressão mais adequada e evidente (comunicado) e para a página exata onde se encontra o que queremos transmitir ao leitor (“deep link”)” (JPN, s/d). É explicado aos estudantes que o JPN não usa links no título ou no lead, por se considerar que é muito cedo para convidar o utilizador a sair da notícia, mas outros cibermeios, como o New York Times, usam com frequência no lead, habitualmente para páginas internas de contexto, como biografias de pessoas referidas, ou dados geográficos ou demográficos sobre o local dos factos. Por fim, recorda-se a importância de escrever de forma Clara, Correta e Concisa (a regra dos 3 Cês) e de responder, o mais cedo possível, às perguntas O quê?, Quem?, Quando?, Onde?, Como? e Porquê? (a regra dos 5 W+H).

Aula 8

Sumário:

Construção de cibernotícia com utilização de hipertexto.

Bibliografia:

JPN (s/d). Estatuto Editorial/Livro de Estilo. <https://jpn.up.pt/documentos/estatuto-editorial-do-jpn/>

Zamith, Fernando (2005). Pirâmide invertida na cibernotícia: A resistência de uma técnica centenária. *Prisma.com - Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação*, 1, pp. 175-192.
<http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2151/1984>

Este é o primeiro exercício da componente de avaliação em aula. O enunciado é colocado no Moodle da UC, onde o trabalho deve ser submetido, em espaço próprio com processador de texto e inserçor de hipertexto. É disponibilizado aos estudantes um link para um *press-release* (policial, autárquico ou de outra fonte primária) recente, preferencialmente do próprio dia ou da véspera. Os estudantes devem construir uma cibernotícia pequena (de alguns parágrafos), usando apenas texto e hipertexto, e respeitando o Livro de Estilo do JPN. O texto deve conter hiperligação para a fonte e pode conter outros links pertinentes, de contexto ou de

contraditório, p.e.. Dependendo da atualidade (proximidade de eleições, p.e.), os estudantes podem ser avisados na semana anterior sobre o tema da cibernotícia, para que se possam preparar até ao dia do exercício.

Neste primeiro exercício, a utilização de multimédia é facultativa (fará parte da 2.ª cibernotícia), pois pretende-se que os estudantes concentrem a sua atenção na construção do texto e no correto uso do hipertexto.

Antes de saírem da sala, o docente apela à presença de todos na aula seguinte, dedicada inteiramente à correção coletiva da cibernotícia, salientando que as aulas de correção são, porventura, as mais importantes, pois no jornalismo, como noutras profissões, aprende-se muito com os erros e com a análise de casos concretos de aplicação de teorias e técnicas.

Aula 9

Sumário:

Correção da cibernotícia construída na aula anterior.

A aula é inteiramente dedicada à correção coletiva da cibernotícia construída na aula anterior. Vão sendo projetadas no quadro algumas cibernotícias, sem identificação do autor (a não ser que o mesmo autorize), pedindo-se aos estudantes que se pronunciem sobre as mesmas e que identifiquem eventuais falhas ou imprecisões, especialmente no título, no lead e no hipertexto. Pede-se também que sugiram novas formulações. Terminados os pronunciamentos e a eventual discussão que se estabeleça entre os estudantes, o docente pronuncia-se, alertando para o incumprimento de alguma regra (jornalística, gramatical ou de estilo) e sugerindo alternativas de construção, especialmente do título e do lead, elementos-chave da cibernotícia. Também alude à “arte de bem linkar”, ou seja, ao cuidado de escolher a palavra ou expressão mais apropriada para funcionar como “letrreiro” a colocar na “porta” de acesso à página para a qual estamos a convidar quem nos lê ou vê, o utilizador.

Sempre que possível, o docente divulga nesta aula de correção os resultados da avaliação do exercício, permitindo que os estudantes percebam de imediato o que fizeram bem e onde falharam e porquê. Sabem, assim, o que têm de alterar antes de publicar a cibernotícia no site noticioso que estão a construir e a alimentar como elemento de avaliação extra-aula.

Aula 10

Sumário:

Características da Internet relevantes para o ciberjornalismo. Comparação com meios tradicionais.

Vantagens e desvantagens do ciberespaço para o jornalismo.

Bibliografia:

Alves, Rosental Calmon & Schmitz Weiss, Amy (2004). Many newspaper sites still cling to once-a-day publish cycle. *Online Journalism Review*. <https://web.archive.org/web/20040806050942/http://ojr.org/ojr/workplace/1090395903.php>

Bastos, Helder (2005). Ciberjornalismo e narrativa hipermédia. *PRISMA.COM*, (1), 3–15. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2145>.

Canavilhas, João (org.) (2014). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros Labcom. <https://labcom.ubi.pt/webjornalismo-7-carateristicas-que-marcam-a-diferenca/>

Daltoé, Andrelise (2003). Promessas, desafios e ameaças das tecnologias digitais.

<https://bocc.ubi.pt/texts/daltoe-andrelise-promessas-desafios-tecnologias-digitais.pdf>

Deuze, Mark (2003). The Web and Its Journalisms: Considering the Consequences of Different Types of Newsmedia Online. *New Media & Society*, 5 (2).

Lasica, J. D. (2001). The Promise of the Daily Me. <https://www.jdlasica.com/media/the-promise-of-the-daily-me/>

Lasica, J. D. (1996) 'Net Gain', *American Journalism Review*, 18(9): 20-37.

Lévy, Pierre (2000). *Cibercultura*. Instituto Piaget.

Oblak, T. (2005) The lack of interactivity and hypertextuality in online media, *Gazette*, Vol. 67 (1): 87-106, London, Thousand Oaks & New Delhi: Sage Publications.

Palacios, Marcos *et al.* (2002). Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português. Em Barbosa, Suzana, Machado, Elias & Palacios,

Marcos (org.). (2018). *GJOL: 20 anos de percurso: textos fundadores e metodológicos*. Salvador: EDUFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27613>

Parra Valcarce, D. e Álvarez Marcos, J. (2004). *Ciberperiodismo*. Madrid: Editorial Síntesis.

Pavlik, John V. (2020). Ciberjornalismo: muito mais do que notícias no formato digital. *Esferas*, (17), 18-26. <https://doi.org/10.31501/esf.v0i17.11708>

Pavlik, John V. (2014). Ubiquidade: O 7.º princípio do jornalismo na era digital. Em Canavilhas, João (org.) (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*, pp. 159-184. Covilhã: Livros Labcom. <https://labcom.ubi.pt/webjornalismo-7-carateristicas-que-marcam-a-diferenca/>

Pavlik, John V. (2001). *Journalism and New Media*. Columbia University Press.

Rost, Alejandro (2012). Periodismo e interactividad: preguntas, definiciones y desafíos en la participación de los usuarios. Em García de Torres, Elvira (2012). *Cartografía del periodismo participativo - Estudio de las herramientas de participación en la prensa digital de Argentina, Colombia, España, Estados Unidos, Israel, México, Perú, Portugal y Venezuela*, pp. 13-36. Valencia: Tirant Lo Blanch Humanidades.

Salaverría, Ramón (2005). *Redacción Periodística en Internet*. Eunsa.

Schultz, Tanjev (1999). Interactive Options in Online Journalism: a Content Analysis of 100 U.S. Newspapers. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Volume 5, Issue 1, 1 September 1999, JCMC513, <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.1999.tb00331.x>

Stovall, James Glen (2004). *Web Journalism: Practice and Promise of a New Medium*. Boston: Pearson Education.

Zamith, Fernando (2017). Cibermeios portugueses: 10 anos de lenta evolução. V *Congresso Internacional de Ciberjornalismo: Ciberjornalistas 3.0: Livro de Atas*. Observatório do Ciberjornalismo. <https://hdl.handle.net/10216/104040>

Zamith, Fernando (2011). A contextualização no ciberjornalismo. Tese de doutoramento. Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/126988>

Zamith, Fernando (2008). *Ciberjornalismo - As potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses*. Porto: Edições Afrontamento/CETAC.MEDIA.

Zamith, Fernando (2007a). O subaproveitamento das potencialidades da Internet pelos ciberjornais portugueses. *Prisma.com - Revista de Ciências e Tecnologias de Informação*

Retoma-se o tema das características do ciberjornalismo, a partir das potencialidades da Internet, mencionando contribuições teóricas de vários autores (Lasica, 2001; Pavlik, 2001, 2020; Palacios *et al.*, 2002; Deuze, 2003; Stovall, 2004; Bastos, 2005; Salaverría, 2005; Rost, 2012; Canavilhas, 2014) e a investigação do docente sobre a matéria (Zamith, 2007a, 2008, 2011, 2017). As sete características (hipertextualidade, multimedialidade, interatividade, instantaneidade, ubiquidade, memória e personalização) são comparadas entre o meio online e os meios tradicionais. Noutra perspetiva, analisam-se as vantagens e desvantagens da Internet para o jornalismo, notando que não estamos deslumbrada e necessariamente na presença de sete “maravilhas”.

Hipertextualidade, multimedialidade e interatividade são, consensualmente, as três principais potencialidades jornalísticas da Internet, também designadas “possibilidades expressivas” (Salaverría, 2005), que, mais lentamente do que seria de esperar (Zamith, 2017), se foram assumindo como características do ciberjornalismo. Depois de na Aula 7 se ter dado atenção especial à hipertextualidade, agora o foco vai para a multimedialidade, preparando os estudantes para o segundo e último exercício de avaliação em aula.

A multimedialidade “é o conceito que menos discussão levanta entre os teóricos que reflectem sobre as características da Internet, particularmente as associadas ao jornalismo (Zamith, 2008: 29). No manual que escreveu para os seus estudantes, Ramón Salaverría define multimedialidade como “a capacidade, outorgada pelo suporte digital, de combinar numa só mensagem pelo menos dois dos três seguintes elementos: texto, imagem e som” (Salaverría, 2005: 32). No contexto do ciberjornalismo, Palacios afirma que quando falamos de multimedialidade nos estamos a referir “à convergência dos formatos dos media tradicionais (imagem, texto e som) na narração do facto jornalístico” (Palacios *et al.*, 2002: 156). Também as organizações de media classificam como multimédia “todas e quaisquer combinações de conteúdo editorial, em termos de texto escrito, imagens fixas e em movimento, sons, dados e gráficos” (Deuze, 2003: 224).

A associação entre hipertexto e multimédia, designada hipermedia, tem sido também destacada por vários autores como de grande potencial para o ciberjornalismo. Para Helder Bastos, a narrativa jornalística hipermedia “não resulta apenas da disponibilização de matéria-prima

multimédia num conjunto de páginas Web mas exige, para além disso, uma conjugação integrada e não redundante dos elementos com base numa gramática própria” (Bastos, 2005: 12).

Muito menos consensual é o conceito de interatividade, quantas vezes classificado como a mera capacidade de relação do homem com a máquina e não na amplitude total de “processo de fazer coisas e resolver problemas em conjunto” (Tim Berners-Lee, citado por Zamith, 2008: 29). Falamos de interação humana (entre dois ou mais seres humanos) potenciada pela máquina e não apenas da reação do homem ao que outro lhe oferece, por intermédio da tecnologia (que destacamos como característica autónoma, personalização). “A Internet não é um megafone. A Internet é conversa” (Lasica, 1996: 33). Alejandro Rost (2012: 21-26) distingue “interatividade seletiva” (a relação dos indivíduos com a máquina) de “interatividade comunicativa” (a relação mediada que se produz entre indivíduos) e une as duas como a capacidade gradual que tem um meio para dar aos utilizadores um maior poder tanto de seleção de conteúdos como em possibilidades de expressão e comunicação.

A capacidade de publicar instantaneamente qualquer conteúdo jornalístico (mesmo o menos relevante e/ou urgente) sem ter de esperar pela hora do noticiário radiofónico ou televisivo ou pelo momento em que o jornal impresso começa a ser distribuído, é outra das pequenas revoluções causadas pela Internet. Até à difusão pública deste novo meio, só os editores das agências noticiosas experimentavam a sensação de poder difundir notícias a qualquer momento, 24 horas por dia, sem limitações temporais (Zamith, 2008: 32). Nada habituadas à liberdade oferecida pela instantaneidade, também designada simultaneidade (Salaverría, 2005: 19), as primeiras publicações jornalísticas na Internet mantiveram uma estranha (para as características do meio) periodicidade (Alves e Schmitz Weiss, 2004), renovando os seus conteúdos apenas uma vez por semana ou uma ou duas vezes por dia, sempre à mesma hora. Passados 30 anos, ainda há cibermeios “periódicos”, mas a quase totalidade já abdicou da referência à periodicidade²⁵, optando por atualizações a qualquer instante.

Elemento-chave da globalização da informação, a Internet tem sido vista como um meio de comunicação ubíquo (Lasica, 1996; Lévy, 2000: 49; Pavlik, 2001: 127, 2014: 159-184), ainda que, com mais rigor, devêssemos afirmar que ela é tendencialmente ubíqua. Parra Valcarce e Álvarez Marcos (2004: 104-106) preferem chamar a esta característica universalidade ou transnacionalidade (Parra Valcarce e Álvarez Marcos, 2004: 119). A Web possibilitou que uma notícia publicada na rede possa ser acedida simultaneamente por utilizadores dos “quatro

²⁵ Em Portugal, anacronicamente, os cibermeios continuam a ser registados oficialmente como “publicações periódicas”: <https://www.erc.pt/pt/registo-de-ocs>

cantos” do Mundo. Esquecida ou desvalorizada por alguns e agregada por outros à instantaneidade/simultaneidade, a ubiquidade da Internet permite ao cibermeio explorar um mercado mundial e não apenas local, regional ou nacional, como acontece na esmagadora maioria dos órgãos de comunicação social tradicionais. Mesmo que o seu cibermeio tenha como público-alvo utilizadores de uma determinada área geográfica, o ciberjornalista tem de ter sempre presente que está a produzir para um meio que permite que o seu trabalho possa ser acedido em qualquer parte do Mundo. “Ubiquidade implica que qualquer um, em qualquer lugar, tem acesso potencial a uma rede de comunicação interativa em tempo real” (Pavlik, 2014: 160).

A memória, por alguns autores incluída na hipertextualidade ou na contextualização, tem sido estudada também de forma autónoma (Daltoé, 2003: 14-15; Palacios *et al.*, 2002: 156-157), ainda que por vezes com outras designações, como arquividade (Dahlgren, citado por Oblak, 2005: 93). Entendemos aqui memória como termo agregador de duas potencialidades por vezes apresentadas separadamente: capacidade e perenidade (Stovall, 2004). Como maior armazém de informação alguma vez criado pela humanidade, a Internet tem uma capacidade (quase) ilimitada. Simultaneamente, é tendencialmente perene, ainda que não totalmente, como o comprovam os inúmeros sites e bases de dados desaparecidos, assim como os muitos ataques informáticos, que não poupam sequer quem se dedica a preservar a memória da Internet²⁶. Para o jornalismo, esta característica da Internet trouxe uma pequena revolução nunca antes conseguida: as notícias já não “morrem”; ficam “congeladas” e podem reganhar vida dias, meses ou anos mais tarde.

A contextualização tem sido destacada por alguns autores como uma potencialidade do ciberjornalismo agregadora de todas as outras (Pavlik, 2001; Zamith, 2011). Em bom rigor, não há jornalismo sem contextualização. Quando um jornalista relata um acontecimento, tem obrigação de explicar em que contexto esse acontecimento se deu. A gíria jornalística acolheu o termo inglês *background* como significado da informação de contextualização que necessariamente tem de ser incluída sempre que se redige uma nova notícia sobre um assunto em desenvolvimento. No entanto, contextualizar num *medium* tradicional foi sempre uma tarefa algo ingrata para o jornalista, por ter de incluir na notícia informações que não são novas, “gastando” espaço (imprensa) ou tempo (rádio e televisão) que poderiam ser enriquecidos com outros conteúdos. “A expansão da Internet acabou com as limitações espaciais e temporais, ao mesmo tempo que fez confluir num mesmo meio não só todos os meios tradicionais, como

²⁶ Em 2024, o Internet Archive sofreu vários ciberataques: <https://blog.archive.org/2024/11/14/learning-from-cyberattacks/>

grande parte das fontes mais utilizadas pelos jornalistas e ainda os antigos receptores das notícias, agora potencialmente mais activos no processo noticioso. Todos estes factores juntos demonstram as tremendas potencialidades de contextualização que a Internet oferece aos ciberjornais” (Zamith, 2008: 33). Pavlik (2001: 4) considera mesmo que, no ambiente online e eletrónico dos novos meios, estamos perante um novo tipo de jornalismo, a que chama “jornalismo contextualizado”, pela ênfase que dá às capacidades de contextualização potenciadas pela Internet. Na Internet, o jornalista pode revalorizar o arquivo, acolher contribuições dos visitantes, convidar o visitante a aceder a conteúdos hipermédia e utilizar as modalidades comunicacionais que mais se adequam ao assunto tratado, enquanto o utilizador dispõe agora de uma liberdade de ação que nunca teve, ao poder personalizar os conteúdos que pretende receber, confrontar notícias sobre o mesmo assunto difundidas por diferentes cibermeios e aceder diretamente a fontes para confirmar informações noticiadas pelos jornalistas.

A personalização, por muitos autores incluída na interatividade (Deuze, 2003: 214, Amaral & Espanha, 2006: 31), a personalização “consiste em alterar a configuração genérica de um sítio web de acordo com os critérios especificados por um usuário” (López *et al.*, 2003: 224). No caso específico do cibermeio, “consiste na opção oferecida ao utilizador para configurar os produtos jornalísticos de acordo com os seus interesses individuais” (Palacios *et al.*, 2002: 155). Na investigação do docente (Zamith, 2007a, 2008, 2011, 2017), a personalização é destacada como característica autónoma com potencialidade ciberjornalística, na senda do que defendem vários outros autores e investigadores (López, Gago e Pereira, 2003: 226; Daltoé, 2003: 13; Bardoel e Deuze, 2000; Palacios, 2002: 155; Canavilhas, 2014: 7; Parra Valcarce e Álvarez Marcos, 2004: 112-113).

A apresentação das sete potencialidades jornalísticas da Internet e suas derivadas termina com o preenchimento coletivo de um quadro comparativo das possibilidades expressivas dos quatro meios. O docente projeta o quadro original (Fig. 4a) apresentado por Díaz Noci e publicado por Salaverría (2005: 119), referente à hipertextualidade, multimedialidade, interatividade e simultaneidade (equivalente à instantaneidade), deixando em branco as células referentes à classificação por níveis. Pede depois aos estudantes que digam que nível (nenhum, baixo, médio ou alto) atribuem a cada par potencialidade/meio. As falhas mais habituais são a classificação do jornal diário (em papel) como não tendo hipertexto nem multimédia e da rádio como sendo multimédia. De seguida, faz o mesmo exercício em relação às restantes três potencialidades, ubiquidade, memória e personalização (Zamith, 2008: 22), concluindo-se que o cibermeio é o único com nível alto nas sete potencialidades e o único que permite personalização.

Comparação com meios tradicionais				
Níveis (Díaz Noci, 2004; Salaverría, 2005)	Diário	Rádio	TV (não interativa)	Cibermeio
Hipertextualidade				
Multimedialidade				
Interatividade				
Simultaneidade				

Comparação com meios tradicionais				
Níveis (Díaz Noci, 2004; Salaverría, 2005)	Diário	Rádio	TV (não interativa)	Cibermeio
Hipertextualidade	Baixo	Nenhum	Nenhum	Alto
Multimedialidade	Baixo	Nenhum	Médio- Alto	Alto
Interatividade	Baixo	Médio	Baixo	Alto
Simultaneidade	Nenhum	Alto	Alto	Alto

Figuras 4a e 4b: Níveis de aproveitamento das 4 possibilidades expressivas da Internet (Salaverría, 2005: 119)

Comparação com meios tradicionais				
Níveis (Zamith, 2006)	Diário	Rádio	TV (não interativa)	Cibermeio
Ubiquidade				
Memória				
Personalização				

Comparação com meios tradicionais				
Níveis (Zamith, 2006)	Diário	Rádio	TV (não interativa)	Cibermeio
Ubiquidade	Baixo	Alto	Alto	Alto
Memória	Baixo	Baixo	Baixo	Alto
Personalização	Nenhum	Nenhum	Nenhum	Alto

Figuras 5a e 5b: Níveis de aproveitamento das outras 3 potencialidades da Internet (Zamith, 2008: 22)

No final da aula, são apresentadas as cinco dimensões básicas do conceito de “jornalismo contextualizado” de Pavlik (2001: 4): 1) Alcance das modalidades comunicacionais; 2) Hipermídia; 3) Potenciação do envolvimento das audiências; 4) Conteúdo dinâmico; 5) Personalização. E faz-se um paralelismo entre estas cinco dimensões e as sete potencialidades jornalísticas da Internet. Atualiza-se depois o pensamento de John Pavlik, com a lista que apresentou em 2020 do que classifica como quatro das mais importantes diferenças do ciberjornalismo em relação ao jornalismo tradicional: 1) Novas ferramentas e técnicas; 2) Mudanças na indústria das notícias; 3) Relacionamento entre media e público; 4) Media experimental (realidade aumentada/virtual) (Pavlik, 2020: 19-24).

Termina-se com uma referência breve à lista de vantagens da Web (Capacidade, Flexibilidade, Instantaneidade, Perenidade, Interatividade) elencadas por Stovall em 2004, assim como das

desvantagens (Cara, Imóvel, Confusa), a segunda das quais já “datada”, após a emergência e expansão da tecnologia móvel.

Aula 11

Sumário:

Técnicas de construção de cibernotícias.

Estruturas hipertextuais.

Estrutura de reportagem multimédia.

Pirâmide invertida online: hipertextual e multimédia.

Pirâmide deitada.

Novos formatos.

Bibliografia:

Canavilhas, João (2006). Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>

Díaz Noci, Javier, e Salaverría, Ramón (2003). *Manual de Redacción Ciberperiodística*. Ariel Comunicación.

JPN (s/d). Estatuto Editorial/Livro de Estilo. <https://jpn.up.pt/documentos/estatuto-editorial-do-jpn/>

Kulkarni, Shirish *et al.* (2023). Innovating Online Journalism: New Ways of Storytelling. *Journalism Practice*, 17:9, 1845-1863. <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.2020675>

Zamith, Fernando (2005). Pirâmide invertida na cibernotícia: A resistência de uma técnica centenária. *Prisma.com - Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação*, 1, pp. 175-192. <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2151/1984>

Zamith, Fernando (2011). A contextualização no ciberjornalismo. Tese de doutoramento. Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/126988>

A aula é integralmente dedicada às técnicas de construção de cibernotícias, na antecâmara do segundo e último exercício de avaliação que será feito na aula seguinte. São apresentadas as propostas de estruturas hipertextuais de Díaz Noci e Salaverría (2003: 120-133), de pirâmide invertida online do docente da UC (Zamith, 2005), de pirâmide deitada de João Canavilhas (2006) e de reportagem hipermédia de Carole Rich (Díaz Noci e Salaverría, 2003: 124).

É revisitado o Livro de Estilo do JPN, dando agora especial atenção às estruturas hipertextuais e à linguagem multimédia. Os estudantes são alertados para as implicações legais da utilização de conteúdos (fotografias ou outros) protegidos por direitos de autor, bem como para as implicações éticas do uso de conteúdos de utilização livre (ou com licença Creative Commons) sem identificação de autor e proveniência. “A fotografia e o vídeo são dois recursos essenciais na linguagem ciberjornalística, razão pela qual se recomenda o incremento da sua utilização sempre que haja pertinência jornalística. O JPN utiliza preferencialmente imagens suas ou imagens de livre uso (logótipos, p.e.). As imagens podem surgir a partir do texto ou integradas no texto” (JPN, s/d).

O docente agrupa as inúmeras propostas de estruturas hipertextuais de Díaz Noci e Salaverría (2003: 120-133) em duas grandes categorias: 1) estruturas axiais ou em eixo; 2) estruturas reticulares ou em rede. A primeira categoria divide em 3 tipos: estruturas lineares, arbóreas e paralelas. As estruturas lineares são as mais fechadas, obrigando o utilizador a seguir a narrativa pela sequência de hiperligações definida pelo jornalista, numa aproximação à construção clássica da pirâmide invertida, só que agora com ligações hipertextuais e não em texto único. As estruturas arbóreas dão alguma liberdade ao utilizador, ao terem ramificações logo após o texto inicial. As estruturas paralelas têm na mesma uma “cabeça” (um texto inicial) por onde todos os utilizadores terão de começar (exceto se as partes seguintes tiverem URL próprio, podendo, nestes casos, haver entradas diretas, nomeadamente através de motores de busca), mas a narrativa desenrola-se em duas ou mais sequências paralelas, com mais ou menos ligações transversais, conforme as relações que se queira estabelecer e a liberdade que se queira dar. Para que os estudantes compreendam melhor, dá-se o exemplo de uma peça de balanço de uma jornada de futebol (ou de um debate parlamentar), em que o jornalista constrói um título e lead (a “cabeça”) com o mais importante, dando depois liberdade ao utilizador (através de links) para seguir a sequência que quiser (do seu clube ou partido, por exemplo), tendo sempre ligações para as narrativas paralelas (dos outros clubes/jogos ou partidos/discursos). Na estrutura em

rede, a liberdade de sequência de leitura é total, porque não há um ponto de partida obrigatório (uma “cabeça”). O utilizador entra em qualquer ponto (peça autónoma) da narrativa, seguindo a partir daí por alguma das hiperligações disponíveis, que por sua vez estão ligadas a outras.

A seguir, o docente exhibe a estrutura de reportagem hipermédia desenhada em 1998 por Carole Rich e reproduzida por Díaz Noci e Salaverría (2003: 124), enaltecendo a visão que a autora teve, ao prever o que a evolução tecnológica iria permitir ao (ciber)jornalismo. Pede também que os estudantes comparem esta proposta às restantes, associando a maioria – corretamente – à estrutura hipertextual arbórea.

“O JPN privilegia estruturas hipertextuais abertas, dando liberdade ao leitor para que percorra o caminho que entender. São exceções os textos curtos, nomeadamente *hardnews* isoladas, e os textos que apenas se justificam dependentes de outros. Sempre que seja adequado usar uma estrutura fechada, recomenda-se o uso de uma estrutura arbórea em vez de uma estrutura linear rígida”, estabelece o Livro de Estilo do JPN (s/d).

Confrontados com a crítica explícita de Noci e Salaverría à utilização da pirâmide invertida no ciberjornalismo, os estudantes são desafiados a tomarem posição sobre assunto e sobre as estruturas hipertextuais propostas pelos dois autores. O debate criado serve de introdução ao artigo do docente sobre a pirâmide invertida na Internet (Zamith, 2005), que alguns já terão lido entre as aulas 7 e 8, como preparação para o primeiro exercício de avaliação.

O docente sintetiza os argumentos a favor e contra a utilização da pirâmide invertida na Internet, ressaltando que, 20 anos depois, alguns desses argumentos esmoreceram e outros intensificaram-se:

Pró:

- Leitor identifica a técnica
- Valoriza o mais importante
- Vai direto ao assunto
- Bom aliado contra o caos da Net
- Cibernauta muda rapidamente de página
- Cibernauta lê na diagonal
- Excesso de hipertexto baralha ciberleitor
- Não há alternativas viáveis

Contra:

- Técnica rígida; Estrutura fechada, linear

- Não deixa leitor escolher percurso de leitura
- Leitor fixa melhor narrativa cronológica
- Ignora características do meio:
 - hipertextual
 - convergente/multimédia
 - interativo
- Contextualização redundante
- Técnica dos blocos mais adequada ao meio

Num último slide (Fig. 6), explica como a pirâmide invertida pode e deve ser utilizada na produção de cibernotícias, contrastando o que não deve ser feito com o que deve ser feito. O docente alerta que, mesmo na imprensa, a pirâmide invertida é recomendada e utilizada apenas nalguns géneros jornalísticos, maioritariamente na notícia, pelo que também na Internet não se adequa a todos os registos e propósitos.

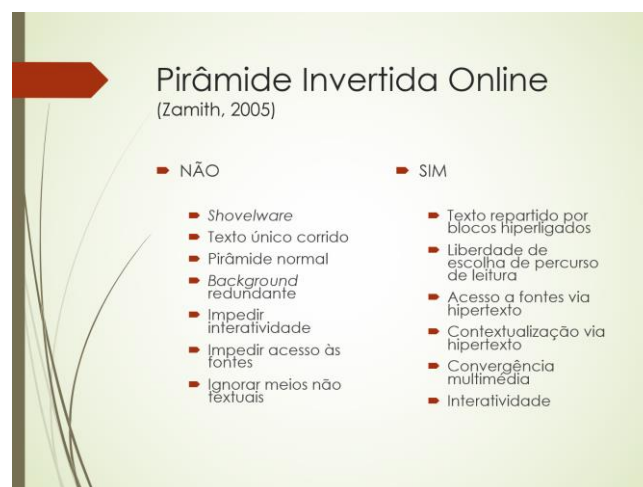


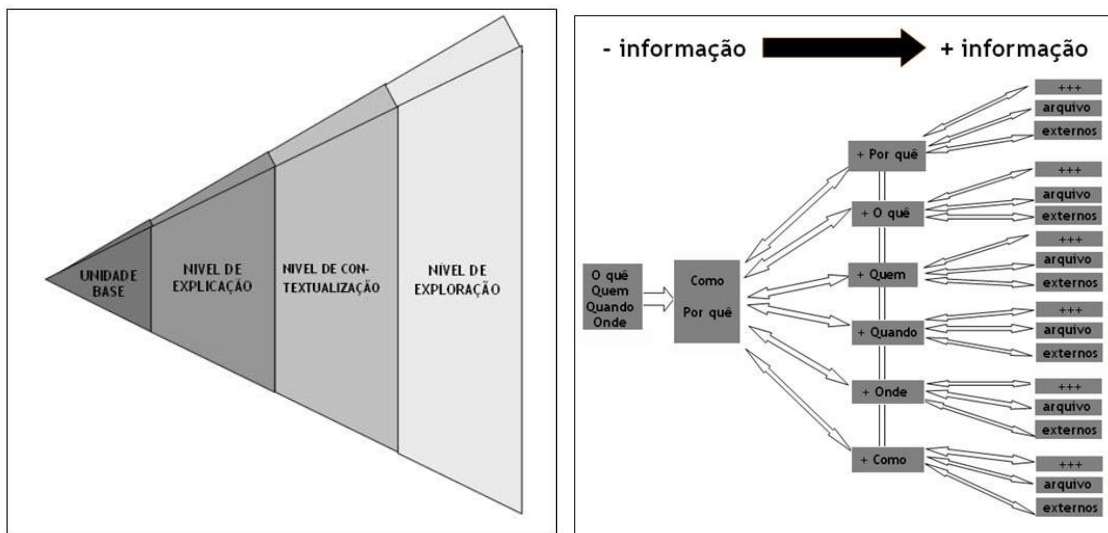
Figura 6: Como não deve e deve ser utilizada a pirâmide invertida na Internet (Zamith, 2005)

A seguir, apoiado em duas imagens (Figs. 7a e 7b), apresenta a técnica da pirâmide deitada proposta por João Canavilhas (2006), recomendando a leitura do artigo referenciado na webgrafia. Mantendo uma estrutura piramidal, a proposta de Canavilhas assume a posição deitada para representar a alteração simbólica do princípio de construção. Em vez de realçar a hierarquização do mais importante para o menos importante, passa a valorizar o volume de informação, de menos para mais. Com isso, sobressaem várias características da Internet

relevantes para a produção ciberjornalística, como a inexistência de limites de espaço ou de tempo (capacidade/memória), e a instantaneidade (ausência de periodicidade).

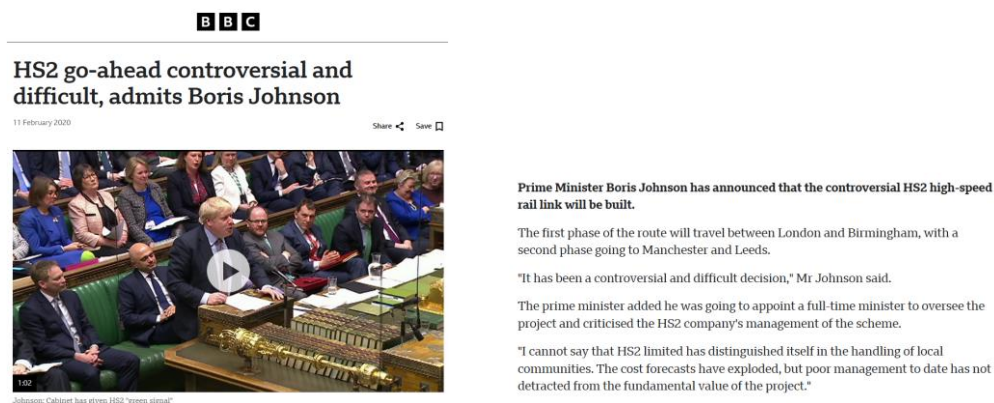
A pirâmide deitada não abandona, contudo, a sólida regra dos 5W+H (que se aplica noutros campos que não apenas o jornalismo). Continua a ser obrigação do jornalista responder primeiro às seis perguntas, nos dois níveis iniciais da cibernotícia (webnotícia, na expressão de Canavilhas), passando depois a explicações mais detalhadas. No terceiro nível, contextualiza-se a notícia dando mais informação sobre cada uma das seis perguntas/respostas. No quarto nível, o mais original da proposta, abre-se caminho para que o utilizador explore o arquivo do cibermeio ou conteúdos externos sugeridos pelo jornalista, na procura de mais informação sobre o tema ou temas abordados. Aqui, faz-se a ligação entre a informação de atualidade (jornalismo) e o conhecimento científico (saber), lembrando, se necessário fosse, que a Internet é simultaneamente um imenso repositório de jornalismo e de saber... e, infelizmente também, de desinformação, tema que será aprofundado no 2.º ano. Cabe, pois, ao ciberjornalista sugerir ao utilizador caminhos de exploração temática relevantes e credíveis, evitando a tentação de pesquisas apressadas em motores de busca que, frequentemente, levam a sites menos confiáveis.

A reação dos estudantes à proposta da pirâmide deitada é habitualmente positiva, realçando o facto de ter sido concebida especificamente para a Web e de incorporar valores simbólicos associados às características do meio. Reconhecem também que, no essencial, não abandona o princípio da pirâmide invertida, ao manter o mais importante na face mais visível (a abertura; os dois primeiros níveis). O docente sublinha que o Livro de Estilo do JPN dá liberdade de opção entre a pirâmide invertida online (hipertextual e multimédia) e a pirâmide deitada, ressalvando que, contudo, caso adotem esta última técnica, não devem seguir à risca a separação entre a unidade base e o nível de explicação, pois a sua experiência como jornalista lhe diz que, frequentemente, o valor-notícia está na resposta ao como ou ao porquê, pelo que essa resposta deve estar na abertura da notícia.



Figuras 7a e 7b: Técnica da pirâmide deitada (Canavilhas, 2006)

Atualizando a investigação sobre a pertinência ou não da pirâmide invertida na produção de cibernotícias, o docente apresenta os resultados do estudo de Kulkarni *et al.* (2023), envolvendo 1268 pessoas, que testaram quatro novos “protótipos” de narrativas jornalísticas online desenvolvidos pelos autores, confrontando-os com uma narrativa tradicional em pirâmide invertida. Os autores usaram uma notícia de 2020 publicada no site da BBC²⁷ como exemplo de uso da pirâmide invertida (Fig. 8) e criaram quatro protótipos de notícias feitas com base nos mesmos dados, mas usando diferentes formatos de *storytelling*: “Acordeão narrativo”, “Texto simples dramático”, “Vídeo informal” e “Linha do tempo contextual” (Fig. 9). O formato que, globalmente, obteve melhor resultado na avaliação dos participantes foi o “Acordeão narrativo” (que faz lembrar as hoje muito comuns respostas dos motores de busca suportados em inteligência artificial), ainda que tenha ficado mal classificado na componente visual.



²⁷ <https://www.bbc.com/news/business-51461597>

Figura 8: Notícia em pirâmide invertida publicada no site da BBC

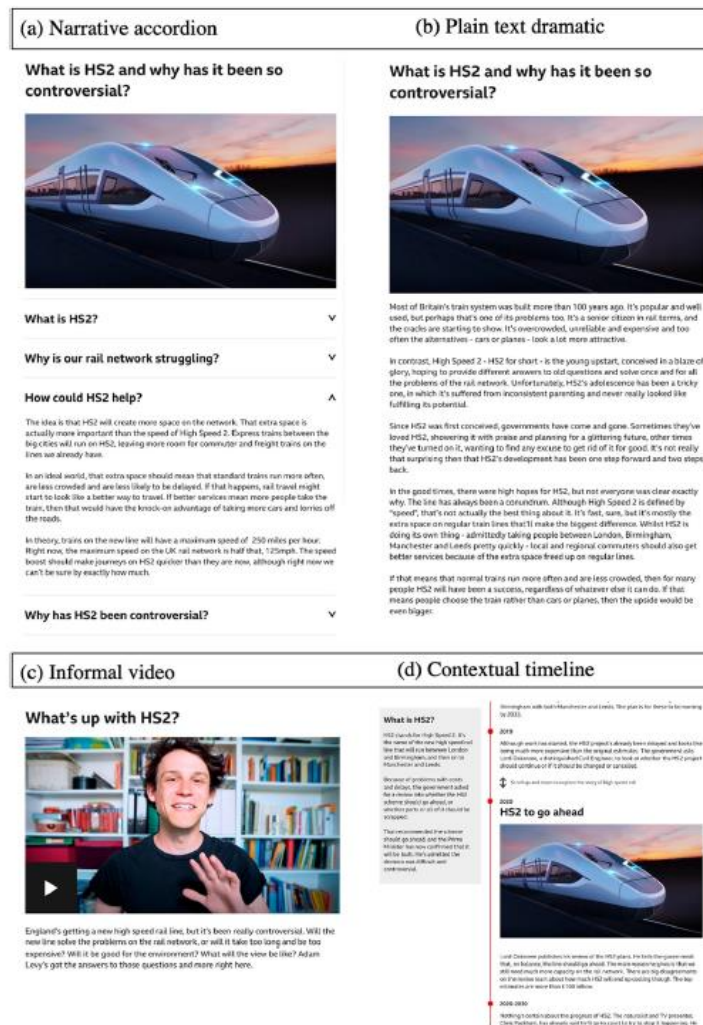


Figure 1. The four developed prototypes of online news storytelling.

Figura 9: Reconstrução da notícia da BBC em 4 diferentes formatos de *storytelling*

“As formas lineares de narrativa — raramente utilizadas em notícias — são mais eficazes na transferência de conhecimento para os consumidores de notícias e são vistas como mais envolventes, convenientes e úteis do que a tradicional pirâmide invertida”, concluíram Kulkarni *et al.* (2023: 1845). Os autores reconhecem, contudo, que os resultados que obtiveram são mais “sugestivos” do que “definitivos”, porque “levantam uma série de questões sobre a falta de uma linguagem comum sobre o propósito das notícias, gerando uma série de potenciais contradições” (Kulkarni *et al.*, 2023: 1858). “Mas a nossa investigação ajuda a estabelecer um forte argumento empírico e teórico para o potencial de desenvolvimento de novos formatos para a forma como apresentamos e comunicamos notícias. E lançam ainda mais dúvidas sobre a sabedoria convencional — e o princípio jornalístico há muito estabelecido — de que o modelo

de pirâmide invertida de narrativa jornalística é a forma mais sucinta e eficaz de dar notícias ao seu público” (Kulkarni *et al.*, 2023: 1858). Por enquanto, referem os autores, persiste “uma compreensível cautela quanto ao abandono do modelo pirâmide invertida, que o público passou a compreender e a associar às notícias” (Kulkarni *et al.*, 2023: 1848). A pirâmide invertida “é ainda a forma predominante de escrever notícias de “hard news”, embora a internet e os novos media permitam uma infinidade de novas formas de contar histórias e criem oportunidades para um envolvimento mais interativo com as notícias”, notam Kulkarni *et al.* (2023: 1846).

Descrito o estudo e os resultados, o docente pede aos estudantes que se foquem nas imagens projetadas (Figs. 8 e 9) e que comparem a notícia original com os quatro protótipos, fomentando a sua reflexão crítica. É a mesma notícia contada de forma diferente? Não tendo nós (docente e estudantes) acesso ao conteúdo integral dos quatro protótipos, a comparação tem de ser feita a partir do que se vê: texto e imagens. Espera-se que os estudantes descubram a diferença maior: os títulos dos quatro protótipos são bem diferentes da notícia original. Não são títulos de “hard news”. São títulos de peças (meramente) informativas, de contexto ou de explicação. Num dos casos, o género jornalístico é claramente a cronologia e noutro é um explicador. Nem um nem outro é uma notícia em sentido estrito, enquanto género jornalístico. E nenhum dos quatro protótipos foi produzido no mesmo momento da notícia original. Pelo que se percebe da observação das imagens e da tipologia que foi atribuída a cada um, qualquer dos quatro protótipos funcionaria muito bem (presume-se) como peça de contextualização (e explicação) da peça original. Ou seja, como segunda peça e não como primeira. Vários autores (Pavlik, 2001; Canavilhas, 2006; Zamith, 2011) destacam a extrema importância que a contextualização tem no jornalismo, particularmente o que é praticado e difundido na Internet, mas nenhum defende que se deve contextualizar antes de dar a notícia. O facto novo noticiado pela BBC é a decisão do governo britânico de avançar com a construção da linha férrea. Essa é a novidade. O facto novo não é a controvérsia, que já vinha de longe. Os próprios autores do estudo reconhecem que os protótipos que criaram “não pareciam notícias” (Kulkarni *et al.*, 2023: 1858), pelo que ficaram satisfeitos com a reação favorável dos participantes nos testes a alguns dos formatos propostos.

Aula 12

Sumário:

Construção de cibernotícia com utilização de hipertexto, multimédia e memória/contextualização.

Bibliografia:

Canavilhas, João (2006). Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>

Díaz Noci, Javier, e Salaverría, Ramón (2003). *Manual de Redacción Ciberperiodística*. Ariel Comunicación.

JPN (s/d). Estatuto Editorial/Livro de Estilo. <https://jpn.up.pt/documentos/estatuto-editorial-do-jpn/>

Zamith, Fernando (2005). Pirâmide invertida na cibernotícia: A resistência de uma técnica centenária. *Prisma.com - Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação*, 1, pp. 175-192. <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2151/1984>

Zamith, Fernando (2011). A contextualização no ciberjornalismo. Tese de doutoramento. Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/126988>

Para este último exercício, é normalmente escolhido um tema rico em multimédia e do agrado da maioria dos jovens: festivais de música. Dada a variedade de géneros musicais, haverá sempre um festival que desperte mais atenção ao estudante. O tema é revelado antecipadamente aos estudantes (na aula anterior), para que se possam preparar. Nesta altura do ano, alguns festivais já revelaram nomes do cartaz e outras informações sobre a edição seguinte. Trabalha-se três potencialidades jornalísticas da Internet: hipertextualidade, multimedialidade e memória. Além de texto (original, evidentemente) e hipertexto (preferencialmente para fontes primárias, como organizadores e músicos/grupos participantes), a cibernotícia terá de incluir elementos multimédia (imagem fixa e vídeo) obtidos/disponíveis na Internet, e de memória/contextualização (em texto, hipertexto e/ou multimédia), nomeadamente sobre a história do festival e, em específico, a sua edição anterior. Tudo isto respeitando sempre o Livro de Estilo do JPN.

Os estudantes podem preparar a peça durante a semana, mas devem concluí-la no período da aula, atualizando-a com os dados mais recentes e comprovados que estiverem disponíveis na Internet. Tal como no exercício anterior, os estudantes têm, no máximo, 80 minutos para submeter a cibernotícia no espaço próprio, aberto na plataforma Moodle. Nos primeiros anos de lecionação de TEJ Online, os estudantes publicavam os exercícios em aula num blog da unidade curricular, para que sentissem a responsabilidade de expor o seu trabalho num meio ubíquo como a Internet. Contudo, tratando-se de estudantes ainda em fase de aprendizagem, o docente optou mais tarde pela submissão na plataforma de inovação educativa adotada pela Universidade do Porto, local reservado que reúne condições mínimas para submissão de trabalhos que requerem recursos hipertextuais e multimédia. A exposição direta da produção dos estudantes em contexto de unidade curricular acontece apenas no trabalho final do segundo ano de TEJ Online, e após verificação e correção da equipa editorial do cibermeio.

Aula 13

Sumário:

Correção da cibernotícia construída na aula anterior.

A aula é dedicada à correção coletiva da cibernotícia construída na aula anterior, seguindo os mesmos procedimentos adotados aquando do primeiro exercício, agora com um olhar especialmente atento aos elementos multimédia e de memória incorporados na peça.

O docente divulga na aula os resultados da avaliação do exercício, permitindo que os estudantes percebam de imediato o que fizeram bem e onde falharam e porquê. Sabem, assim, o que têm de alterar antes de publicar a cibernotícia no site noticioso que estão a construir e alimentar como elemento de avaliação extra-aula.

Aproveita também para esclarecer dúvidas de “última hora” sobre o trabalho extra-aulas.

5.8. Orientação Tutorial

As sessões de Orientação Tutorial (OT) são habitualmente calendarizadas (pela Unidade de Logística da FLUP) para tempos letivos logo a seguir às aulas da UC, o que permite gerir com

alguma flexibilidade os períodos de aula e de OT. Frequentemente, a orientação é dada (a quem a pedir) antes da aula ou no final, o que permite que a aula se prolongue por parte ou pela totalidade do período reservado à OT. O docente informa logo no início do semestre que os estudantes podem solicitar esclarecimentos ou orientação a qualquer momento, presencialmente ou por email, sendo a resposta dada rapidamente.

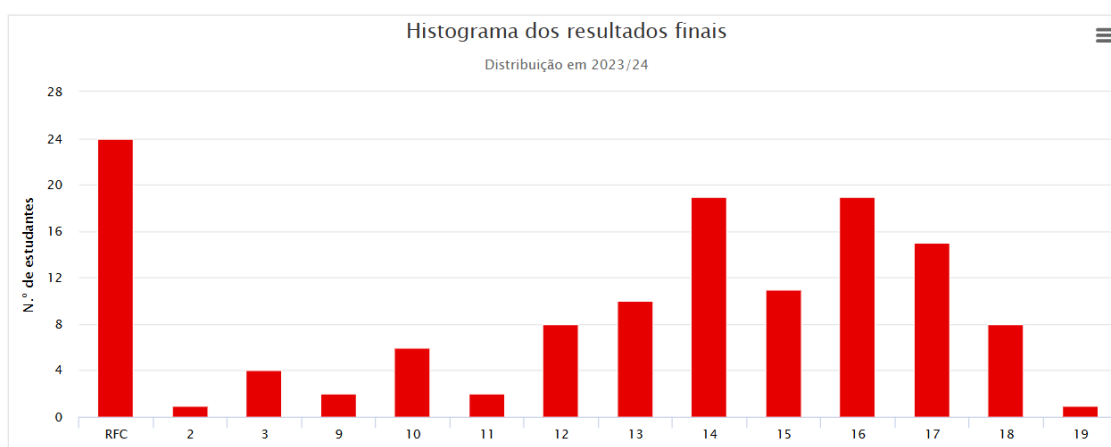
5.9. Resultados da UC

Nesta secção apresenta-se informação sobre os resultados da unidade curricular: desempenho académico dos estudantes, avaliação da UC e do docente pelos estudantes, e publicação de trabalhos dos estudantes.

5.9.1. Desempenho académico dos estudantes

O desempenho dos estudantes tem sido maioritariamente positivo. Mais de 75% obtém aproveitamento (Tabelas 2, 3 e 4), com classificação média próxima dos 15 valores (Figuras 3, 4 e 5), de acordo com os dados dos últimos três anos letivos. Dos restantes, a esmagadora maioria reprova por falta de componente de avaliação, encontrando-se entre estes muitos inscritos que acabam por desistir e também estudantes com estatutos especiais (sobretudo de estudante internacional e de trabalhador-estudante) com baixas taxas de frequência das aulas.

Figura 10. Distribuição dos resultados de Técnicas de Expressão Jornalística I - Online 2023/24



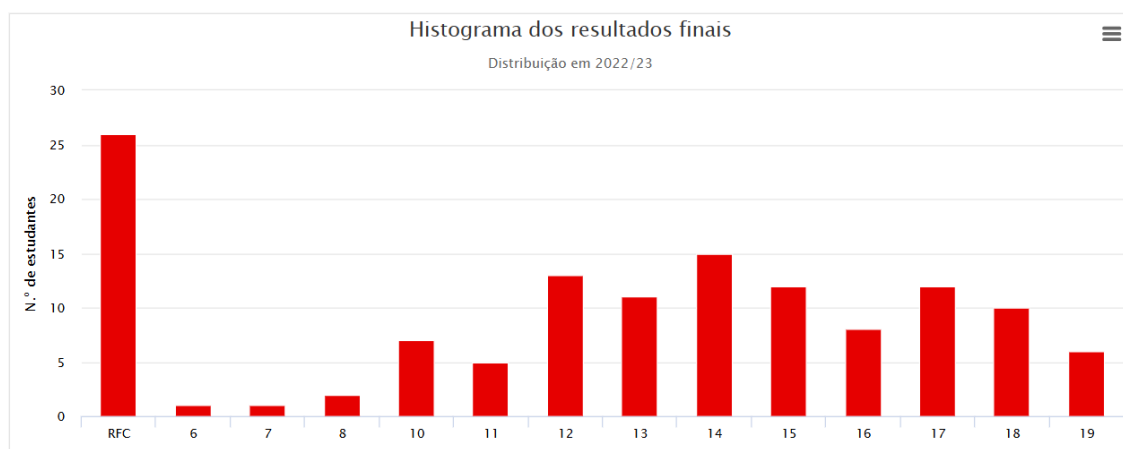
Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Tabela 2. Percentagem de aprovação a Técnicas de Expressão Jornalística I - Online 2023/24

Nº de Estudantes			Rácios (%)		
Inscritos	Avaliados	Aprovados	Avaliados/Inscritos	Aprovados/Inscritos	Aprovados/Avaliados
130	130	99	100.00	76.15	76.15

Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Figura 11. Distribuição dos resultados de Técnicas de Expressão Jornalística I - Online 2022/23



Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Tabela 3. Percentagem de aprovação a Técnicas de Expressão Jornalística I - Online 2022/23

Nº de Estudantes			Rácios (%)		
Inscritos	Avaliados	Aprovados	Avaliados/Inscritos	Aprovados/Inscritos	Aprovados/Avaliados
129	129	99	100.00	76.74	76.74

Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Figura 12. Distribuição dos resultados de Técnicas de Expressão Jornalística I - Online 2021/22



Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Tabela 4. Percentagem de aprovação a Técnicas de Expressão Jornalística I - Online 2021/22

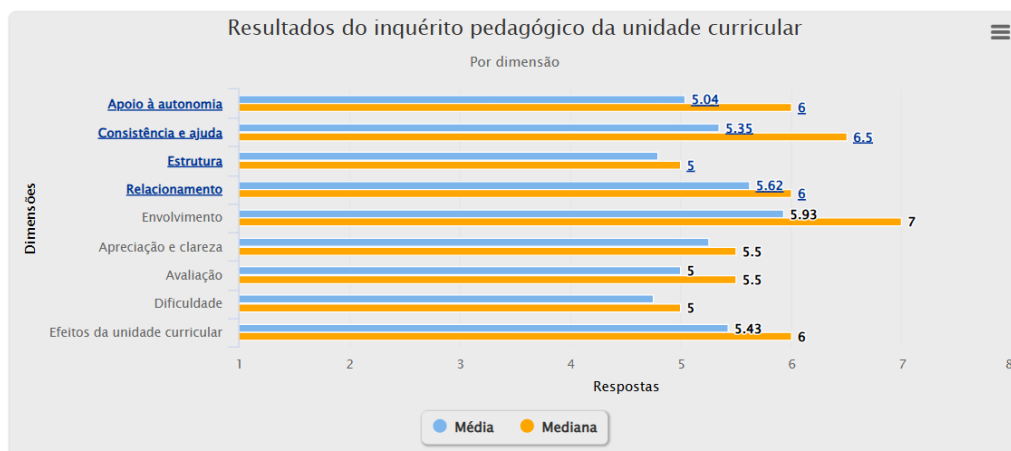
Nº de Estudantes			Rácios (%)		
Inscritos	Avaliados	Aprovados	Avaliados/Inscritos	Aprovados/Inscritos	Aprovados/Avaliados
128	128	100	100.00	78.13	78.13

Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

5.9.2. Avaliação da UC e do docente pelos estudantes

A Universidade do Porto lança no final de cada semestre inquéritos pedagógicos para que os estudantes avaliem cada UC, o seu envolvimento e o desempenho do docente. Estes inquéritos têm tido baixas taxas de participação, mas, ainda assim, apresentam-se aqui os resultados dos últimos três anos letivos (Figuras 6, 7 e 8), com taxas de resposta, no que diz respeito à avaliação do docente, entre 7,8 e 10%, subindo ligeiramente (entre 9,3 e 10,8%) nas dimensões relacionadas com o estudante e com a UC.

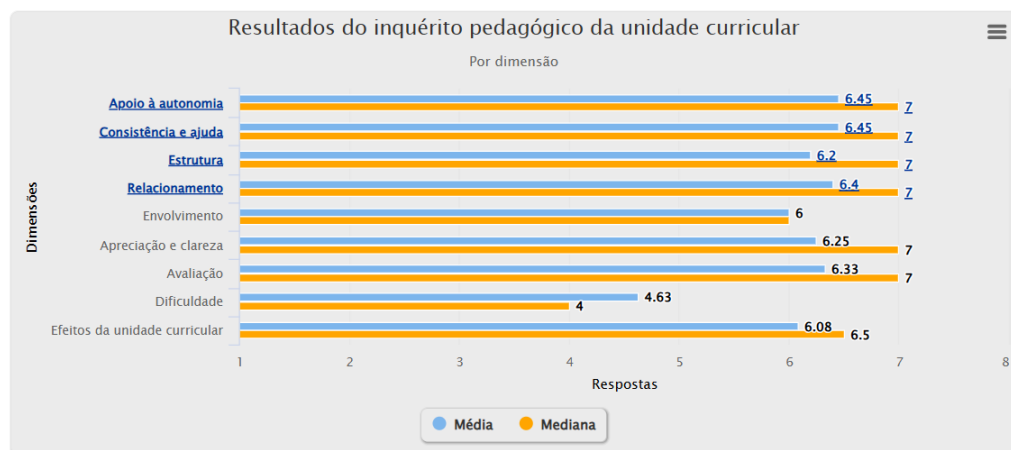
Figura 13. Resultados do Inquérito Pedagógico de TEJ I - Online 2023/24



Nível de visualização	Nº Q. ⁽¹⁾	Nº Q.R. ⁽²⁾	% Q.R.	% Q.R. / Av. ⁽³⁾	μ	Md	σ	Alvo
Dimensão Docente	f _f	f _f	f _f	f _f	f _f	f _f	f _f	
 Apoio à autonomia	130	13	10,0	-	5,04	6,0	2,14	Docente
 Consistência e ajuda	130	13	10,0	-	5,35	6,5	2,06	Docente
 Estrutura	130	13	10,0	-	4,79	5,0	1,99	Docente
 Relacionamento	130	13	10,0	-	5,62	6,0	1,60	Docente
Envolvimento	130	14	10,8	-	5,93	7,0	1,67	Estudante
Apreciação e clareza	130	14	10,8	-	5,25	5,5	1,64	Unidade Curricular
Avaliação	130	14	10,8	-	5,00	5,5	1,85	Unidade Curricular
Dificuldade	130	14	10,8	-	4,75	5,0	1,81	Unidade Curricular
Efeitos da unidade curricular	130	14	10,8	-	5,43	6,0	1,70	Unidade Curricular

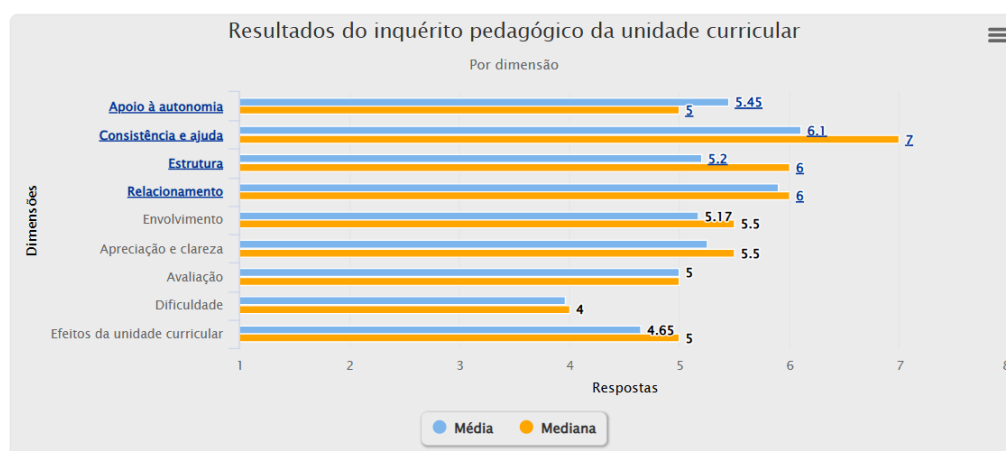
Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Figura 14. Resultados do Inquérito Pedagógico de TEJ I - Online 2022/23



Nível de visualização	Ne Q.(1)	Ne Q.R.(2)	% Q.R.	% Q.R. / Av.(3)	μ	Md	σ	Alvo
Dimensão Docente	f	f	f	f	f	f	f	
 Apoio à autonomia	129	10	7,8	-	6,45	7,0	1,02	Docente
 Consistência e ajuda	129	10	7,8	-	6,45	7,0	0,97	Docente
 Estrutura	129	10	7,8	-	6,20	7,0	1,19	Docente
 Relacionamento	129	10	7,8	-	6,40	7,0	1,02	Docente
Envolvimento	129	12	9,3	-	6,00	6,0	1,00	Estudante
Apreciação e clareza	129	12	9,3	-	6,25	7,0	1,09	Unidade Curricular
Avaliação	129	12	9,3	-	6,33	7,0	1,03	Unidade Curricular
Dificuldade	129	12	9,3	-	4,63	4,0	1,11	Unidade Curricular
Efeitos da unidade curricular	129	12	9,3	-	6,08	6,5	1,08	Unidade Curricular

Figura 15. Resultados do Inquérito Pedagógico de TEJ I - Online 2021/22



Nível de visualização									
Dimensão	N.º Q.(1)	N.º Q.R.(2)	% Q.R.	% Q.R. / Av.(3)	μ	Md	σ		Alvo
Docente	f	f	f	f	f	f	f		
Apoio à autonomia	128	10	7,8	7,8	5,45	5,0	1,36		Docente
Consistência e ajuda	128	10	7,8	7,8	6,10	7,0	1,14		Docente
Estrutura	128	10	7,8	7,8	5,20	6,0	1,35		Docente
Relacionamento	128	10	7,8	7,8	5,90	6,0	1,04		Docente
Envolvimento	128	12	9,4	9,4	5,17	5,5	1,72		Estudante
Apreciação e clareza	128	12	9,4	9,4	5,25	5,5	1,74		Unidade Curricular
Avaliação	128	12	9,4	9,4	5,00	5,0	1,58		Unidade Curricular
Dificuldade	128	12	9,4	9,4	3,96	4,0	1,67		Unidade Curricular
Efeitos da unidade curricular	128	12	9,4	9,4	4,65	5,0	1,56		Unidade Curricular

Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

5.9.3. Publicação de trabalhos dos estudantes produzidos no âmbito da UC

Resultado importante da UC é a publicação dos sites noticiosos construídos e alimentados pelos estudantes ao longo do semestre. Muitos destes trabalhos são reveladores de cuidado, esmero, criatividade e preocupação em apresentar um bom portfólio, para lá, evidentemente, de responder aos critérios de avaliação do exercício. Deixam-se aqui alguns exemplos do ano letivo 2023/24:

[20&8](#)

[Autêntico](#)

[E-Notícia](#)

[Inova](#)

[Janela Aberta](#)

[Jornal da Esquina](#)

[Letras Daily](#)

[Megazine](#)

[Navegar.online](#)

[Off The Records](#)

[Percepção](#)

[Vórtice](#)

6. UC Técnicas de Expressão Jornalística II - Online

Técnicas de Expressão Jornalística II – Online (Código: CC056; Sigla: TEJ_O_II) é uma unidade curricular teórico-prática obrigatória de 3 créditos ECTS do plano de estudos da Licenciatura em Ciências da Comunicação (LCC) da Universidade do Porto. É lecionada presencialmente no primeiro semestre do 2.º ano, num total de cerca de 13 aulas (o número pode variar, em função do calendário letivo e de feriados) de uma hora, acrescidas de meia hora semanal para orientação tutorial.

Os cerca de 100 estudantes que habitualmente frequentam a UC são divididos em quatro turmas, em horários diferenciados, que funcionam em salas com 15 a 30 computadores.

As aulas são lecionadas em língua portuguesa, mas é permitida a frequência a falantes de outras línguas, a quem – se solicitado – é feito um resumo da aula e/ou esclarecimento de dúvidas. Estes estudantes podem executar os trabalhos de avaliação em inglês, francês ou espanhol.

De seguida apresentam-se as informações principais constantes na ficha da unidade curricular²⁸, acompanhadas de notas explicativas: objetivos da UC, competências e resultados esperados da aprendizagem, programa, bibliografia, métodos de ensino e atividades de aprendizagem, mínimos de obtenção de frequência, e tipologia e componentes da avaliação.

²⁸ https://sigarra.up.pt/flup/pt/ucurr_geral.ficha_uc_view?pv_ocorrencia_id=538029

6.1. Objetivos, competências e resultados de aprendizagem esperados

Pretende-se que o estudante sistematize e aprofunde o domínio das técnicas de expressão específicas do ciberjornalismo.

Através da intensificação de exercícios práticos, pretende-se elevar os níveis de proficiência dos estudantes nos diferentes géneros ciberjornalísticos.

Os objetivos de aprendizagem serão atingidos se, no final da lecionação da unidade curricular, os estudantes se mostrarem aptos a desenvolver as seguintes competências: 1) Conhecer os aspetos relacionados com o enquadramento teórico da especificidade das linguagens dos cibermeios; 2) Conhecer e dominar as técnicas de expressão do ciberjornalismo; 3) Utilizar o domínio das técnicas para concretizar trabalhos práticos nos diferentes géneros ciberjornalísticos.

Em síntese, espera-se que o estudante adquira as competências mínimas para trabalhar como ciberjornalista. Os estudantes que optarem no 3.º ano pelo ramo de Jornalismo terão oportunidade de reforçar e exercitar as suas competências na UC Atelier Integrado de Jornalismo, realizando trabalhos jornalísticos de complexidade elevada que cruzam as quatro áreas de TEJ (Imprensa, Rádio, Televisão e Online). Poderão também escolher uma redação online (interna - JPN e/ou externa) para a realização de parte ou da totalidade do seu estágio curricular.

6.2. Programa

1. MEDIA ONLINE

- 1.1. Exploração e caracterização de sites
- 1.2. Internet em novos suportes
- 1.3. Economia dos novos media
- 1.4. Redes sociais, desintermediação e desinformação
- 1.5. Algoritmos, filtros-bolha e inteligência artificial

2. JORNALISMO PARTICIPATIVO

- 2.1. Jornalistas, “newsmakers” e “antiga audiência”

- 2.2. Modos de interação seletiva e comunicativa
- 2.3. Jornalismo profissional, colaborativo e amador
- 2.4. Fronteiras do ciberjornalismo
- 2.5. Questões éticas e legais

3. PRÁTICA DO CIBERJORNALISMO

- 3.1. Normas e estilos ciberjornalísticos
- 3.2. Narrativa hipertextual e hipermídia
- 3.3. Géneros ciberjornalísticos
- 3.4. Produção para diferentes suportes

6.3 Explicação do Programa

O programa está organizado em três partes, que não são necessariamente abordadas de modo sequencial, como se verá mais à frente na apresentação do planeamento e sumário das aulas. Propositadamente, entrelaçam-se os três pontos ao longo do semestre, de modo a equilibrar os momentos mais teóricos com os de debate e os de experiência prática.

O primeiro ponto, “Media Online”, é abordado ao longo de todo o semestre e, especialmente, na sexta aula. A expansão da Internet para novos suportes, a evolução económica dos novos media, os efeitos da desintermediação, o combate à desinformação, o impacto das redes sociais e a presença crescente de algoritmos, filtros-bolha e inteligência artificial são temas a abordar e debater, sempre na perspetiva do jornalismo e de como o jornalista se deve posicionar e relacionar com estes fenómenos.

O segundo ponto, “Jornalismo Participativo”, é centrado na reflexão e debate sobre as vantagens e desvantagens da participação do cidadão comum (não jornalista) na esfera mediática, principalmente no desempenho de funções e tarefas tradicionalmente atribuídas ao jornalista profissional. Após o debate entre os estudantes, desejavelmente apenas com intervenção pontual do docente, é recuperado o conceito de interatividade e são apresentadas contribuições teóricas de autores que se especializaram nesta área. Esta sistematização teórica abre o caminho à discussão das fronteiras do jornalismo, que se tornam cada vez menos

percetíveis na Internet, com efeitos nefastos para a sociedade no seu todo e, em especial, para a democracia, de que o jornalismo (sério e responsável) é um pilar fundamental. O ponto é concluído com um exercício prático, em que os estudantes são desafiados a analisar e classificar seis sites com informação de atualidade, colocando-os dentro, na fronteira (e em qual) ou fora do jornalismo.

O terceiro ponto, “Prática do Ciberjornalismo”, é o que tem maior peso nesta segunda UC de TEJ Online. Nas primeiras aulas, com recurso a exemplos, são explicitados conceitos, técnicas e cuidados a ter na construção de narrativa hipertextual e hipermédia, e na utilização de linguagem multimédia. São também apresentados os diferentes géneros ciberjornalísticos e várias ferramentas de storytelling de utilização livre. Ao longo do semestre, os estudantes produzem em aula duas peças de diferentes géneros ciberjornalísticos (habitualmente uma cronologia e uma notícia multimédia) e fora de aula um trabalho de um outro género à sua escolha: entrevista ou reportagem (podem combinar as duas, se preferirem). O trabalho extra-aula pode ser feito individualmente ou em par. Em qualquer caso, o trabalho tem de conter pelo menos duas peças hiperligadas entre si, para que os estudantes pratiquem a narrativa hipertextual. Este trabalho “Entrevista/Reportagem” é apresentado em detalhe logo na primeira aula, para que os estudantes o possam planear atempadamente. Têm um prazo de cerca de dois meses e meio para o executar. A articulação com o cibermeio do curso (JPN) cresce decisivamente. A editora do JPN, Filipa Silva (que integrou como estudante a primeira redação do JPN, em 2004), é convidada para a primeira aula, para apresentar o JornalismoPortoNet e explicar os diferentes espaços e formas de colaborar. O trabalho “Entrevista/Reportagem” é obrigatoriamente submetido no backoffice (área de administração) do JPN, para que os estudantes se empenhem em conseguir que seja publicado num meio que, nestes mais de 20 anos, conquistou visibilidade pela sua qualidade e exemplo. Só os trabalhos com qualidade, originalidade, atualidade e pertinência são publicados. Os estudantes são esclarecidos logo na primeira aula que o seu trabalho “Entrevista/Reportagem” será submetido a duas avaliações paralelas, independentes entre si: a avaliação para a UC, feita pelo docente; e a avaliação para o JPN, feita pela editora.

6.4. Bibliografia

Bibliografia Obrigatória (ficha da UC):

Bastos, Helder (2011). *Ciberjornalistas em Portugal: Práticas, Papéis e Ética*. Lisboa: Livros Horizonte.

Díaz Noci, Javier e Salaverría, Ramón (2003). *Manual de Redacción Ciberperiodística*, Ariel Comunicación.

Friend, Cecilia e Singer, Jane B. (2007). *Online Journalism Ethics – Traditions and Transitions*. Armonk/London: M. E. Sharpe.

García de Torres, Elvira (2012). *Cartografía del periodismo participativo - Estudio de las herramientas de participación en la prensa digital de Argentina, Colombia, España, Estados Unidos, Israel, México, Perú, Portugal y Venezuela*. Valencia: Tirant Lo Blanch Humanidades.

Gillmor, Dan (2005). *Nós, Os Media*. Lisboa: Editorial Presença.

Zamith, F. (2015). Qualidade do ciberjornalismo profissional e amador: Estudo comparativo. Em Reis, A. I., Zamith, F., Bastos, H., & Jerónimo, P. (Orgs.), *Livro de Atas do IV Congresso Internacional de Ciberjornalismo - Proceedings IV International Conference on Online Journalism* (pp. 21-35). Observatório do Ciberjornalismo. https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=101244

Zamith, Fernando (2013a). *A Contextualização no Ciberjornalismo*. Porto: Edições Afrontamento/CETAC.MEDIA.

A Bibliografia Obrigatória constante na ficha da unidade curricular reúne livros e artigos sobre temas centrais do programa da UC, com destaque para o jornalismo participativo.

A lista é complementada no documento “Programa, Bibliografia, Avaliação”, disponibilizado no Moodle da UC, com outras sugestões de leitura, de livros existentes na Biblioteca da FLUP e de artigos de acesso livre online.

6.5. Metodologia de ensino e avaliação de conhecimentos

6.5.1. Métodos de ensino e atividades de aprendizagem

A metodologia adotada corresponde a um modelo teórico-prático, de sessões expositivas e trabalhos práticos em aula, em formato laboratorial.

Aplicando este modelo, recorre-se frequentemente a exemplos e estimula-se a reflexão e o debate, bem como pesquisas na Internet, para que os estudantes cheguem por si às respostas e não se limitem a ouvir o docente. Os slides apresentados em aula (que posteriormente são

disponibilizados no Moodle) referenciam as obras (autor/ano) constantes na Bibliografia associadas ao tema ou citação.

Neste segundo ano, acentua-se a componente prática, com três exercícios em aula, e a reflexão e o debate sobre temas controversos relacionados com o programa da UC.

6.5.2. Frequência e avaliação

Para obtenção de frequência, é necessária presença obrigatória em 75% das aulas, exceto nos casos previstos na lei geral e nos regulamentos da FLUP, nomeadamente nos casos de estatutos especiais, como o de trabalhador-estudante.

A avaliação é do tipo distribuída sem exame final, com duas componentes:

A: Exercícios em aula (50% da classificação final):

Três exercícios: cronologia, classificação de sites noticiosos e cibernotícia, seguindo enunciados a publicar no Moodle.

B: Entrevista ou Reportagem a publicar online (50% da classificação final):

Componente a executar fora de aula ao longo do semestre, explicitada na 1.ª aula e no documento “Programa, Bibliografia, Avaliação” (disponibilizado no Moodle da UC).

6.6. Planeamento e sumário das aulas

Tabela 5 – Planeamento das aulas da UC TEJ_O_II

Aula 1	Programa, critérios de Avaliação e Bibliografia. Apresentação do trabalho "Entrevista/Reportagem". Apresentação do JornalismoPortoNet (JPN), pela respetiva editora, Filipa Silva.
Aula 2	Livro de Estilo do JPN: Narrativa hipertextual e hipermédia, Linguagem multimédia; Géneros ciberjornalísticos; Atualizações e correções; Opções estilísticas e alertas. Exemplos práticos.
Aula 3	Ferramentas de storytelling para ciberjornalismo. A cronologia/timeline.

Aula 4	Exercício prático: construção de cronologia usando ferramenta de storytelling.
Aula 5	Correção do exercício da aula anterior.
Aula 6	Internet em novos suportes. Economia dos novos media. Redes sociais, desintermediação e desinformação. Algoritmos, filtros-bolha e inteligência artificial.
Aula 7	Introdução ao conceito de Jornalismo Participativo. Discussão/debate.
Aula 8	Conceito de interatividade aplicado ao ciberjornalismo. Modos de interação. A responsabilidade dos jornalistas profissionais. Quem pode ser jornalista? Lei, ética e prática. Tipos de ciberjornalismo.
Aula 9	Fronteiras do ciberjornalismo. Os cidadãos “intrusos”. A comunicação persuasiva disfarçada de jornalismo.
Aula 10	Exercício prático de classificação de sites noticiosos.
Aula 11	Correção do exercício da aula anterior. Esclarecimento de dúvidas sobre a submissão do trabalho final (Entrevista/Reportagem). Questões práticas da produção ciberjornalística.
Aula 12	Construção de cibernotícia sobre um tema da atualidade, utilizando todas as potencialidades jornalísticas da Internet e recorrendo exclusivamente a fontes primárias.
Aula 13	Correção da cibernotícia construída na aula anterior.

Além das 13 aulas planeadas, está prevista uma sessão extra. Os estudantes são convidados a assistir ao evento do Observatório do Ciberjornalismo (ObCiber) que regularmente se realiza na FLUP no final de novembro: Congresso internacional de Ciberjornalismo nos anos pares e Jornadas ObCiber nos anos ímpares. Quando o calendário escolar estabelece 14 aulas, uma será nesse evento.

6.7. Sumário detalhado das aulas

Aula 1

Sumário:

Programa, critérios de Avaliação e Bibliografia.

Apresentação do trabalho "Entrevista/Reportagem".

Apresentação do JornalismoPortoNet (JPN), pela respetiva editora, Filipa Silva.

São apresentados os objetivos, os métodos de ensino, o programa, a bibliografia e webgrafia (destacando as leituras recomendadas) e as componentes de avaliação da unidade curricular. O trabalho extra-aulas (entrevista/reportagem) é apresentado em detalhe, para que os estudantes o possam planear atempadamente.

Tal como no 1.º ano, a avaliação é constituída por uma componente de exercícios em aula e outra de trabalho fora de aula, ambas com o mesmo peso na nota final do estudante (50%).

Estão previstos três exercícios em aula, em datas a anunciar: a produção de uma cronologia usando uma ferramenta online de *storytelling*, a análise e classificação de uma lista de sites noticiosos e a construção de uma cibernotícia aproveitando todas as potencialidades jornalísticas da Internet.

Fora de aula, os estudantes terão de produzir uma entrevista ou reportagem a publicar online.

Este trabalho final pode ser feito individualmente ou em par. Sendo individual tem de incluir, no mínimo, uma entrevista feita pelo(a) estudante. Trabalhando em dupla/par, cada estudante tem de entrevistar uma pessoa diferente. O estudante pode entrevistar qualquer pessoa (conhecida publicamente ou não) que tenha informação com valor-notícia e/ou uma história (ou mais) de interesse jornalístico para contar, que se enquadre numa secção do cibermeio JPN.

Em qualquer caso (individual ou em par), cada trabalho tem de ser constituído, no mínimo, por duas peças. O objetivo é praticar a narrativa hipertextual, mais adequada às características da Internet, pelo que as duas ou mais peças devem estar hiperligadas entre si. As duas peças devem ser apresentadas em texto corrido e não em sequência pergunta-resposta, uma das quais (pelo menos) obrigatoriamente com declarações do entrevistado. A outra também pode ter declarações do entrevistado ou apenas informação complementar/contextual. Trabalhando em dupla/par, as duas peças têm de ter declarações dos entrevistados.

Além das hiperligações internas entre as duas ou mais peças, recomenda-se outras hiperligações (internas e/ou externas) de contextualização e/ou exploração. Os requisitos mínimos de elementos multimédia são duas imagens fixas (uma para cada peça), ficando ao critério dos estudantes usar áudio, vídeo, diaporama, infografia, outras fotografias ou desenhos.

O trabalho é para ser realizado ao longo do semestre e submetido até ao início de dezembro na área de administração do JPN e no Moodle da unidade curricular.

A editora do JPN, Filipa Silva, é convidada a participar numa parte desta primeira aula, para apresentar o JornalismoPortoNet e explicar os diferentes espaços e formas de colaborar, bem como a articulação com a UC TEJ II - Online. Os estudantes são esclarecidos logo na primeira aula que o seu trabalho “Entrevista/Reportagem” será submetido a duas avaliações paralelas, independentes entre si: a avaliação para a UC, feita pelo docente; e a avaliação para o JPN, feita pela editora.

Aula 2

Sumário:

Livro de Estilo do JPN: Narrativa hipertextual e hipermédia; Linguagem multimédia; Géneros ciberjornalísticos; Atualizações e correções; Opções estilísticas e alertas.

Exemplos práticos.

Bibliografia:

Bastos, Helder (2005). Ciberjornalismo e narrativa hipermédia. *PRISMA.COM*, (1), 3–15. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2145>.

Bertocchi, Daniela (2005). Géneros jornalísticos em espaços digitais. *Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação: Livro de Actas 4º SOPCOM / 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, pp. 1287-1299. <https://www.arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bertocchi-daniela-generos-jornalisticos-espacos-digitais.pdf>

Canavilhas, João (org.) (2014). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros Labcom. <https://labcom.ubi.pt/webjornalismo-7-carateristicas-que-marcam-a-diferenca/>

JPN (s/d). Estatuto Editorial/Livro de Estilo. <https://jpn.up.pt/documentos/estatuto-editorial-do-jpn/>

Quinn, Stephen (2005) *Convergent Journalism – The Fundamentals of Multimedia Reporting*. New York: Peter Lang Publishing.

Santos, Clara Almeida, e Peixinho, Ana Teresa (2017). Media digitais: o milagre da multiplicação dos géneros. *Biblos – Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 3 (2017): Futuros. https://impactum-journals.uc.pt/biblos/article/view/3_1

O Livro de Estilo do JPN é revisitado (e dado a conhecer a quem não frequentou TEJ I – Online), dando ênfase aos pontos sobre narrativa hipertextual e hipermédia, linguagem multimédia e géneros jornalísticos, acompanhados de sugestões de leitura sobre estas temáticas. São apresentados exemplos práticos de narrativa hipertextual/hipermédia e de géneros específicos do ciberjornalismo (Bertocchi, 2005; Santos e Peixinho, 2017), como o relato ao minuto (textual e multimédia) e os explicadores. Na escolha de exemplos, privilegiam-se trabalhos premiados (nomeadamente pelos Prémios de Ciberjornalismo e pelos Online Journalism Awards) e reportagens multimédia, entrevistas, infografias, cronologias e coberturas ao minuto publicadas no JPN.

No final, abordam-se questões importantes e nem sempre respeitadas pelos ciberjornalistas: como deve ser atualizada ou corrigida uma publicação?; de que modo (transparente e ético) deve ser assinalada essa alteração? O Livro de Estilo do JPN tem regras sobre atualizações e correções, assim como uma lista de opções estilísticas e de alertas para erros comuns de escrita.

Aula 3

Sumário:

Ferramentas de storytelling para ciberjornalismo. A cronologia/timeline.

Bibliografia:

JPN (s/d). Estatuto Editorial/Livro de Estilo. <https://jpn.up.pt/documentos/estatuto-editorial-do-jpn/>

Kulkarni, Shirish *et al.* (2023). Innovating Online Journalism: New Ways of Storytelling. *Journalism Practice*, 17:9, 1845-1863. <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.2020675>

Pavlik, John V., e Bridges, Frank (2013). The Emergence of Augmented Reality (AR) as a Storytelling Medium in Journalism. *Journalism & Communication Monographs* 2013 15: 4. <http://jmo.sagepub.com/content/15/1/4>

Seyser, Doris, e Zeiller, Michael (2018). Scrollytelling – An Analysis of Visual Storytelling in Online Journalism. *2018 22nd International Conference Information Visualisation (IV)*, Fisciano, Italy, 2018, pp. 401-406. <https://ieeexplore.ieee.org/document/8564193>

Introduz-se o conceito de *storytelling* no contexto do ciberjornalismo, com ligação direta aos avanços tecnológicos e à mudança de comportamentos. A multiplicidade de recursos que a tecnologia trouxe às comunicações digitais permite ao (ciber)jornalista “contar histórias” em novos formatos e com novas ferramentas, desafiando mesmo os géneros jornalísticos convencionais.

“*Storytelling* é a atividade de contar ou escrever histórias. *Storytelling*, no contexto do jornalismo, refere-se a formas narrativas de jornalismo. Cria não-ficção, incluindo informação aprofundada baseada em pesquisas precisas, normalmente em formato longo. Os elementos mais importantes (blocos de construção) na narrativa são uma personagem central, um conflito, um motivo significativo, uma abordagem viral e – mais importante – uma narração emocional”. (Seyser e Zeiller, 2018: 401)

“A pirâmide invertida é ainda a forma predominante de escrever notícias de “hard news”, embora a internet e os novos media permitam uma infinidade de novas formas de contar histórias e criem oportunidades para um envolvimento mais interativo com as notícias”, notam Kulkarni *et al.* (2023: 1846).

John Pavlik e Frank Bridges salientam que “a tecnologia digital tem o potencial de transformar o jornalismo e os media de diversas formas benéficas, incluindo novas formas de contar histórias que podem envolver melhor os cidadãos e fornecer mais contexto, nuances e textura aos acontecimentos e questões relatados” (Pavlik e Bridges, 2013: 4). Os autores consideram que as “forças tecnológicas” influenciam o jornalismo e os media em, pelo menos, quatro modos fundamentais:

1. Transformam a forma como os jornalistas e outros profissionais dos media desempenham o seu trabalho (como recolhem, editam e produzem notícias) e têm o potencial de melhorar a produtividade, a eficiência e o acesso à informação;
2. Transformam as organizações noticiosas e os media, bem como as práticas e os modelos de negócio. A tecnologia digital pode reestruturar a entrega de notícias, reduzindo significativamente o custo da entrega e, assim, transformar o modelo de negócio do setor.
3. A relação entre os media e os seus públicos é redefinida à medida que as audiências passam de recetoras passivas a produtoras ativas de notícias e outros media sociais. Esta transformação tem o potencial de melhorar o relacionamento entre os jornalistas, as organizações noticiosas e os seus públicos, aumentando a interação entre os cidadãos, as notícias e os jornalistas.
4. A mudança tecnológica representa um desafio fundamental às noções e modelos de notícias, conteúdos mediáticos e narrativa. A importância desta transformação de conteúdos reside no potencial de envolver o público jornalístico e os media. O público distanciou-se das formas tradicionais de notícias e virou-se para as redes sociais e as comunicações móveis para aprender sobre o seu mundo. (Pavlik e Bridges, 2013: 4)

Introduzido o conceito, em diferentes perspetivas, são apresentadas as seis ferramentas de *storytelling* desenvolvidas pelo Knight Lab²⁹: Juxtapose, Scene, Soundcite, Storyline, StoryMap e Timeline. Estas ferramentas, de utilização livre/grátis, têm sido usadas por muitos cibermeios, incluindo o JPN, pelas suas propriedades de contextualização e de construção de narrativas multimédia interativas.

Centra-se a atenção na Timeline³⁰, explicando como funciona. Acompanhando o tutorial em vídeo, é apresentada cada uma das quatro etapas, alertando-se os estudantes para o cumprimento escrupuloso dos alertas inscritos a vermelho (“Note”), sob pena de o resultado final ficar comprometido. Mostra-se um exemplo³¹ de utilização da Timeline no JPN, destacando a diversidade de recursos associados à ferramenta, incluindo algumas não usadas, como a possibilidade de colocar as datas em português e de o primeiro slide poder funcionar como capa a toda a largura.

Cada estudante experimenta a ferramenta, criando alguns slides. Esta experiência permite, por um lado, perceber como o género jornalístico cronologia ganha nova expressão na Internet e,

²⁹ <https://knightlab.northwestern.edu/projects/>

³⁰ <https://timeline.knightlab.com/>

³¹ <https://www.jpn.up.pt/2020/01/09/eua-irao-cronologia-de-uma-tensao-que-esta-para-durar/>

por outro, serve de teste para o exercício de avaliação que será feito na aula seguinte. O docente comunica o tema escolhido para a construção da cronologia, para que os estudantes tenham tempo de se documentar e recolher material (de arquivo ou original/próprio, como fotografias e/ou depoimentos/entrevistas em vídeo).

A utilização da Timeline é facultativa. Os estudantes poderão optar por alguma das outras cinco ferramentas do Knight Lab, caso se adeque ao tema proposto, ou usar uma ferramenta de *storytelling* disponibilizada por outra instituição ou empresa, desde que seja também de utilização livre/grátis.

Aula 4

Sumário:

Exercício prático: construção de cronologia usando ferramenta de storytelling.

Bibliografia:

JPN (s/d). Estatuto Editorial/Livro de Estilo. <https://jpn.up.pt/documentos/estatuto-editorial-do-jpn/>

Kulkarni, Shirish *et al.* (2023). Innovating Online Journalism: New Ways of Storytelling. *Journalism Practice*, 17:9, 1845-1863. <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.2020675>

Seyser, Doris, e Zeiller, Michael (2018). Scrollytelling – An Analysis of Visual Storytelling in Online Journalism. *2018 22nd International Conference Information Visualisation (IV)*, Fisciano, Italy, 2018, pp. 401-406. <https://ieeexplore.ieee.org/document/8564193>

Primeiro exercício de avaliação em aula: construção de uma cronologia, usando a [Timeline](#) do Knight Lab ou outra ferramenta semelhante de utilização livre/grátis. Cada cronologia é construída individualmente ou por um grupo de dois ou três estudantes, como forma de exercitar o trabalho em equipa.

Os estudantes devem colocar quatro conteúdos/informações na caixa de texto do espaço específico aberto no Moodle: 1) Título; 2) Lead; 3) Link para a composição multimédia que

construíram; 4) Ficha técnica da cronologia, com os nomes de cada participante e a sua contribuição (que tarefas executou).

A peça deve conter as informações (com valor-notícia) mais relevantes, atualizadas e credíveis sobre o tema. Os dados podem ser obtidos através de pesquisas na Internet, recorrendo a fontes credíveis, que deverão ser referenciadas. Os elementos multimédia devem ser da autoria dos estudantes ou obtidos na Internet, com referência clara ao autor e/ou proprietário. Não é permitido o uso de imagens com direitos de autor. A peça deve ser construída como se fosse para publicar no JPN, pelo que os estudantes devem respeitar o Livro de Estilo do cibermeio.

São previamente revelados os critérios de avaliação:

- seleção criteriosa dos momentos (factos/acometimentos) mais relevantes sobre o tema;
- clareza, correção e concisão da redação e da exposição;
- pertinência e credibilidade das fontes usadas;
- criatividade e diversidade dos elementos multimédia usados;
- respeito pelo Livro de Estilo do JPN.

Atendendo às características e função do género jornalístico que está a ser trabalhado (cronologia), informa-se os estudantes da possibilidade de estenderem o lead até às 40 palavras, pelo que, excepcionalmente, não se aplica o limite de 30 palavras estabelecido no Livro de Estilo do JPN.

Aula 5

Sumário:

Correção do exercício da aula anterior.

A aula é dedicada à correção coletiva da cronologia construída na aula anterior, seguindo procedimentos semelhantes aos adotados no primeiro ano nas aulas de correção de exercícios, agora necessariamente adaptados às características do novo exercício.

Aula 6

Sumário:

Internet em novos suportes.

Economia dos novos media.

Redes sociais, desintermediação e desinformação.

Algoritmos, filtros-bolha e inteligência artificial.

Bibliografia:

Bastos, Helder e Zamith, Fernando (Orgs.). (2012). *Ciberjornalismo, modelos de negócio e redes sociais*. Edições Afrontamento/CETAC.MEDIA.

Beaujon, Andrew (2014). AP will use robots to write some business stories. Poynter.
<https://www.poynter.org/reporting-editing/2014/ap-will-use-robots-to-write-some-business-stories/>

Beckett, Charlie (2019). *New powers, new responsibilities. A global survey of journalism and artificial intelligence*. LSE - London School of Economics and Political Science.
<https://blogs.lse.ac.uk/polis/2019/11/18/new-powers-new-responsibilities/>

Brule, Chantelle (2016). Text-message journalism: A new way to reach SMS users? Agiliy PR Solutions. <https://www.agilitypr.com/pr-news/public-relations/text-message-journalism-a-new-way-to-reach-sms-users/>

Canavilhas, J. (2025). Tecnologia do Desassossego: O Jornalismo Humano Deve Sentir-se Ameaçado Pela Inteligência Artificial?. *Comunicação E Sociedade*, 47, e025006.
[https://doi.org/10.17231/comsoc.47\(2025\).6100](https://doi.org/10.17231/comsoc.47(2025).6100)

Canavilhas, J. (2024). Jornalismo Sem Jornalistas? Responde a Inteligência Artificial. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2023/2024: Lusofonias e decolonialidade*. https://www.lusocom.net/wp-content/uploads/2024/12/3_2_canavilhas.pdf

Canavilhas, João (2012). Jornalismo para dispositivos móveis: informação hipermultimediática e personalizada. *Actas do IV CILCS - Congreso Internacional Latina de Comunicación*. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-para-dispositivos-moveis.pdf>

Canavilhas, J., Rodrigues, C., Morais, R. e Giacomelli, F. (Orgs.) (2022). *Mobilidade e Inteligência Artificial: Os novos caminhos do jornalismo*. <https://labcomca.ubi.pt/mobilidade-e-inteligencia-artificial-os-novos-caminhos-do-jornalismo/>

Canavilhas, J., Rodrigues, C. e Giacomelli, F. (Orgs.) (2019). *Narrativas Jornalísticas para Dispositivos Móveis*. <https://labcomca.ubi.pt/narrativas-jornalisticas-para-dispositivos-moveis/>

Canavilhas, João e Satuf, Ivan (Orgs.) (2015). *Jornalismo para Dispositivos Móveis: Produção, distribuição e consumo*. <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/137>

Cardoso, G., Paisana, M., Pinto-Martinho, A. (2024). Digital News Report Portugal 2024. Publicações OberCom. OberCom – Observatório da Comunicação. https://obercom.pt/wp-content/uploads/2024/06/DNRP-2024-_15.06.2024.pdf

Coddington, Mark & Lewis, Seth (2023). Social media policies are failing journalists. NiemanLab. <https://www.niemanlab.org/2023/03/social-media-policies-are-failing-journalists/>

Figueira, João, & Santos, Sílvio (Eds.). (2019). *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://books.uc.pt/book?book=956>

Floreani, Samantha (2023). Is artificial intelligence a threat to journalism or will the technology destroy itself? The Guardian. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/aug/05/is-mutant-news-headed-our-way-or-will-ai-chatbots-eat-their-own-tails>

Garber, Megan (2011). Mirror, mirror: The New York Times wants to serve you info as you're brushing your teeth. NiemanLab. <https://www.niemanlab.org/2011/08/mirror-mirror-the-new-york-times-wants-to-serve-you-info-as-youre-brushing-your-teeth/>

Gretzinger, Erin (2023). 'Is this journalism?' Texting the news pushes a fresh take on media ethics. Center for Journalism Ethics. <https://ethics.journalism.wisc.edu/2023/04/24/is-this-journalism-texting-the-news-pushes-a-fresh-take-on-media-ethics/>

Jarvis, Jeff (2016). Death to the Mass. <https://medium.com/whither-news/death-to-the-mass-eb33c08dc3b6#.yast9g8o0>

- Kovach, Bill e Rosenstiel, Tom (2004). Os elementos do jornalismo - O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir. Porto: Porto Editora.
- Lipinski, Ann Marie (2025). *TikTok Boom*. Nieman Reports. <http://niemanreports.org/issues/summer-2012/>
- Lipinski, Ann Marie (2012). *Truth in the Age of Social Media*. Nieman Reports. <http://niemanreports.org/issues/summer-2012/>
- Paulino, Rita, e Rodrigues, Vivian (orgs.) (2013). *Jornalismo para tablets: pesquisa e prática*. Florianópolis: Editora Insular.
- Poynter Institute (2019). Commit to Transparency – International Fact-Checking Network’s Code of Principles. <https://ifcncodeofprinciples.poynter.org/>
- WAN/IFRA (2023). Global Principles for Artificial Intelligence. <https://wan-ifra.org/2023/09/global-principles-for-artificial-intelligence-ai/>
- Wardle, Claire (2018). Information Disorder: The Definitional Toolbox. <https://firstdraftnews.org/articles/infodisorder-definitional-toolbox/>
- Zamith, Fernando (2019). Pós de verdade: quando o (ciber)jornalismo se contenta com pouco. Em Figueira, J. & Santos, S. (Orgs.), *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade* (pp. 147-165). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/47352/1/Pos_de_verdade.pdf
-

Aula teórica, acompanhada de exemplos práticos, em torno de temas fundamentais do passado recente, presente e futuro do ciberjornalismo, como a procura constante de (novos) modelos de negócio que garantam a sobrevivência do jornalismo na Internet, os prós e contras da desintermediação e da coabitação com os media/redes sociais, os efeitos nefastos dos filtros-bolha e da desinformação, e os riscos de “desumanização” da profissão pela interferência de algoritmos, automatismos e inteligência artificial. São recomendados vários artigos, estudos e documentos sobre estes temas.

Constituída por temas que frequentemente emergem nas outras aulas, já desde TEJ I Online, esta aula serve para sistematizar alguns conceitos, estabelecendo as relações que existem entre eles e, especialmente, entre as realidades que representam e o (ciber)jornalismo.

O tema da economia dos novos media é introduzido com a exibição do vídeo “Epic 2014”³². Criado em 2004 com base nas transformações tecnológicas e empresariais com repercussão nos media e no jornalismo que os autores, Robin Sloan e Matt Thompson, antecipavam para os 10 anos seguintes, este vídeo semificcional ajuda os estudantes a perceberem como começou a concentração de empresas que conduziu ao atual domínio das chamadas “Big Tech”, as maiores e mais influentes empresas tecnológicas do mundo, todas norte-americanas: Microsoft, Alphabet (Google), Apple, Amazon e Meta (Facebook/Instagram/WhatsApp). O vídeo alude a uma fusão que não se concretizou, entre a Google e a Amazon (Googlezon), mas prevê outras transformações que já aconteceram, como o desenvolvimento de robôs e algoritmos que vão capturando informação pessoal dos utilizadores (incluindo dados demográficos, crenças políticas e hábitos de consumo) e destruindo a indústria dos media. Nesta ficção, o jornal *The New York Times* processa a Googlezon por violação de direitos de autor, mas perde em tribunal. O vídeo termina com o *New York Times* a anunciar a saída da Internet, para se transformar numa newsletter impressa “para a elite e para os idosos”.

Regressando à realidade, a exponencial evolução tecnológica registada nas últimas décadas permitiu a expansão da Internet para novos suportes, desde logo os dispositivos móveis de comunicação (Canavilhas *et al.*, 2022, 2019, 2015), lançando novos desafios às empresas de media e, em particular, às redações online. Novos formatos e novas narrativas foram sendo experimentados, ainda que, numa primeira fase, tivéssemos assistido a uma nova vaga de *shovelware*, com a mera transposição para o telemóvel de conteúdos produzidos para imprensa, rádio, televisão ou Internet. As primeiras notícias difundidas para telemóvel usaram o serviço de mensagens SMS (*Short Message Service*), o que indiciava “o início de um ciclo de consumo noticioso de grande valor para os meios que as utilizam, e não apenas um formato para quem satisfaz as suas necessidades informativas com pequenos resumos informativos” (Canavilhas, 2012: 9). O surgimento dos *smartphones* e dos *tablets*, com as suas potencialidades multimédia e interativas, fizeram cair em desuso as notícias por SMS, mas, com alguma surpresa, estas mensagens ganharam nova vida a partir dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro (Brule, 2016) e passaram a funcionar como ferramentas de personalização e de interação com os destinatários, levantando, nalguns casos, relevantes questões éticas e de delimitação do conceito de jornalismo (Gretzinger, 2023).

“Este novo ecossistema mediático ubíquo e personalizado encerra um enorme potencial para o jornalismo. Como recetor ou como ferramenta de trabalho para os jornalistas, o smartphone introduz profundas alterações na atividade jornalística”, salienta Canavilhas (2012: 5). Jornais,

³² <https://www.robinsloan.com/epic/>

rádios, televisões e cibermeios nascidos na Internet apressaram-se a desenvolver aplicações para *smartphones*, enquanto as revistas preferiam os *tablets* (Paulino, 2013: 15).

O desenvolvimento da Internet das Coisas fez também acreditar que os jornalistas teriam de passar a produzir notícias para objetos físicos do quotidiano, como paredes, portas, janelas, mesas, frigoríficos, fogões de cozinha e até espelhos do quarto de banho, como o New York Times experimentou (Garber, 2011). O docente aproveita este tema para exibir uma das versões (dependendo do tempo de aula disponível) da série de vídeos “A day made of glass”³³, criada pela empresa Corning. Várias destas soluções tecnológicas inovativas vingaram; outras não. As inovações tecnológicas nem sempre são adotadas pela sociedade, mas o jornalista deve estar atento a elas, pois os comportamentos sociais e culturais mudam, por vezes com grande rapidez, como aconteceu com a adoção dos *smartphones* e das redes sociais.

Esta ligação serve de pretexto para recomendar a leitura de “Ciberjornalismo. Modelos de negócio e redes sociais” (2012), livro organizado por Helder Bastos e pelo candidato na sequência do II Congresso Internacional de Ciberjornalismo, e que reúne contributos relevantes sobre a incessante procura de um modelo de negócio que sustente o ciberjornalismo (Helder Bastos, João Canavilhas, Elizabeth Saad Corrêa e Marcelo Coutinho Lima) e sobre os desafios que a redes sociais trouxeram para o jornalismo e jornalistas (Catarina Rodrigues, Inês Amaral e Helena Sousa, Kátia Francisco, Luís Bonixe, Pedro Jerónimo e Ângela Duarte). Os dois temas são acompanhados dos dados de síntese mais recentes sobre os padrões de consumo de notícias online, constantes no “Digital News Report Portugal” (Cardoso *et al.*, 2024).

Historiam-se as primeiras experiências (fracassadas) de cobrança de conteúdos jornalísticos na Internet (Bastos, in Bastos & Zamith, 2012: 121), o regresso do debate em 2010³⁴ e os dados mais recentes, que mostram o (relativo) sucesso dos dois destacados líderes de assinaturas digitais em Portugal: Público e Expresso³⁵. Fecha-se o tema com as recomendações de Jeff Jarvis para que as empresas jornalísticas abandonem definitivamente o princípio definidor dos *mass media*: “Os media devem reconstruir os seus negócios em torno da relevância e do valor, e não do volume. (...) Ainda tratamos o público que servimos como uma massa, entregando um produto único e universal que preenchemos com uma mercadoria a que chamamos conteúdo” (Jarvis, 2016).

³³ <https://www.corning.com/worldwide/en/innovation/a-day-made-of-glass.html>

³⁴ <https://www.publico.pt/2010/09/23/jornal/conteudos-online-devem-melhorar-para-serem-pagos-20260089>

³⁵ <https://www.publico.pt/2025/02/28/sociedade/noticia/publico-jornal-assinaturas-digitais-diario-lido-2024-2124301>

Sobre as várias facetas da desinformação online, recorre-se às definições de Claire Wardle (2018) e sugere-se a leitura de “As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade” (2019), obra organizada por João Figueira e Sílvio Santos, que reúne artigos de vários académicos portugueses, entre os quais o candidato (Zamith, 2019).

Por fim, alude-se às vantagens e desvantagens da utilização de inteligência artificial no (ciber)jornalismo, recorrendo a artigos recentes (Floreani, 2023; Beckett, 2019; Canavilhas, 2025, 2024; Canavilhas *et al.*, 2022) e ao código de princípios da Associação Mundial de Editores de Notícias (WAN/IFRA, 2023), bem como aos efeitos nefastos dos algoritmos, que enclausuram os utilizadores em bolhas de informação filtradas de acordo com as páginas que visitam e os interesses que manifestam, perdendo a visão ampla recomendada para uma sociedade democrática de que o jornalismo é um dos seus pilares. Explica-se o significado e alcance de “*post-truth*” (pós-verdade) e “*brain rot*” (podridão cerebral), nomeadas “palavras do ano” pela Oxford Dictionaries em 2016 e 2024, respetivamente, destacando o desafio que lançam para o jornalismo e os jornalistas na sua missão de “fornecer às pessoas a informação de que precisam para serem livres e se autogovernarem” (Kovach e Rosentiel, 2004: 9).

Aula 7

Sumário:

Introdução ao conceito de Jornalismo Participativo. Discussão/debate.

Aula integralmente dedicada à discussão/debate sobre a participação do cidadão comum no processo jornalístico. O docente lança o tema a partir de exemplos de conteúdos gerados pelo utilizador que são publicados pelos cibermeios de jornalismo profissional, estimulando a reflexão e a participação dos estudantes no debate. Com a entrada em campo da “antiga audiência”, agora no papel híbrido de “prosumer” (produtora e consumidora) ou “produser” (produtora e utilizadora), questiona-se os limites do jornalismo, da atividade enquanto profissão, das questões técnicas, éticas e legais, dos direitos constitucionais de liberdade de imprensa e liberdade de expressão, da responsabilidade social do jornalista, do título profissional e do código deontológico do jornalista.

O docente limita ao indispensável a sua intervenção, para que a discussão decorra horizontalmente, entre estudantes. É uma discussão participativa sobre jornalismo

participativo. Propositadamente, não apresenta slides, nem refere teorias ou estudos. Apenas no final da aula indica algumas sugestões de leituras sobre o tema, de entre as muitas que estão na bibliografia e webgrafia que disponibilizou na primeira aula.

Aula 8

Sumário:

Conceito de interatividade aplicado ao ciberjornalismo.

Modos de interação. A responsabilidade dos jornalistas profissionais.

Quem pode ser jornalista? Lei, ética e prática.

Tipos de ciberjornalismo.

Bibliografia:

Canavilhas, João (org.) (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros Labcom. <https://labcom.ubi.pt/webjornalismo-7-carateristicas-que-marcam-a-diferenca/>

Carpentier, Nico (2012). 'The concept of participation. If they have access and interact, do they really participate?'. *Fronteiras – estudos midiáticos*, 14(2): 164-177 maio/agosto 2012. <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2012.142.10>

Coddington, Mark & Lewis, Seth (2023). Social media policies are failing journalists. NiemanLab. <https://www.niemanlab.org/2023/03/social-media-policies-are-failing-journalists/>

Domingo, David (2024). Social media and journalism: a research agenda to vindicate civic participation in the era of disinformation and online harassment. Em Zamith, F., Bastos, H., Reis, A. I., & Jerónimo, P. (Orgs.), *Ciberjornalismo: Cidadania, Novas Formas de Participação e Novos Desafios*, pp. 9-16. CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/19843.pdf>

Friend, C. & Singer, J. B. (2007). *Online Journalism Ethics – Traditions and Transitions*, Armonk/London: M. E. Sharpe.

García de Torres, Elvira (2012). *Cartografía del periodismo participativo - Estudio de las herramientas de participación en la prensa digital de Argentina, Colombia, España, Estados Unidos, Israel, México, Perú, Portugal y Venezuela*. Tirant Lo Blanch Humanidades, Valencia.

Gillmor, Dan (2010). Mediactive. https://mediactive.com/wp-content/uploads/2010/12/mediactive_gillmor.pdf

Gillmor, Dan (2005). *Nós, Os Media*. Lisboa: Editorial Presença.

Gillmor, Dan (2004). *We The Media. Grassroots Journalism by the People, for the People*. O'Reilly Media. https://library.uniteddiversity.coop/Media_and_Free_Culture/We_the_Media.pdf

Graef, Andreas (2016). *Guide to Automated Journalism*. Columbia Journalism School. https://www.cjr.org/tow_center_reports/guide_to_automated_journalism.php

Jarvis, Jeff (2023). *The Gutenberg Parenthesis: The Age of Print and Its Lessons for the Age of the Internet*. New York: Bloomsbury.

Jarvis, Jeff (2010). 'Foreword', in King, Elliot (2010) *Free for All – The Internet's Transformation of Journalism*, Evanston: Northwestern University Press.

Lasica, J. D. (1996) 'Net Gain', *American Journalism Review*, 18(9): 20-37.

Lemos, André. (2024). 'Erros, falhas e perturbações digitais em alucinações das IA generativas: tipologia, premissas e epistemologia da comunicação'. *MATRIZES*, 18(1), 75-91. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i1p75-91>

McMillan, Sally J. (2002). 'A four-part model of cyber-interactivity: Some cyber-places are more interactive than others: Some cyber-places are more interactive than others'. *New Media & Society*, 4(2), 271-291. <https://doi.org/10.1177/146144480200400208>

McQuail, Denis (2003). *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Outing, Steve (2005/2011). 'The 11 Layers of Citizen Journalism'. Poynter. <https://www.poynter.org/archive/2005/the-11-layers-of-citizen-journalism/>

Quandt, T. (2023). 'Euphoria, disillusionment and fear: Twenty-five years of digital journalism (research)'. *Journalism*, 25(5), 1186-1203. <https://doi.org/10.1177/14648849231192789>

- Rosen, Jay (2008). 'A Most Useful Definition of Citizen Journalism'. Press Think. http://archive.pressthink.org/2008/07/14/a_most_useful_d.html
- Rosen, Jay (2006). 'The People Formerly Known as the Audience'. Press Think. http://archive.pressthink.org/2006/06/27/ppl_frmr.html
- Rost, Alejandro (2006). *La interactividad en el periódico digital*. Tese de Doutoramento. Universitat Autònoma de Barcelona. https://www.academia.edu/1477518/La_interactividad_en_el_periodismo_digital_tesis_doctoral_2006_
- Schultz, Tanjev (1999). 'Interactive Options in Online Journalism: a Content Analysis of 100 U.S. Newspapers'. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Volume 5, Issue 1, 1 September 1999, JCMC513, <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.1999.tb00331.x>
- Zamith, Fernando (2024). «Patrocinado por uma bebida qualquer» — quando o jornalista se «esquece» que não pode fazer publicidade'. Em Zamith, F., Bastos, H., Reis, A. I., & Jerónimo, P. (Orgs.), *Ciberjornalismo: Cidadania, Novas Formas de Participação e Novos Desafios*, pp. 69-104. CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/19843.pdf>
- Zamith, Fernando (2017). 'Cibermeios portugueses: 10 anos de lenta evolução'. *V Congresso Internacional de Ciberjornalismo: Ciberjornalistas 3.0: Livro de Atas*. Observatório do Ciberjornalismo. <https://hdl.handle.net/10216/104040>
- Zamith, Fernando (2014). 'A comunicação política em forma de "notícias": questões técnicas, éticas e legais'. Em Martins, M. L. & Oliveira, M. (Eds.) *Comunicação ibero-americana: os desafios da Internacionalização – Livro de Atas do II Congresso Mundial de Comunicação ibero-americana* (pp. 2678-2684). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=98036
- Zamith, Fernando (2013b). 'Prós e contras de andar à boleia – Quando o cidadão comum parece jornalista'. *Revista Estudos de Jornalismo*, 2, pp. 19-35. https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=77458
- Zamith, Fernando (2011). *A contextualização no ciberjornalismo*. Tese de doutoramento. Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/126988>
- Zamith, Fernando (2008). *Ciberjornalismo - As potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses*. Porto: Edições Afrontamento/CETAC.MEDIA.

Zamith, Fernando (2007b). 'Jeff Jarvis: Jornalistas e cidadãos devem trabalhar em rede'. <http://www.publico.pt/media/noticia/jeff-jarvis-jornalistas-e-cidadaos-devem-trabalhar-em-rede-1290049>.³⁶

No rescaldo da discussão/debate da aula anterior, o docente sistematiza o tema a partir do conceito de interatividade (seletiva e comunicativa), elencando os modos de interação e alertando para a dupla responsabilidade dos jornalistas profissionais: de aceitar (e respeitar) a colaboração do cidadão comum e de cumprir o seu papel de verificação. Mencionam-se as contribuições de vários autores, como Dan Gillmor (2004), Jay Rosen (2006), Jeff Jarvis (2010, 2016) e Alejandro Rost (2012) – e os conceitos que introduziram –, assim como a visão crítica de David Domingo (2024) a 20 anos de investigação sobre a relação entre jornalismo e media sociais.

Em complemento, confronta-se a lei, a ética e a prática (quem pode ser – considerado – jornalista?), e apresenta-se a classificação de tipos de ciberjornalismo proposta pelo docente, baseada na dicotomia profissional/amador, colocando ao centro o jornalismo colaborativo.

O docente começa por alertar que a discussão esteve (na aula anterior) e está (nesta aula) centrada no conceito de interatividade entendido no sentido de interação humana (entre dois ou mais seres humanos) potenciada pela máquina e não apenas da reação do ser humano ao que outro lhe oferece (indiretamente, recorrendo a programação informática), por intermédio da tecnologia, dimensão esta que, no seu estudo sobre as potencialidades jornalísticas da Internet (Zamith, 2008: 29-31), inscreve na personalização.

“O uso de máquinas e das suas aplicações não é, em si próprio, interativo. As máquinas não compreendem e respondem autonomamente às mensagens, por mais que os investigadores da área da inteligência artificial gostassem. (...) As máquinas não podem produzir ou partilhar significado num sentido restrito. Mas, indubitavelmente, elas podem mediar – e facilitar ou impedir – comunicação interativa”. (Schultz, 1999).

A partir desta citação, esclarecem-se as diferentes dimensões do conceito de interatividade e introduz-se um “elemento-surpresa” que ajudará a captar a atenção dos estudantes: a referência à inteligência artificial num artigo sobre ciberjornalismo datado de 1999. Um quarto

³⁶ Texto de notícia da Lusa (entrevista a Jeff Jarvis feita pelo candidato em Austin), ocultando referência ao autor e à agência noticiosa. Outro cibermeio publicou um excerto, referindo o contexto e a Lusa: <https://www.jn.pt/arquivo/2007/amp/juntar-jornalistas-aos-cidadaos-665316.html/>

de século depois, o desenvolvimento da inteligência artificial, especialmente a generativa, parece pôr em causa a convicção de Tanjev Schultz. Dizemos “parece”, porque máquinas como o ChatGPT parecem “compreender e responder autonomamente às mensagens”, mas essas respostas continuam a ser dadas a partir de dados e textos produzidos por seres humanos, seguindo programação desenvolvida por seres humanos e, por vezes, com resultados falsos ou enviesados, as chamadas “alucinações” (Lemos, 2024).

Apresenta-se depois a tipologia de quatro partes de circulação da informação de Bordewijk e van Kaam (1986, citados por McMillan, 2002: 272-273) desenvolvida com base na teoria de comunicação de massas de Denis McQuail (2003):

1. Interatividade conversacional (interação humana nos dois sentidos: emissor/recetor)
2. Interatividade de transmissão (unidirecional; permite apenas ativar ou cancelar uma “emissão”)
3. Interatividade de consulta (permite ao utilizador escolher entre um menu de alternativas)
4. Interatividade de registo (personalização – a capacidade de o meio registar informação do utilizador e adaptar automaticamente o seu formato e conteúdos aos dados ou interesses desse utilizador)

Das quatro partes desta tipologia, só uma (conversação) corresponde à interatividade humana. O controlo (elemento-chave da proposta de Bordewijk e van Kaam) é sempre individual, quer da fonte de informação, quer do tempo e escolha do assunto. No extremo oposto, está a transmissão, cujo controlo é sempre central. Na consulta, o controlo da fonte de informação é central e o controlo do tempo e escolha do assunto é individual, acontecendo o contrário no registo.

Anterior ao surgimento da *World Wide Web*, a tipologia de Bordewijk e van Kaam teve o mérito de antecipar desenvolvimentos tecnológicos e comportamentais que se generalizaram na passagem de milénio. A partir desta e de outras tipologias, Sally McMillan (2002: 275-277) desenvolveu o que designou como “modelo de quatro partes de ciber-interatividade” (Fig. 16):

1. Monólogo: sentido único; baixo controlo do recetor
2. Feedback: sentido único; alto controlo do recetor
3. Diálogo responsivo: sentido duplo; baixo controlo do recetor
4. Discurso mútuo: sentido duplo; alto controlo do recetor

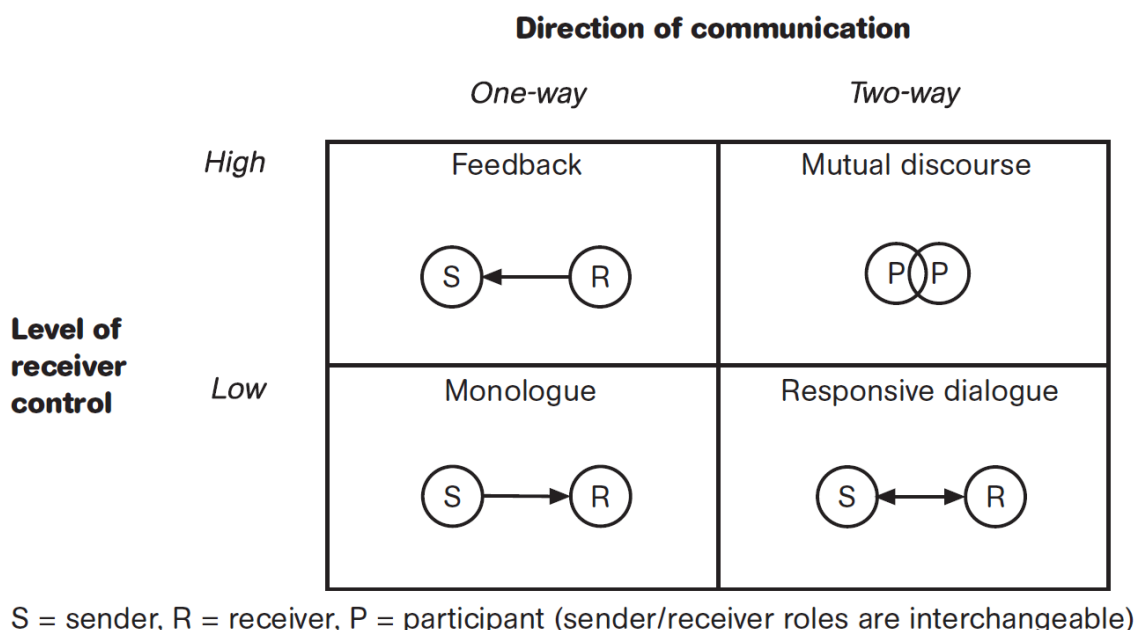


Figura 16: Modelo de quatro partes de ciber-interatividade de McMillan (2002: 275-277)

Procurando aplicar o modelo de McMillan ao ciberjornalismo, podemos classificar como interatividade humana forte (indutora de jornalismo participativo) o discurso mútuo entre jornalistas e utilizadores (ambos participantes como emissores e recetores). O diálogo responsivo classificá-íamos como interação humana ligeira, porque jornalista e utilizador comunicam apenas em diálogo, mantendo cada um o seu papel original. Ao funcionar somente num sentido, de recetor para emissor, o feedback poderia ser excluído da classificação como interação humana. Contudo, existe interatividade, ainda que fraca (classificação que lhe atribuiríamos), porque há um emissor original (o jornalista ou meio jornalístico), que difunde conteúdos jornalísticos, estabelecendo-se a interação com o feedback dado pelo utilizador. No caso do monólogo, não há interatividade humana.

O docente apresenta a seguir a proposta de classificação de Alejandro Rost (2012: 19-26), partilhando com o autor o ideal (raramente alcançado, como se constataria anos mais tarde) da dimensão dupla que o terceiro tipo representa:

- Interatividade seletiva – a relação dos indivíduos com a máquina ou com os conteúdos
- Interatividade comunicativa - a relação mediada que se produz entre indivíduos
- Interatividade seletiva e comunicativa - a capacidade gradual que tem um meio para dar aos utilizadores um maior poder tanto de seleção de conteúdos (interatividade seletiva) como em possibilidades de expressão e comunicação (interatividade comunicativa)

De seguida, elenca as interrogações/dúvidas deixadas por Rost (2012: 15-16) no mesmo artigo, interrogações essas a que a investigação científica foi dando resposta nos 13 anos depois, na sua maioria em sentido negativo, arrefecendo o entusiasmo e deslumbramento que marcaram os primeiros anos dos blogs e depois das redes sociais online:

- Qual a contribuição real dos cidadãos na construção da atualidade?
- Os conteúdos gerados pelos utilizadores melhoram a qualidade geral do trabalho jornalístico?
- Em que medida as utopias democráticas que transporta a interatividade se refletem na realidade quotidiana do trabalho jornalístico?
- Como incentivar a participação dos utilizadores e assegurar a qualidade da produção de conteúdos de atualidade?
- Qual o papel do jornalista na era do jornalismo participativo?
- Até que ponto podem os jornalistas cidadãos desempenhar as funções clássicas dos jornalistas nas redações: repórter, cronista, entrevistador, editor, comentador e editorialista?
- Pode o utilizador, ou o conjunto de utilizadores, participar em todas as fases do processo noticioso: seleção de temas, recolha de dados, edição e publicação?
- Podem as contribuições dos cidadãos chamar-se “jornalismo”? Se sim, que tipo de contribuições caberiam nesse termo?
- Deve o jornalista ou o meio conservar o papel de gatekeeper, ou pode transferir esse papel, em todas ou certas fases, ao conjunto dos utilizadores ou a um grupo de “superutilizadores”?
- Devem pagar-se as contribuições dos utilizadores? E, em tal caso, quais e com que critérios?

Depois da visão dos académicos, é apresentada a visão dos profissionais, começando pela clarividência de J. D. Lasica (1996): “A Internet não é um megafone. A Internet é conversa”. Com esta expressão das capacidades de síntese e de uso de boas metáforas, tão características dos jornalistas, Lasica não só realça o imenso potencial de interação da Internet, como prenuncia o fim dos *mass media*, pelo menos no ciberespaço, como anos mais tarde Jeff Jarvis (2016) insistiria.

O docente projeta depois excertos da obra “Os elementos do jornalismo - O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir”, de Kovach e Rosenstiel (2004), pertinentes para a discussão sobre a interatividade na Internet e a participação do cidadão comum:

“A interação com os leitores torna-se parte integrante da notícia, à medida que esta evolui”. (...)

“O novo jornalista já não decide o que o público deve saber. Ajuda-o, antes, a ordenar as informações”. (...)

“Numa era em que qualquer pessoa pode ser repórter ou comentador na Web, ‘passamos a dispor de um jornalismo bidirecional’, sugere Seeley Brown. O jornalista transforma-se em ‘líder de um fórum’ ou em mediador, deixando de ser simplesmente um professor ou conferencista. Os leitores transformam-se não em consumidores mas em ‘prosumidores’, uma forma híbrida de produtor e consumidor” (Kovach e Rosenstiel, 2004).

Conclui-se a sistematização teórica sobre o conceito de interatividade aplicado ao ciberjornalismo com a apresentação da listagem de modos de interação compilada e usada pelo docente nos seus estudos sobre a matéria (Zamith, 2011):

- Contactar/interagir com jornalistas (por email, ...)
- Contactar/interagir com autores das notícias/artigos
- Participar em fóruns de discussão sem/com participação de jornalistas
- Interagir em canal de comunicação instantânea (chat / IM) com outros utilizadores e/ou com jornalistas
- Responder a inquéritos isolados ou associados a outro elemento
- Enviar para publicação cartas ao diretor e outros conteúdos
- Comentar as notícias/artigos
- Votar nos artigos sem/com reflexo na sua visibilidade
- Participar (com textos, fotos, vídeo) em canal/dispositivo de participação
- Sugerir temas para cobertura noticiosa
- Contribuir para melhorar notícias (documentos, análise, factos, contexto)
- Corrigir notícias

O docente destaca os três últimos modos de interação como os mais úteis para o trabalho do jornalista e recorda como grande parte destes modos de interação não são usados ou permitidos pelos cibermeios, contribuindo para os muito baixos níveis de aproveitamento desta potencialidade jornalística da Internet ao longo de uma década (Zamith, 2017).

Em síntese, salienta que todos os modos de interação apresentados requerem dos jornalistas (e dos proprietários dos cibermeios) a aceitação e o respeito das contribuições dos utilizadores. E que é obrigação do jornalista confirmar os factos e a autenticidade dos conteúdos fornecidos pelos utilizadores e não apenas impedir liminarmente a publicação ou “deixar a porta aberta” para que eles sejam publicados.

Abrindo o leque ao que rodeia a interatividade no ciberjornalismo, desafia os estudantes a refletirem sobre sete conceitos interrelacionados: Atenção, Reação, Interação, Intervenção, Participação, Colaboração e Produção. Em complemento, faz uma breve alusão aos resultados do estudo feito a 10 cibermeios internacionais para a sua tese de doutoramento (Zamith, 2011), resultados esses que já comprovavam uma muito baixa taxa de produção de conteúdos jornalísticos pelos cidadãos (7,7%), a par de percentagens reduzidas também em participação (9,5%) e mesmo em intervenção (16,8%). A seguir, apresenta o modelo AIP (Acesso, Interação e Participação), de Nico Carpentier (2012), destacando as funções de presença, relações socio-comunicativas e codecisão (Fig. 17).

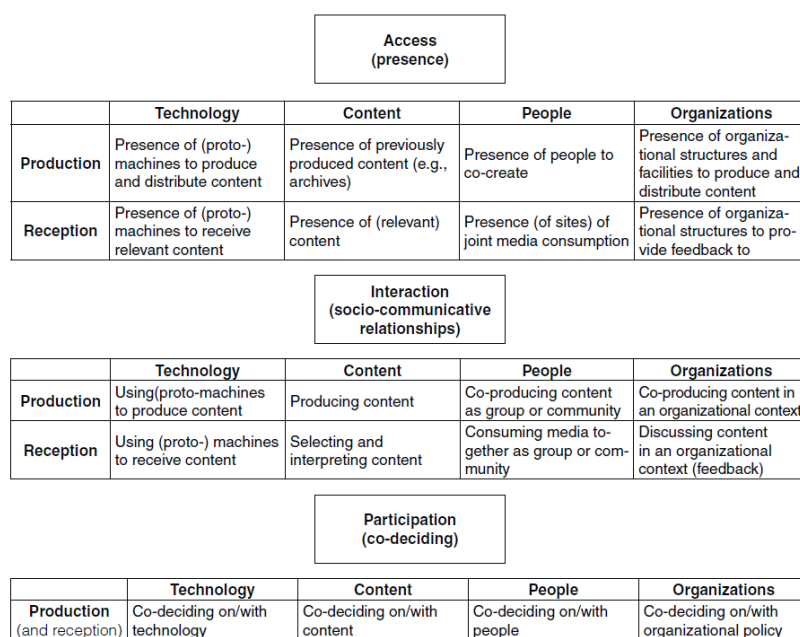


Figure 1. Access, interaction and participation – The AIP model.

Figura 17: Modelo AIP (Acesso, Interação e Participação), de Carpentier (2012)

Introduzem-se as questões legais através dos direitos constitucionais de liberdade de expressão e de liberdade de imprensa, focando na lei que rege o jornalismo:

“1 - São considerados jornalistas aqueles que, como ocupação principal, permanente e remunerada, exercem com capacidade editorial funções de pesquisa, recolha, selecção e tratamento de factos, notícias ou opiniões, através de texto, imagem ou som, destinados a divulgação, com fins informativos, pela imprensa, por agência noticiosa, pela rádio, pela televisão ou por qualquer outro meio electrónico de difusão.

2 - Não constitui actividade jornalística o exercício de funções referidas no número anterior quando desempenhadas ao serviço de publicações que visem predominantemente promover

atividades, produtos, serviços ou entidades de natureza comercial ou industrial.” (Estatuto do Jornalista, 1999/2007).

No regulamento da carteira profissional de jornalista, que emana da lei, estatui-se que “a habilitação com a carteira profissional do jornalista constitui condição indispensável ao exercício da profissão de jornalista”³⁷. Ou seja, em Portugal, ao contrário de outros países³⁸, o cidadão comum não pode ser jornalista profissional, a não ser que cumpra todos os requisitos legais e solicite e pague à Comissão da Carteira Profissional de Jornalista o respetivo título. Mas podemos entender o jornalismo como uma “atividade” e não, necessária e exclusivamente, como uma “profissão”? – desafia-se os estudantes a refletirem e a pronunciarem-se. Podemos classificar como “atos jornalísticos” (em similitude com o “ato isolado” de quem pontualmente exerce uma atividade e tem de a declarar fiscalmente) o que é/aparenta ser jornalismo? O Sindicato dos Jornalistas diz que não³⁹.

Passa-se aos contributos de vários autores, entre jornalistas e académicos, com visões contrastantes sobre a matéria. Dan Gillmor (2004), autor de “Nós, os Media”, a obra mais marcante sobre a participação cidadã no jornalismo, introduz o conceito de “antiga audiência”, o conjunto dos cidadãos comuns, que deixaram de ser meros consumidores passivos de jornalismo, para se tornarem também produtores. A antiga audiência participa na esfera do jornalismo a par dos jornalistas profissionais e dos “*newsmakers*”, as fontes mais presentes nas notícias. A partir do conceito de Gillmor, Jay Rosen (2006) publicou um pequeno texto online, intitulado “*The People Formerly Known as the Audience*”, que se tornou, muito provavelmente, o post de blog mais citado na investigação científica sobre ciberjornalismo. O slide seguinte é sobre a controversa proposta de Mark Deuze (2003) de classificar como “jornalisms online” o que se produz e/ou difunde nos 1) sites noticiosos tradicionais, 2) diretórios e agregadores de notícias, 3) sites sobre media e de comentário, e 4) sites de partilha e discussão. Em sentido oposto, a afirmação de João Canavilhas (2008): “Não há jornalismo de cidadão, da mesma maneira que não há arquitetura de cidadão”. Apresentam-se depois as ideias de Jeff Jarvis, de que “qualquer pessoa pode ser jornalista” (Zamith, 2007b), de que “jornalistas e cidadãos devem trabalhar em rede” (Zamith, 2007b), e do “jornalismo de dois sentidos”, colaborativo (Jarvis, 2010). Termina-se com a visão crítica de David Domingo (2024) sobre a relação entre jornalismo e media sociais ao longo de duas décadas.

³⁷ <https://www.ccpj.pt/media/1043/regulamento-carteira.pdf>

³⁸ <https://www.revistaminerva.pt/creditacao-profissional-do-jornalista-regra-nas-ditaduras-raridade-nas-democracias/>

³⁹ <https://www.publico.pt/2024/12/03/sociedade/noticia/sindicato-jornalistas-bom-fique-claro-jornalista-carteira-2114318>

Nos últimos minutos da aula, elencam-se as várias expressões associadas à participação da “antiga audiência” na produção jornalística na Internet que dominaram o debate na primeira década do século XXI, os últimos dos quais (social, independente e ativista) provenientes da imprensa:

- Jornalismo Participativo
- Jornalismo Colaborativo
- Jornalismo de Base
- Jornalismo de Cidadão
- Jornalismo Cívico
- ...
- Jornalismo Social
- Jornalismo Independente
- Jornalismo Ativista

A fechar, é apresentada a classificação de tipos de ciberjornalismo proposta pelo docente na sua tese de doutoramento (Zamith, 2011: 47-51):

- Ciberjornalismo Profissional
 - Tradicional, Credenciado
- Ciberjornalismo Participativo
 - Colaborativo: profissionais e amadores
- Ciberjornalismo Amador
 - Cívico, de Cidadão, de Base

Aula 9

Sumário:

Fronteiras do ciberjornalismo.

Bibliografia:

- Anderson, P. J. (2014). Defining and measuring quality news journalism. In Anderson, P. J.; Ogoloa, G. & Williams, M. (edit.) (2014). *The Future of Quality News Journalism - A Cross-Continental Analysis*. Routledge.
- Bastos, Helder (2012). A diluição do jornalismo no ciberjornalismo. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 9, n. 2 (2012): Jornalismo e Mídia, aportes portugueses. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p284>
- Carlson, M., & Lewis, S. C. (Eds.). (2015). *Boundaries of journalism: Professionalism, practices and participation*. Routledge.
- Deuze, Mark (2019). What Journalism Is (Not). *Social Media + Society*, 5(3). <https://doi.org/10.1177/2056305119857202>
- Deuze, Mark (2006). Liquid Journalism. In: Political Communication Report 16 (1). <https://hdl.handle.net/2022/3202>
- Deuze, Mark (2005). What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. *Journalism*, 6(4), 442–464. https://www.academia.edu/709235/What_is_Journalism_Professional_Identity_and_Ideology_of_Journalists_Reconsidered
- Deuze, Mark (2003). The Web and Its Journalisms: Considering the Consequences of Different Types of Newsmedia Online. *New Media & Society*, 5 (2).
- Drok, N. & Duiven, R. (2023). Journalistic Roles, Values and Qualifications in the Network Era. How Journalism Educators Around the Globe View the Future of Journalism. WJEC and Windesheim. <https://www.windesheim.nl/onderzoekpublicaties/journalistic-roles,-values-and-qualifications-in-the-network-era>
- Eldridge, S. (2020). Legitimizing new media actors: Unwelcome strangers to the journalistic field. In S. Peña-Fernández, & K. Meso-Ayerdi (Eds.), *Active Audiences: Empowering Citizens' Discourse in the Hybrid Media System* (1 ed., pp. 13-24). McGraw-Hill.
- Figueira, J. (2023). Da incerteza como princípio: jornalismo, democracia, decadência da verdade. Editora LabCom. <https://labcom.ubi.pt/da-incerteza-como-principio-jornalismo-democracia-decadencia-da-verdade/>
- Fidalgo, J. (2019). Em trânsito pelas fronteiras do Jornalismo. *Comunicação Pública*, Vol.14 nº 27. <https://journals.openedition.org/cp/5522>

Graves, L., Kelly, J., & Gluck, M. (2010). *Confusion Online: Faulty Metrics and the Future of Digital Journalism*. Tow Center for Digital Journalism, Columbia University.

Gillmor, Dan (2010). Mediactive. https://mediactive.com/wp-content/uploads/2010/12/mediactive_gillmor.pdf

Gillmor, Dan (2005). *Nós, Os Média*. Lisboa: Editorial Presença.

Gillmor, Dan (2004). *We The Media. Grassroots Journalism by the People, for the People*. O'Reilly Media.
https://library.uniteddiversity.coop/Media_and_Free_Culture/We_the_Media.pdf

Hålien, Einar (2024). Editorial media as defenders of democracies. Schibsted Media.
<https://schibsted.com/editorial-media-as-defenders-of-european-democracies/>

Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2014). *The Elements of Journalism, Revised and Updated 3rd Edition: What Newspeople Should Know and the Public Should Expect*. Three Rivers Press.

Lewis, S.C. (2024). Journalism. *The International Encyclopedia of Journalism Studies* (eds T.P. Vos, F. Hanusch, D. Dimitrakopoulou, M. Geertsema-Sligh and A. Sehl).
<https://doi.org/10.1002/9781118841570.iejs0001>

Nielsen, R. K. (2018). What can we do for journalism? rasmuskleisnielsen.net.
<https://rasmuskleisnielsen.net/2018/09/11/what-can-we-do-for-journalism>

Tate, Marsha Ann e Alexander, Janet E. (1996-2011). Checklist for a News Web Page.
https://mtateresearch.com/wp-content/uploads/2021/03/Checklist_News_Web_Page.pdf

Zamith, Fernando (2015). Em busca de uma certificação de qualidade no ciberjornalismo. *Média & Jornalismo*, Especial, 73-92.
<https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocidigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/embuscadeumacertificaçãodequalidadedociberjornalismo.pdf>

Zamith, Fernando (2013a). *A Contextualização no Ciberjornalismo*. Porto: Edições Afrontamento/CETAC.MÉDIA.

Última aula teórica, concluindo o ponto 2 do programa e as suas interseções com o ponto 1. Depois de apresentadas, discutidas e sistematizadas questões que afetam a configuração do (ciber)jornalismo atual, centra-se a atenção na progressiva diluição de fronteiras entre os vários grupos de atores de uma esfera mediática de comunicação cada vez mais desintermediada: jornalistas (profissionais), cidadãos comuns (antiga audiência) e “*newsmakers*” (antigas fontes). Analisam-se conceitos teóricos, contributos profissionais e académicos, e mecanismos de classificação e certificação, e apresenta-se a proposta do docente de delimitação de fronteiras que permita ao público distinguir o jornalismo de outras práticas periféricas de comunicação persuasiva.

A Internet foi invadida por informação falsa, não apurada, não contrastada, publicitária e propagandística, quase sempre disfarçada de jornalismo. O combate à desinformação tem sido difícil, em grande parte pela perda de força (sobretudo económica) precisamente do jornalismo (e dos jornalistas), o setor da sociedade que lhe poderia fazer frente. Neste combate desigual, quem mais perde é o público, que cada vez tem mais dificuldade em distinguir informação jornalística de conteúdos não jornalísticos. As fronteiras do jornalismo no ciberespaço vão ficando progressivamente mais nubladas.

Como afirmam Kovach & Rosenstiel (2014), as novas plataformas de redes sociais “começaram a cumprir a promessa de que todos somos produtores e consumidores”. Para os autores, “agora que qualquer pessoa com um computador⁴⁰ pode afirmar que está a “fazer jornalismo”, a tecnologia criou uma nova organização económica do jornalismo na qual as normas da profissão estão a ser retiradas e redefinidas, e por vezes completamente abandonadas”.

Introduz-se o conceito de “*interlopers*” (intrusos), que Eldridge (2020: 15) define como “uma categoria de *outsiders* dos novos media que identificam o seu trabalho como jornalismo e a si próprios como jornalistas”. Os *interlopers* trabalham em blogs e sites independentes, “desafiando o status quo do jornalismo tradicional” e “falando diretamente com o público específico que reconhecem como seu” (Eldridge, 2020: 15). “Através do seu trabalho, os intrusos desafiam os limites e as conceptualizações tradicionais do campo jornalístico, recolhendo, verificando e publicando informação no interesse do público – apenas fazendo-o de forma diferente.” (Eldridge, 2020: 15).

Ao “quarto poder” da imprensa profissional do século XX, juntou-se no novo século (com a Web 2.0 ou Web Social) um “quinto poder”, de cidadãos testemunhas e produtores de informação. Kovach & Rosenstiel (2014) salientam que, contudo, “é importante reconhecer que este novo

⁴⁰ Hoje diríamos “um smartphone”, que é mais versátil e prático de utilizar nalgumas tarefas jornalísticas.

grupo inclui também as instituições e os atores que os jornalistas outrora cobriam”, os “*newsmakers*”, como Gillmor (2004: XIV) os designa, “que querem influenciar o público para fins comerciais e políticos”.

Desafia-se os estudantes: Onde termina o jornalismo e começa o não jornalismo? Há uma linha de fronteira? “Esta divisão é já profundamente contestada e não pode ser facilmente resolvida recorrendo a alguns parâmetros formais consensuais ou a uma análise funcionalista de quem se qualifica como jornalista ou do que se qualifica como jornalismo. Não existem tais *checklists*”, acredita Matt Carlson (2015: 2).

O docente contrapõe e defende que há e tem de continuar a haver uma linha de fronteira, a bem da democracia. O que distingue o jornalismo de outras práticas são os seus princípios definidores, especialmente os de pesquisar, produzir e transmitir informação de 1) interesse público, 2) verdadeira, e 3) verificada, com 4) independência e 5) ética. Um jornalista trabalha para a sociedade, presta um serviço à sociedade no seu todo. Um não jornalista trabalha em benefício próprio ou para um cliente, presta serviço a uma parte da sociedade (não a toda a sociedade). Entendemos aqui como “não jornalista” quem exerça funções incompatíveis com o jornalismo e/ou trabalhe noutra área da comunicação (assessor, relações-públicas, técnico de comunicação estratégica, de marketing, de publicidade ou de propaganda, consultor de comunicação, produtor de conteúdos patrocinados ou *influencer*), usando técnicas de comunicação persuasiva (Fidalgo, 2019: 6).

Admitimos que outros, que não apenas os jornalistas profissionais (Zamith, 2013a: 34), possam também prestar serviço público, pesquisando, produzindo e difundindo informações de interesse público. Mas esses “cidadãos comuns” só estarão a desempenhar na plenitude a missão de jornalista se respeitarem os restantes elementos caracterizadores da atividade, como a independência, a veracidade, a disciplina da verificação e o comportamento ético.

Concordamos com Joaquim Fidalgo quando afirma que “a clareza e a transparência são elementos essenciais de todos os processos comunicativos no espaço público, sejam os que se dedicam à informação jornalística, sejam os que tratam da comunicação persuasiva” (Fidalgo, 2019: 16). É necessário demarcar bem as fronteiras, mostrar de forma clara e transparente quem produziu o conteúdo informativo, com que intenção e ao serviço de quem. O público precisa dessa demarcação clara, porque “as zonas de ambiguidade ou de confusão deliberada acabam por prestar um mau serviço aos destinatários últimos destes processos” (Fidalgo, 2019: 16).

Termina-se a aula com outras recomendações de leitura, desde logo as de quem reflete sobre o que é (o) jornalismo na era da Internet. Como afirma Mark Deuze, “não é tanto a questão do que é o jornalismo, mas como se manteve semelhante com tanto sucesso no contexto de contínuas transformações internas e externas, mudanças, desafios, evoluções e revoluções” (Deuze, 2019: 2). Rasmus Kleis Nielsen concorda que, apesar das muitas mudanças, “os elementos centrais da arte do jornalismo e muitos dos desafios fundamentais permanecem constantes — como responsabilizar o poder, sejam pessoas em cargos públicos ou interesses privados que evitam a publicidade, como narrar claramente problemas complexos em tempo real, como tornar o significativo interessante e o interessante significativo” (Nielsen, 2018).

Aula 10

Sumário:

Exercício prático de classificação de sites noticiosos

Segundo exercício de avaliação em aula. Com base nos conhecimentos adquiridos nas aulas anteriores, os estudantes analisam e classificam seis sites com informação de atualidade (indicados pelo docente), colocando-os dentro, na fronteira (e em qual) ou fora do jornalismo.

Para cada site, são dadas 12 opções de classificação por tipos de (ciber)jornalismo: Profissional; Participativo; Colaborativo; Amador; Social; Independente; Ativista; Académico; Agregador; Curadoria; Não-Jornalismo; Outra: _____. O estudante pode classificar o site em mais do que uma opção.

Os estudantes dão também a sua apreciação sobre o nível de compromisso do site com os valores do jornalismo (interesse público; independência; veracidade; verificação; ética), numa escala de 1 (baixo) a 5 (alto).

As opções são justificadas com links para páginas que comprovem (ou indiciem) a classificação e apreciação feitas.

Aula 11

Sumário:

Correção do exercício da aula anterior.

Esclarecimento de dúvidas sobre a submissão do trabalho final (Entrevista/Reportagem).

Questões práticas da produção ciberjornalística.

A aula é dedicada à correção coletiva do exercício de classificação de sites noticiosos realizado na aula anterior. São apresentados gráficos com as escolhas globais da turma, que servem de ponto de partida para reflexão e debate com os estudantes, estimulando a apreciação crítica destes. Esgrimidos os argumentos dos participantes no debate, são elencados os comprovativos e indícios de classificação e apreciação de cada site.

A aula prossegue com o esclarecimento de dúvidas sobre a submissão do trabalho final (Entrevista/Reportagem) no *backoffice* do JPN e depois no Moodle.

Termina-se com uma síntese de questões práticas da produção ciberjornalística, em preparação do exercício da aula seguinte.

Aula 12

Sumário:

Construção de cibernotícia sobre um tema da atualidade, utilizando todas as potencialidades jornalísticas da Internet e recorrendo exclusivamente a fontes primárias.

Bibliografia:

Canavilhas, João (org.) (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros Labcom. <https://labcom.ubi.pt/webjornalismo-7-carateristicas-que-marcam-a-diferenca/>

JPN (s/d). Estatuto Editorial/Livro de Estilo. <https://jpn.up.pt/documentos/estatuto-editorial-do-jpn/>

Zamith, Fernando (2011). A contextualização no ciberjornalismo. Tese de doutoramento. Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/126988>

Para este último exercício de avaliação, é normalmente escolhido um tema da atualidade ou efeméride que tenha motivado publicações recentes nos sites oficiais ou nas redes sociais de várias fontes primárias (partidos políticos, organismos públicos, sindicatos, associações, clubes, empresas, autarquias ou organizações não governamentais, p.e.).

O objetivo deste exercício é elevar o nível de proficiência do estudante, colocando-o numa situação real em que tem de contrastar várias fontes primárias, respeitando o princípio jornalístico do contraditório, ao mesmo tempo que aperfeiçoa as técnicas de expressão jornalística online. É o exercício em aula mais exigente do conjunto das duas unidades curriculares de TEJ Online, sendo o último precisamente para avaliar se o estudante adquiriu as competências mínimas para executar com autonomia trabalhos ciberjornalísticos, mesmo que no 3.º ano da licenciatura opte por outra área de especialização que não o jornalismo.

Trabalha-se todas as potencialidades jornalísticas da Internet, incluindo as associadas, ainda que algumas em simulação: interatividade, hipertextualidade, multimedialidade, hipermedialidade, instantaneidade, ubiquidade, memória, contextualização e personalização.

A cibernotícia tem de conter, além de texto:

1. Interatividade: inquérito curto sobre tema da notícia e email do autor da notícia;
2. Hipertextualidade: links embutidos no texto (para fontes primárias);
3. Multimedialidade: fotografia, desenho, áudio, vídeo ou infografia no corpo principal;
4. Hipermedialidade: ligação hipermédia (de texto para vídeo, por exemplo) (comum a 2. e 3.);
5. Instantaneidade: data, hora e minuto da notícia;
6. Ubiquidade: data, hora e minuto da notícia em diferentes fusos horários;
7. Memória: hiperligações para conteúdos em arquivo (comum a 2. e 8.) e hiperligações extratextuais (*tags*) para conteúdos relacionados (comum a 2. e 8.);
8. Contextualização: nome do(a) autor(a) da notícia; biografia de pessoa referida na notícia (comum a 7.; também comum a 2. se for link); informação histórica, geográfica e/ou demográfica sobre o local do facto (comum a 7.; também comum a 2. se for link);
9. Personalização: título adaptado/curto para leitura vertical.

Deve ser respeitado o Livro de Estilo do JPN.

Aula 13

Sumário:

Correção da cibernotícia construída na aula anterior.

A aula é dedicada à correção coletiva da cibernotícia construída na aula anterior, seguindo procedimentos semelhantes aos adotados aquando do primeiro exercício.

Sendo possível, o docente divulga na aula os resultados da avaliação do exercício, permitindo que os estudantes percebam de imediato o que fizeram bem e onde falharam e porquê.

6.8. Orientação Tutorial

Tal como em TEJ I - Online, as sessões de Orientação Tutorial (OT) são habitualmente calendarizadas (pela Unidade de Logística da FLUP) para tempos letivos logo a seguir às aulas da UC, o que permite gerir com alguma flexibilidade os períodos de aula e de OT. Frequentemente, a orientação é dada (a quem a pedir) antes da aula ou no final, o que permite que a aula se prolongue por parte ou pela totalidade do período reservado à OT. O docente informa logo no início do semestre que os estudantes podem solicitar esclarecimentos ou orientação a qualquer momento, presencialmente ou por email, sendo a resposta dada rapidamente.

6.9. Resultados da UC

Nesta secção apresenta-se informação sobre os resultados da unidade curricular: desempenho académico dos estudantes, avaliação da UC e do docente pelos estudantes, e publicação de trabalhos dos estudantes.

6.9.1. Desempenho académico dos estudantes

O desempenho dos estudantes tem sido muito positivo. Mais de 90% obtém aproveitamento (Tabelas 6, 7 e 8), alguns apenas na Época de Recurso, com classificação média superior a 15 valores (Figuras 18, 19 e 20), de acordo com os dados dos últimos três anos letivos. As poucas reprovações são quase todas resultado da não submissão de um ou mais trabalhos de avaliação.

Figura 18. Distribuição dos resultados de Técnicas de Expressão Jornalística II – Online 2024/25



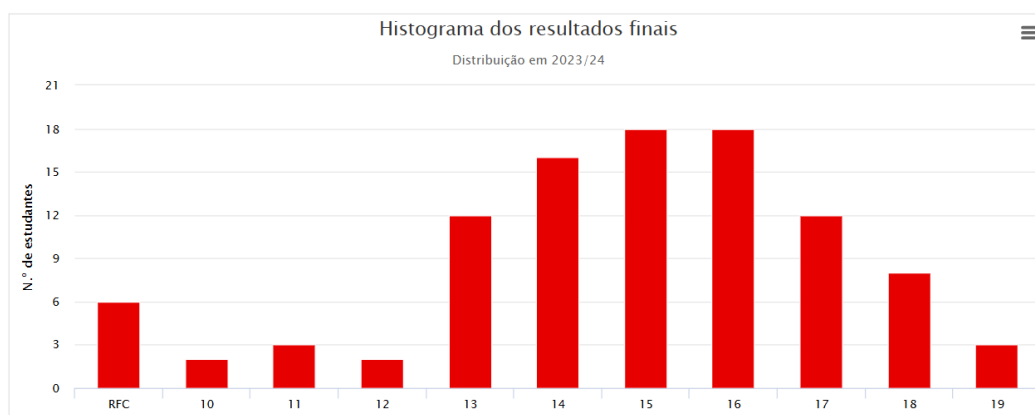
Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Tabela 6. Percentagem de aprovação a Técnicas de Expressão Jornalística II - Online 2024/25

N.º de Estudantes			Rácios (%)		
Inscritos	Avaliados	Aprovados	Avaliados/Inscritos	Aprovados/Inscritos	Aprovados/Avaliados
100	100	92	100.00	92.00	92.00

Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Figura 19. Distribuição dos resultados de Técnicas de Expressão Jornalística II – Online 2023/24



Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Tabela 7. Percentagem de aprovação a Técnicas de Expressão Jornalística II - Online 2023/24

Nº de Estudantes			Rácios (%)		
Inscritos	Avaliados	Aprovados	Avaliados/Inscritos	Aprovados/Inscritos	Aprovados/Avaliados
100	100	94	100.00	94.00	94.00

Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Figura 20. Distribuição dos resultados de Técnicas de Expressão Jornalística II – Online 2022/23



Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Tabela 8. Percentagem de aprovação a Técnicas de Expressão Jornalística II - Online 2022/23

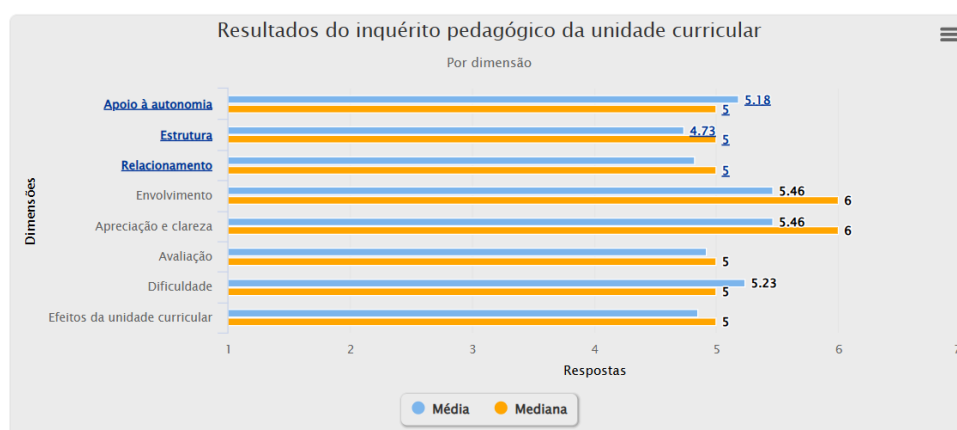
Nº de Estudantes			Rácios (%)		
Inscritos	Avaliados	Aprovados	Avaliados/Inscritos	Aprovados/Inscritos	Aprovados/Avaliados
110	110	102	100.00	92.73	92.73

Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

6.9.2. Avaliação da UC e do docente pelos estudantes

Tal como explicado a propósito da UC TEJ I – Online, a Universidade do Porto lança no final de cada semestre inquéritos pedagógicos para que os estudantes avaliem cada UC, o seu envolvimento e o desempenho do docente. Estes inquéritos têm tido baixas taxas de participação, mas, ainda assim, apresentam-se aqui os resultados dos últimos três anos letivos (Figuras 21, 22 e 23), com taxas de resposta, no que diz respeito à avaliação do docente, entre 11 e 29%, subindo ligeiramente (entre 13 e 30%) nas dimensões relacionadas com o estudante e com a UC.

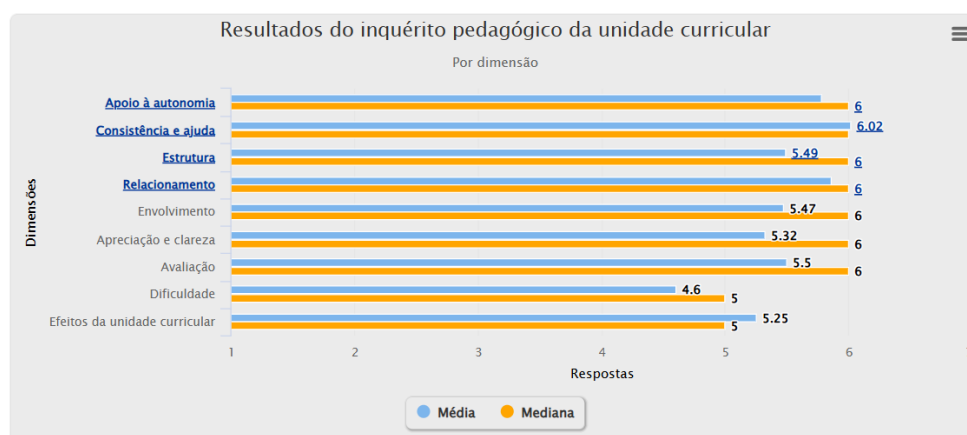
Figura 21. Resultados do Inquérito Pedagógico de TEJ II - Online 2024/25



Nível de visualização	N.º Q. (1)	N.º Q. R. (2)	% Q. R.	% Q. R. / Av. (3)	μ	Md	σ	Alvo
Dimensão Docente	F	F	F	F	F	F	F	
Apoio à autonomia	100	11	11,0	-	5,18	5,0	1,56	Docente
Estrutura	100	11	11,0	-	4,73	5,0	1,42	Docente
Relacionamento	100	11	11,0	-	4,82	5,0	1,75	Docente
Envolvimento	100	13	13,0	-	5,46	6,0	1,39	Estudante
Apreciação e clareza	100	13	13,0	-	5,46	6,0	1,45	Unidade Curricular
Avaliação	100	13	13,0	-	4,92	5,0	1,44	Unidade Curricular
Dificuldade	100	13	13,0	-	5,23	5,0	1,31	Unidade Curricular
Efeitos da unidade curricular	100	13	13,0	-	4,85	5,0	1,45	Unidade Curricular

Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

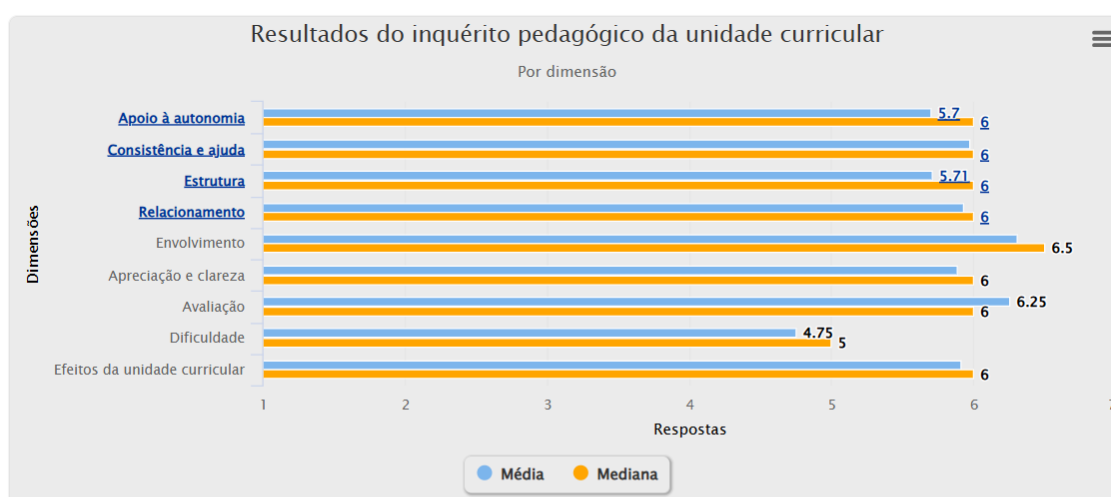
Figura 22. Resultados do Inquérito Pedagógico de TEJ II - Online 2023/24



Nível de visualização	N.º Q. (1)	N.º Q. R. (2)	% Q. R.	% Q. R. / Av. (3)	μ	Md	σ	Alvo
Dimensão Docente	F	F	F	F	F	F	F	
Apoio à autonomia	101	29	28,7	-	5,78	6,0	1,30	Docente
Consistência e ajuda	101	29	28,7	-	6,02	6,0	1,20	Docente
Estrutura	101	29	28,7	-	5,49	6,0	1,36	Docente
Relacionamento	101	29	28,7	-	5,86	6,0	1,43	Docente
Envolvimento	101	30	29,7	-	5,47	6,0	1,45	Estudante
Apreciação e clareza	101	30	29,7	-	5,32	6,0	1,42	Unidade Curricular
Avaliação	101	30	29,7	-	5,50	6,0	1,57	Unidade Curricular
Dificuldade	101	30	29,7	-	4,60	5,0	1,28	Unidade Curricular
Efeitos da unidade curricular	101	30	29,7	-	5,25	5,0	1,46	Unidade Curricular

Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

Figura 23. Resultados do Inquérito Pedagógico de TEJ II - Online 2022/23



Nível de visualização									Alvo
Dimensão	Docente	N.º Q. (1)	N.º Q.R. (2)	% Q.R.	% Q.R. / Av. (3)	μ	Md	σ	
Apoio à autonomia		111	15	13,5	-	5,70	6,0	1,39	Docente
Consistência e ajuda		111	15	13,5	-	5,97	6,0	1,17	Docente
Estrutura		111	15	13,5	-	5,71	6,0	1,24	Docente
Relacionamento		111	15	13,5	-	5,93	6,0	0,93	Docente
Envolvimento		111	16	14,4	-	6,31	6,5	0,85	Estudante
Apreciação e clareza		111	16	14,4	-	5,88	6,0	0,96	Unidade Curricular
Avaliação		111	16	14,4	-	6,25	6,0	0,75	Unidade Curricular
Dificuldade		111	16	14,4	-	4,75	5,0	1,54	Unidade Curricular
Efeitos da unidade curricular		111	16	14,4	-	5,91	6,0	1,17	Unidade Curricular

Fonte: Sistema de Informação para Gestão Agregada dos Recursos e dos Registos Académicos (Sigarra)

6.9.3. Publicação de trabalhos dos estudantes produzidos no âmbito da UC

Outro resultado relevante da UC é a publicação no JPN de alguns dos melhores trabalhos de entrevista e/ou reportagem realizados pelos estudantes, que podem ser encontrados pesquisando por “[TEJ Online – 2.º ano](#)” ou “[TEJ II – Online](#)”. Deixam-se aqui alguns exemplos de boas histórias jornalísticas, relatadas em narrativa hipertextual e multimédia:

[Booktok: De vídeos curtos a livros longos](#)

[Rosebud Bookshop: A livraria que segue as tendências do TikTok](#)

[Comércio tradicional: Quantas lojas abriram em Santa Catarina nos últimos cinco anos?](#)

[A inclusão sobe ao palco do Teatro Nacional São João](#)

[Do braille à audidescrição: Como funcionam as ferramentas que melhoram a acessibilidade do TNSJ](#)

[Neste colégio, o método ALOHA usa-se para melhorar a matemática e a autoconfiança](#)

[Método ALOHA procura combinar matemática com diversão](#)

[Vintage: Procura por autenticidade e refúgio face à desmaterialização](#)

[Vinil: O “culto” que perdura na era do 'streaming'](#)

["Ídolos", um sonho que nem sempre se torna realidade](#)

[João Couto tem novo álbum: “Agora que pude lançar este disco, sinto-me invencível”](#)

[Jorge Cardinali: O “ex” sem-abrigo que usa a sua história para ajudar os outros](#)

[Morada Certa: o projeto que quer dar casa aos sem-abrigo de Leiria](#)

7. Considerações finais

O relatório das unidades curriculares de Técnicas de Expressão Jornalística Online (I e II) da Licenciatura em Ciências da Comunicação (LCC) da Universidade do Porto que agora se conclui teve três objetivos fundamentais, que o docente de ambas e candidato ao título de agregado em Ciências da Comunicação e Informação considera ter cumprido: 1) enquadrar epistemologicamente no campo das Ciências da Comunicação e Informação as técnicas de expressão jornalística online; 2) problematizar e refletir sobre os conteúdos das duas unidades curriculares na contemporaneidade das Ciências da Comunicação e Informação; 3) explicitar e analisar a sustentação teórica desses conteúdos, bem como a dinâmica pedagógica e a articulação entre aulas (dos dois semestres) planeadas e executadas pelo docente candidato ao título de agregado.

A docência de Técnicas de Expressão Jornalística Online na LCC e nos cursos que a precederam tem sido assegurada quase exclusivamente pelo candidato desde que iniciou a sua carreira docente, em outubro de 2002. Tratando-se de uma vertente (online) da prática jornalística que está em constante evolução (e até ebulição), exige de quem a leciona uma contínua atualização. Ciente dessa exigência, o candidato tem centrado a sua investigação científica no ciberjornalismo e temas próximos, o que tem contribuído para a atualização frequente das duas UC em apreço, nomeadamente nos conteúdos programáticos, no planeamento de aulas, nos

métodos de ensino e atividades de aprendizagem, nas componentes de avaliação e na bibliografia recomendada.

Como explicado, este relatório reúne duas UC pela relação que existe entre ambas e por serem as unidades curriculares que são confiadas ao candidato há mais tempo, fruto do interesse e dedicação que tem dado a esta especialidade. São formalmente duas unidades curriculares semestrais, mas reúnem todas as características de uma unidade curricular anual, dada a sequencialidade dos seus conteúdos programáticos. As UC de TEJ Online enquadram-se perfeitamente no plano de estudos da LCC, que ostenta como uma das suas “imagens de marca” a relação do jornalismo com a tecnologia, privilegiando UC teórico-práticas e laboratoriais.

Sabemos que esta aposta no domínio da técnica e na experiência prática não é consensual. Queremos e devemos formar jornalistas que dominem diferentes técnicas, ferramentas tecnológicas e formatos narrativos? Ou queremos e devemos formar jornalistas com capacidade crítica para decidir, a cada momento, o que verdadeiramente importa noticiar, conscientes da sua função e da sua responsabilidade social? “A rotina profissional — nas redações e também no ensino — tem sobrestimado a dimensão técnica da produção noticiosa, relegando para segundo plano a análise e discussão sobre a natureza e a finalidade da informação”, afirma João Figueira (2023: 52), no seu livro “Da incerteza como princípio: jornalismo, democracia, decadência da verdade”. No prefácio da obra, que apropriadamente titula “Um assunto sério”, Joaquim Fidalgo concorda com Figueira, criticando o “endeusamento da técnica em desfavor do pensamento” (Fidalgo, in Figueira, 2023: 15). Entendemos as críticas dos dois jornalistas e académicos. Na universidade, como na redação, o pensamento (saber pensar) deve sobrepor-se à técnica (saber fazer). Mas não chega saber pensar; é preciso também saber fazer. Em síntese, a resposta a uma pergunta não condiciona a outra. Queremos e devemos formar jornalistas que dominem diferentes técnicas, ferramentas tecnológicas e formatos narrativos, e que tenham capacidade crítica para decidir, a cada momento, o que verdadeiramente importa noticiar, conscientes da sua função e da sua responsabilidade social.

O figurino inovador da LJCC de há 25 anos foi seguido mais tarde pela maioria dos outros cursos superiores da área, que acrescentaram as dimensões prática e tecnológica aos seus perfis mais teóricos. E mudaram (também) porque era isso que o “mercado” pedia (e pede). Invariavelmente, as redações que acolhem estagiários da U.Porto enaltecem as capacidades e competências dos estudantes da LCC, que chegam aos órgãos de comunicação social já em “velocidade de cruzeiro”, resultado dos conhecimentos e da extensa e variada experiência que adquirem em diferentes unidades curriculares, e no cibermeio do curso (JPN), também ele exemplo seguido por outras universidades e institutos politécnicos.

Importa salientar também que o plano de estudos da LCC é constituído maioritariamente por unidades curriculares teórico-práticas, o que equilibra as duas dimensões, não descurando o desenvolvimento de capacidades de pensamento e reflexão crítica dos estudantes. É o caso das Técnicas de Expressão Jornalística Online. Como exposto neste relatório, a denominação da unidade curricular não restringe o programa às técnicas de expressão. Nem sequer à produção jornalística no e para o ambiente online. Reconhecemos, contudo, que os conteúdos programáticos, o planeamento e execução das aulas, e a evolução do jornalismo na Internet recomendariam uma designação da unidade curricular mais abrangente. Propomos (simplesmente) “Ciberjornalismo”. Essa eventual alteração teria, naturalmente, de ser articulada com as restantes UC, desde logo com as que partilham a mesma designação-base (Técnicas de Expressão Jornalística – Imprensa e Técnicas de Expressão Jornalística – Audiovisual) e só poderia ser adotada, na melhor das hipóteses, dentro de seis anos, quando a LCC voltar a ser avaliada pela A3ES - Agência de Avaliação e Acreditação do Ensino Superior⁴¹.

A elaboração deste relatório constituiu uma oportunidade - que o candidato aproveitou - de ter uma visão mais global e mais distanciada (na medida do possível) de como tem e deve lecionar as duas UC, permitindo-lhe fazer um balanço do que tem sido feito e do que pode ser melhorado. Algumas das alterações resultantes deste exercício de reflexão, atualização e análise de dados estão já a ser postas em prática, com resultados auspiciosos. As provas de agregação que o docente solicita serão, assim o espera, momentos excelentes de aprendizagem para aprofundar este esforço de aperfeiçoamento, pelo olhar competente de quem tem o conhecimento e o distanciamento necessários para avaliar.

8. Referências

Alves, Rosental Calmon & Schmitz Weiss, Amy (2004). ‘Many newspaper sites still cling to once-a-day publish cycle’. *Online Journalism Review*.
<https://web.archive.org/web/20040806050942/http://ojr.org/ojr/workplace/1090395903.php>

⁴¹ No ano letivo 2026-27 entra em vigor um novo plano de estudos da LCC (<https://www.dges.gov.pt/simges/public/www/cursos/14160>), que mantém TEJ Online no 2.º e 3.º semestres. A principal alteração é a supressão do ramo de Multimédia, mantendo-se os restantes: Jornalismo e Comunicação Estratégica.

Anderson, P. J. (2014). 'Defining and measuring quality news journalism'. In Anderson, P. J.; Ogoloa, G. & Williams, M. (edit.) (2014). *The Future of Quality News Journalism - A Cross-Continental Analysis*. Routledge.

Barnhurst, K. G., & Owens, J. (2008). 'Journalism'. In W. Donsbach (Ed.), *The International Encyclopedia of Communication*. Wiley Online Library. <https://doi.org/10.1002/9781405186407.wbiecj002.pub2>

Bastos, Helder (2005). 'Ciberjornalismo e narrativa hipermédia'. *PRISMA.COM*, (1), 3–15. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2145>.

Bastos, Helder (2012). 'A diluição do jornalismo no ciberjornalismo'. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 9, n. 2 (2012): Jornalismo e Mídia, aportes portugueses. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2012v9n2p284>

Bastos, Helder (2023). *História do Ciberjornalismo em Portugal: os primeiros vinte e cinco anos*. Covilhã: Editora LabCom. <https://labcomca.ubi.pt/historia-do-ciberjornalismo-em-portugal-os-primeiros-vinte-e-cinco-anos/>

Bastos, Helder e Zamith, Fernando (Orgs.). (2012). *Ciberjornalismo, modelos de negócio e redes sociais*. Edições Afrontamento/CETAC.MEDIA.

Beaujon, Andrew (2014). 'AP will use robots to write some business stories'. Poynter. <https://www.poynter.org/reporting-editing/2014/ap-will-use-robots-to-write-some-business-stories/>

Beckett, Charlie (2019). *New powers, new responsibilities. A global survey of journalism and artificial intelligence*. LSE - London School of Economics and Political Science. <https://blogs.lse.ac.uk/polis/2019/11/18/new-powers-new-responsibilities/>

Berners-Lee, Tim (2010). 'Long Live the Web: A Call for Continued Open Standards and Neutrality'. Scientific American. <https://www.scientificamerican.com/article/long-live-the-web/>

Bertocchi, Daniela (2005). 'Gêneros jornalísticos em espaços digitais'. Em *Repensar os Media: Novos Contextos da Comunicação e da Informação: Livro de Actas 4º SOPCOM / 4º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, pp. 1287-1299. <https://www.arquivo.bocc.ubi.pt/pag/bertocchi-daniela-generos-jornalisticos-espacos-digitais.pdf>

Broersma, M., & Peters, C. (2013). Introduction: Rethinking journalism: The structural transformation of a public good. In C. Peters & M. Broersma (Eds.), *Rethinking journalism: Trust and participation in a transformed news landscape* (pp. 1–12). New York, NY: Routledge.

Boorstin, Daniel J. (1992). *The Image: A Guide to Pseudo-Events in America*. 1st Vintage Books Edition.

Boyd-Barrett, Oliver (2012). 'As agências nacionais de notícias na turbulenta era da internet'. *Comunicação & Sociedade*, Ano 33, n. 57, p. 7-56.

Briggs, Mark (2007). *Jornalismo 2.0: Como sobreviver e prosperar*. Austin: Knight Center for Journalism in the Americas. <https://journalismcourses.org/pt-br/ebook/jornalismo-2-0-como-sobreviver-e-prosperar/>

Brule, Chantelle (2016). 'Text-message journalism: A new way to reach SMS users?'. Agility PR Solutions. <https://www.agilitypr.com/pr-news/public-relations/text-message-journalism-a-new-way-to-reach-sms-users/>

Campones, J.C.C.S. (2009). *Fundamentos de Deontologia do Jornalismo - A auto-regulação frustrada dos jornalistas portugueses (1974-2007)*. Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316/12614>

Canavilhas, J. (2025). Tecnologia do Desassossego: O Jornalismo Humano Deve Sentir-se Ameaçado Pela Inteligência Artificial?. *Comunicação E Sociedade*, 47, e025006. [https://doi.org/10.17231/comsoc.47\(2025\).6100](https://doi.org/10.17231/comsoc.47(2025).6100)

Canavilhas, J. (2024). Jornalismo Sem Jornalistas? Responde a Inteligência Artificial. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona 2023/2024: Lusofonias e decolonialidade*. https://www.lusocom.net/wp-content/uploads/2024/12/3_2_canavilhas.pdf

Canavilhas, João (2012). *Jornalismo para dispositivos móveis: informação hipermultimediática e personalizada*. *Actas do IV CILCS - Congreso Internacional Latina de Comunicación*. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalismo-para-dispositivos-moveis.pdf>

Canavilhas, João (2008). Webnoticia: Propuesta de Modelo Periodístico para la WWW, Covilhã: Livros LabCom.

Canavilhas, João (2006). Webjornalismo: Da pirâmide invertida à pirâmide deitada. BOCC – Biblioteca Online de Ciências da Comunicação. <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornalismo-piramide-invertida.pdf>

- Canavilhas, J., Rodrigues, C. e Giacomelli, F. (Orgs.) (2019). *Narrativas Jornalísticas para Dispositivos Móveis*. <https://labcomca.ubi.pt/narrativas-jornalisticas-para-dispositivos-moveis/>
- Canavilhas, J., Rodrigues, C., Morais, R. e Giacomelli, F. (Orgs.) (2022). *Mobilidade e Inteligência Artificial: Os novos caminhos do jornalismo*. <https://labcomca.ubi.pt/mobilidade-e-inteligencia-artificial-os-novos-caminhos-do-jornalismo/>
- Canavilhas, João (org.) (2014). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Livros Labcom. <https://labcom.ubi.pt/webjornalismo-7-carateristicas-que-marcam-a-diferenca/>
- Canavilhas, João e Satuf, Ivan (Orgs.) (2015). *Jornalismo para Dispositivos Móveis: Produção, distribuição e consumo*. <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/137>
- Cardoso, G., Paisana, M., Pinto-Martinho, A. (2024). *Digital News Report Portugal 2024*. Publicações OberCom. OberCom – Observatório da Comunicação. https://obercom.pt/wp-content/uploads/2024/06/DNRP-2024-_15.06.2024.pdf
- Carlson, M., & Lewis, S. C. (Eds.). (2015). *Boundaries of journalism: Professionalism, practices and participation*. Routledge.
- Carpentier, Nico (2012). 'The concept of participation. If they have access and interact, do they really participate?'. *Fronteiras – estudos midiáticos*, 14(2): 164-177 maio/agosto 2012. <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2012.142.10>
- Cascais, Fernando (2004). 'O ensino do/para o jornalismo e a formação profissional'. *Comunicação e Sociedade*, 5, pp. 85-93. [https://doi.org/10.17231/comsoc.5\(2004\).1248](https://doi.org/10.17231/comsoc.5(2004).1248)
- Coddington, Mark & Lewis, Seth (2023). 'Social media policies are failing journalists'. NiemanLab. <https://www.niemanlab.org/2023/03/social-media-policies-are-failing-journalists/>
- Coelho, Pedro (2014). *A formação académica para o jornalismo do século XXI: sobre questões de prática e técnica. Jornalismo e mercado - os novos desafios colocados à formação*. Tese de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/12109>
- Dean, Walter (2019). 'Navigating the Messy Middle'. Em Reis, A. I., Jerónimo, P., Zamith, F., & Bastos, H. (Orgs.), *Ameaças ao Ciberjornalismo*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CIC.Digital Porto. https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=380671

Deuze, Mark (2003). 'The Web and Its Journalisms: Considering the Consequences of Different Types of Newsmedia Online'. *New Media & Society*, 5 (2).

Deuze, Mark (2005). 'What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered'. *Journalism*, 6(4), 442–464.
https://www.academia.edu/709235/What_is_Journalism_Professional_Identity_and_Ideology_of_Journalists_Reconsidered

Deuze, M. (2006). Liquid Journalism. In: Political Communication Report 16 (1).
<https://hdl.handle.net/2022/3202>

Deuze, Mark (2019). 'What Journalism Is (Not)'. *Social Media + Society*, 5(3).
<https://doi.org/10.1177/2056305119857202>

Domingo, David (2024). 'Social media and journalism: a research agenda to vindicate civic participation in the era of disinformation and online harassment'. Em Zamith, F., Bastos, H., Reis, A. I., & Jerónimo, P. (Orgs.), *Ciberjornalismo: Cidadania, Novas Formas de Participação e Novos Desafios*, pp. 9-16. CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória.
<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/19843.pdf>

Drok, N. & Duiven, R. (2023). *Journalistic Roles, Values and Qualifications in the Network Era. How Journalism Educators Around the Globe View the Future of Journalism*. WJEC and Windesheim. <https://www.windesheim.nl/onderzoekpublicaties/journalistic-roles,-values-and-qualifications-in-the-network-era>

Eldridge, S. (2020). 'Legitimizing new media actors: Unwelcome strangers to the journalistic field'. In S. Peña-Fernández, & K. Meso-Ayerdi (Eds.), *Active Audiences: Empowering Citizens' Discourse in the Hybrid Media System* (1 ed., pp. 13-24). McGraw-Hill.

Fidalgo, Joaquim (2019). 'Em trânsito pelas fronteiras do Jornalismo'. *Comunicação Pública*, Vol. 14 nº 27. <https://journals.openedition.org/cp/5522>

Fidalgo, Joaquim (2016). 'Disputas nas fronteiras do jornalismo'. Em ERC (2016). *Digital Media Portugal ERC 2015*, pp. 35-47.

Figueira, João (2023). *Da incerteza como princípio: jornalismo, democracia, decadência da verdade*. Editora LabCom. <https://labcom.ubi.pt/da-incerteza-como-principio-jornalismo-democracia-decadencia-da-verdade/>

Figueira, João, & Santos, Sílvia (Eds.). (2019). *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade*. Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://books.uc.pt/book?book=956>

Floreani, Samantha (2023). 'Is artificial intelligence a threat to journalism or will the technology destroy itself?'. The Guardian. <https://www.theguardian.com/commentisfree/2023/aug/05/is-mutant-news-headed-our-way-or-will-ai-chatbots-eat-their-own-tails>

Fontcuberta, Mar de (1999-2010). *A notícia - Pistas para compreender o mundo*. Alfragide: Casa das Letras.

Friend, C. & Singer, J. B. (2007). *Online Journalism Ethics – Traditions and Transitions*, Armonk/London: M. E. Sharpe.

Garber, Megan (2011). 'Mirror, mirror: The New York Times wants to serve you info as you're brushing your teeth'. NiemanLab. <https://www.niemanlab.org/2011/08/mirror-mirror-the-new-york-times-wants-to-serve-you-info-as-youre-brushing-your-teeth/>

García de Torres, Elvira (2012). Cartografía del periodismo participativo - Estudio de las herramientas de participación en la prensa digital de Argentina, Colombia, España, Estados Unidos, Israel, México, Perú, Portugal y Venezuela. Tirant Lo Blanch Humanidades, Valencia.

Genro Filho, Adelmo (2012). *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Editora Insular.

Gillmor, Dan (2010). Mediactive. https://mediactive.com/wp-content/uploads/2010/12/mediactive_gillmor.pdf

Gillmor, Dan (2005). *Nós, Os Média*. Lisboa: Editorial Presença.

Gillmor, Dan (2004). *We The Media. Grassroots Journalism by the People, for the People*. O'Reilly Media. https://library.uniteddiversity.coop/Media_and_Free_Culture/We_the_Media.pdf

Graef, Andreas (2016). *Guide to Automated Journalism*. Columbia Journalism School. https://www.cjr.org/tow_center_reports/guide_to_automated_journalism.php

Graves, L., Kelly, J., & Gluck, M. (2010). *Confusion Online: Faulty Metrics and the Future of Digital Journalism*. Tow Center for Digital Journalism, Columbia University.

Gretzinger, Erin (2023). 'Is this journalism?' Texting the news pushes a fresh take on media ethics. Center for Journalism Ethics. <https://ethics.journalism.wisc.edu/2023/04/24/is-this-journalism-texting-the-news-pushes-a-fresh-take-on-media-ethics/>

Hålien, Einar (2024). 'Editorial media as defenders of democracies'. Schibsted Media. <https://schibsted.com/editorial-media-as-defenders-of-european-democracies/>

Hoffmann, Jay (s/d). The History of the Web. <https://thehistoryoftheweb.com/>

Jarvis, Jeff (2010). 'Foreword', in King, Elliot (2010). *Free for All – The Internet's Transformation of Journalism*, Evanston: Northwestern University Press.

Jarvis, Jeff (2013). 'There are no journalists'. Buzz Machine <https://buzzmachine.com/2013/06/30/there-are-no-journalists-there-is-only-journalism/>

Jarvis, Jeff (2016). 'Death to the Mass'. <https://medium.com/whither-news/death-to-the-mass-eb33c08dc3b6#.yast9g8o0>

Jarvis, Jeff (2023). *The Gutenberg Parenthesis: The Age of Print and Its Lessons for the Age of the Internet*. New York: Bloomsbury.

JPN (s/d). 'Estatuto Editorial/Livro de Estilo'. <https://jpn.up.pt/documentos/estatuto-editorial-do-jpn/>

Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2014). *The Elements of Journalism, Revised and Updated 3rd Edition: What Newspeople Should Know and the Public Should Expect*. Three Rivers Press.

Kovach, Bill e Rosenstiel, Tom (2004). *Os elementos do jornalismo - O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir*. Porto: Porto Editora.

Kulkarni, Shirish *et al.* (2023). 'Innovating Online Journalism: New Ways of Storytelling'. *Journalism Practice*, 17:9, 1845-1863. <https://doi.org/10.1080/17512786.2021.2020675>

Lasica, J. D. (1996). 'Net Gain'. *American Journalism Review*, 18(9): 20-37.

Lasica, J. D. (2001). 'The Promise of the Daily Me'. <https://www.jdlasica.com/media/the-promise-of-the-daily-me/>

Lemos, André. (2024). 'Erros, falhas e perturbações digitais em alucinações das IA generativas: tipologia, premissas e epistemologia da comunicação'. *MATRIZes*, 18(1), 75-91. <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v18i1p75-91>

Lévy, Pierre (2000). *Cibercultura*. Instituto Piaget.

Lewis, S. C. (2024). Journalism. *The International Encyclopedia of Journalism Studies* (eds T.P. Vos, F. Hanusch, D. Dimitrakopoulou, M. Geertsema-Sligh and A. Sehl). <https://doi.org/10.1002/9781118841570.iejs0001>

Lipinski, Ann Marie (2012). *Truth in the Age of Social Media*. Nieman Reports. <http://niemanreports.org/issues/summer-2012/>

Lipinski, Ann Marie (2025). *TikTok Boom*. Nieman Reports. <http://niemanreports.org/issues/summer-2012/>

Lopes, Felisbela (2015). *Jornalista: profissão ameaçada*. Alétheia Editores.

Marinho, Sandra (2012). *Formação em jornalismo numa sociedade em mudança*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho. <https://hdl.handle.net/1822/19819>

Mateus, Samuel (2022). *Manual Prático de Assessoria de Imprensa*. Covilhã: Editora LabCom.

McMillan, Sally J. (2002). 'A four-part model of cyber-interactivity: Some cyber-places are more interactive than others: Some cyber-places are more interactive than others'. *New Media & Society*, 4(2), 271-291. <https://doi.org/10.1177/146144480200400208>

McQuail, Denis (2003). *Teoria da Comunicação de Massas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Meireles, C. e Zamith, F. (2025). *Ciberjornalismo em Portugal - Relatório ObCiber 2025*. ObCiber/CITCEM. <https://doi.org/10.21747/978-989-9193-55-0/cib>

Nielsen, R. K. (2018). 'What can we do for journalism?'. <https://rasmuskleisnielsen.net/2018/09/11/what-can-we-do-for-journalism>

Oblak, T. (2005). 'The lack of interactivity and hypertextuality in online media', *Gazette*, Vol. 67 (1): 87-106, London, Thousand Oaks & New Delhi: Sage Publications.

Outing, Steve (2005/2011). 'The 11 Layers of Citizen Journalism'. Poynter. <https://www.poynter.org/archive/2005/the-11-layers-of-citizen-journalism/>

Palacios, Marcos *et al.* (2002). 'Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português'. Em Barbosa, Suzana, Machado, Elias & Palacios, Marcos (org.). (2018). *GJOL: 20 anos de percurso: textos fundadores e metodológicos*. Salvador: EDUFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/27613>

Paulino, Rita, e Rodrigues, Vivian (orgs.) (2013). *Jornalismo para tablets: pesquisa e prática*. Florianópolis: Editora Insular.

Pavlik, John V. (2001). *Journalism and New Media*. Columbia University Press.

Pavlik, John V. (2020). 'Ciberjornalismo: muito mais do que notícias no formato digital'. *Esferas*, (17), 18-26. <https://doi.org/10.31501/esf.v0i17.11708>

Pavlik, John V., e Bridges, Frank (2013). 'The Emergence of Augmented Reality (AR) as a Storytelling Medium in Journalism'. *Journalism & Communication Monographs* 2013, 15: 4. <http://jmo.sagepub.com/content/15/1/4>

Pinto, Manuel (2004). 'O ensino e a formação na área do jornalismo em Portugal: "crise de crescimento" e notas programáticas'. *Comunicação e Sociedade*, 5, pp. 49-62. [https://doi.org/10.17231/comsoc.5\(2004\).1245](https://doi.org/10.17231/comsoc.5(2004).1245)

Poynter Institute (2019). 'Commit to Transparency – International Fact-Checking Network's Code of Principles'. <https://ifcncodeofprinciples.poynter.org/>

Quandt, Thorsten. (2023). 'Euphoria, disillusionment and fear: Twenty-five years of digital journalism (research)'. *Journalism*, 25(5), 1186-1203. <https://doi.org/10.1177/14648849231192789>

Quinn, Stephen (2005). *Convergent Journalism – The Fundamentals of Multimedia Reporting*. New York: Peter Lang Publishing.

Reis, A. I., Jerónimo, P., Zamith, F., & Bastos, H. (Orgs.), *Ameaças ao Ciberjornalismo*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CIC.Digital Porto. https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=380671

Rosen, Jay (2006). 'The People Formerly Known as the Audience'. Press Think. http://archive.pressthink.org/2006/06/27/ppl_frmr.html

Rosen, Jay (2008). 'A Most Useful Definition of Citizen Journalism'. Press Think. http://archive.pressthink.org/2008/07/14/a_most_useful_d.html

Rost, Alejandro (2006). *La interactividad en el periódico digital*. Tese de Doutoramento. Universitat Autònoma de Barcelona. https://www.academia.edu/1477518/La_interactividad_en_el_periodismo_digital_tesis_doctoral_2006_

Rost, Alejandro (2012). 'Periodismo e interactividad: preguntas, definiciones y desafíos en la participación de los usuarios'. Em García de Torres, Elvira (2012). *Cartografía del periodismo participativo - Estudio de las herramientas de participación en la prensa digital de Argentina, Colombia, España, Estados Unidos, Israel, México, Perú, Portugal y Venezuela*, pp. 13-36. Valencia: Tirant Lo Blanch Humanidades.

Salaverría, Ramón (2005). *Redacción Periodística en Internet*. Eunsa.

Santos, Clara Almeida, e Peixinho, Ana Teresa (2017). 'Media digitais: o milagre da multiplicação dos géneros'. *Biblos – Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra*, 3 (2017): Futuros. https://impactum-journals.uc.pt/biblos/article/view/3_1

Santos, Rogério (1997). *A negociação entre jornalistas e fontes*. Edições Minerva Coimbra.

Schultz, Tanjev (1999). 'Interactive Options in Online Journalism: a Content Analysis of 100 U.S. Newspapers'. *Journal of Computer-Mediated Communication*, Volume 5, Issue 1, 1 September 1999, JCMC513, <https://doi.org/10.1111/j.1083-6101.1999.tb00331.x>

Seyser, Doris, e Zeiller, Michael (2018). 'Scrollytelling – An Analysis of Visual Storytelling in Online Journalism'. *2018 22nd International Conference Information Visualisation (IV)*, Fisciano, Italy, 2018, pp. 401-406. <https://ieeexplore.ieee.org/document/8564193>

Silva, Marisa Torres (2024). *Fundamentos e Inquietações do Jornalismo*. Livros ICNOVA. <https://doi.org/10.34619/wjpr-nphb>

Silverman, Craig (Ed.) (2014). *Manual de Verificação. Um guia definitivo para a verificação de conteúdo digital na cobertura de emergências*. Poynter Institute. <http://verificationhandbook.com/downloads/manual.de.verificacao.pdf>

Stovall, James Glen (2004). *Web Journalism: Practice and Promise of a New Medium*. Boston: Pearson Education.

Tate, Marsha Ann e Alexander, Janet E. (1996-2011). 'Checklist for a News Web Page'. https://mtateresearch.com/wp-content/uploads/2021/03/Checklist_News_Web_Page.pdf

Traquina, Nelson (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera.

WAN/IFRA (2023). 'Global Principles for Artificial Intelligence'. <https://wan-ifra.org/2023/09/global-principles-for-artificial-intelligence-ai/>

Wardle, Claire (2018). 'Information Disorder: The Definitional Toolbox'. <https://firstdraftnews.org/articles/infodisorder-definitional-toolbox/>

Zamith, Fernando (2007a). 'O subaproveitamento das potencialidades da Internet pelos ciberjornais portugueses'. *Prisma.com - Revista de Ciências e Tecnologias de Informação e Comunicação*, 4, pp. 33-58. <http://ojs.letras.up.pt/index.php/prisma.com/article/view/2104/3049>

Zamith, Fernando (2007b). 'Jeff Jarvis: Jornalistas e cidadãos devem trabalhar em rede'. <http://www.publico.pt/media/noticia/jeff-jarvis-jornalistas-e-cidadaos-devem-trabalhar-em-rede-1290049>.

Zamith, Fernando (2008). *Ciberjornalismo - As potencialidades da Internet nos sites noticiosos portugueses*. Porto: Edições Afrontamento/CETAC.MEDIA.

Zamith, Fernando (2011). *A contextualização no ciberjornalismo*. Tese de doutoramento. Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/126988>

Zamith, Fernando (2013a). *A Contextualização no Ciberjornalismo*. Porto: Edições Afrontamento/CETAC.MEDIA.

Zamith, Fernando (2013b). 'Prós e contras de andar à boleia – Quando o cidadão comum parece jornalista'. *Revista Estudos de Jornalismo*, 2, pp. 19-35. https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=77458

Zamith, Fernando (2014). 'A comunicação política em forma de “notícias”: questões técnicas, éticas e legais'. Em Martins, M. L. & Oliveira, M. (Eds.). *Comunicação ibero-americana: os desafios da Internacionalização – Livro de Atas do II Congresso Mundial de Comunicação ibero-americana* (pp. 2678-2684). Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=98036

Zamith, Fernando (2015). 'Em busca de uma certificação de qualidade no ciberjornalismo'. *Media & Jornalismo, Especial*, 73-92. <https://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocidigital/wp-content/uploads/sites/8/2017/03/embuscadeumacertificaçãodequalidadedociberjornalismo.pdf>

Zamith, Fernando (2017). 'Cibermeios portugueses: 10 anos de lenta evolução'. *V Congresso Internacional de Ciberjornalismo: Ciberjornalistas 3.0: Livro de Atas*. Observatório do Ciberjornalismo. <https://hdl.handle.net/10216/104040>

Zamith, Fernando (2019). 'Pós de verdade: quando o (ciber)jornalismo se contenta com pouco'. Em Figueira, J. & Santos, S. (Orgs.), *As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade* (pp. 147-165). Imprensa da Universidade de Coimbra. https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/47352/1/Pos_de_verdade.pdf

Zamith, F., *et al.* (2019). O clickbait no ciberjornalismo português e brasileiro: o caso português. Em Reis, A. I., Jerónimo, P., Zamith, F., & Bastos, H. (Orgs.), *Ameaças ao Ciberjornalismo* (pp.19-47). Faculdade de Letras da Universidade do Porto e CIC.Digital Porto. https://sigarra.up.pt/flup/pt/pub_geral.pub_view?pi_pub_base_id=430799

Zamith, Fernando (2024). '«Patrocinado por uma bebida qualquer» — quando o jornalista se «esquece» que não pode fazer publicidade'. Em Zamith, F., Bastos, H., Reis, A. I., & Jerónimo, P. (Orgs.), *Ciberjornalismo: Cidadania, Novas Formas de Participação e Novos Desafios*, pp. 69-104. CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/19843.pdf>

9. Anexos

Anexo 1: Enunciados dos exercícios de avaliação (Moodle) de TEJ I – Online

Cibernotícia 1:

Coloquem aqui o URL da vossa notícia.

O que têm de fazer?

Construir uma cibernotícia a partir dos resultados [desta sondagem](#).

A notícia deve conter hiperligação para a fonte.

Podem incluir hiperligações para outras fontes de informação complementar, de contexto e/ou de contraste.

Não é necessário colocarem elementos multimédia.

Construam a cibernotícia como se fosse para publicar num cibermeio português de âmbito nacional.

Devem respeitar o [Livro de Estilo do JPN](#).

Bom trabalho!

([sondagem](#) para as Turmas 3 e 4, que tiveram o exercício em data diferente das T1 e T2)

Cibernotícia 2:

Coloquem aqui a vossa notícia.

O que têm de fazer?

Construir uma cibernotícia sobre um festival de música programado para Portugal em 2024, à vossa escolha, de qualquer género/estilo musical ou multigénico.

A notícia deve conter a **informação mais recente e credível** sobre o festival. Podem focá-la nos grupos/músicos anunciados para o festival, na eventual alteração de data e/ou cartaz, ou em qualquer outra particularidade que tenha **valor-notícia**.

Se a informação disponível for escassa (cartaz ainda com poucos nomes, p.e.), devem complementar a notícia com elementos sobre a história e/ou a última edição do festival.

Os dados para construir a notícia devem ser obtidos através de pesquisas na Internet, recorrendo a fontes credíveis, que deverão ser referenciadas.

Os elementos multimédia devem ser recolhidos também na Internet, com referência clara ao autor e/ou proprietário. **Não devem usar imagens com direitos de autor.**

Além do texto, a notícia deve conter, pelo menos:

1 hiperligação (para o site do festival ou outra fonte);

1 vídeo (incorporado ou hiperligado);

1 imagem (fotografia ou cartaz).

Pode conter também outras hiperligações e outros elementos multimédia.

A cibernotícia deve ser construída como se fosse para publicar no JPN, pelo que devem respeitar o [Livro de Estilo do JPN](#).

Site de notícias:

Caros estudantes, é aqui que devem submeter o URL do site de notícias que criaram ou estão a criar.

Recordo o que foi pedido:

Criação de site de notícias:

Cada estudante deve criar o seu site de notícias.

Ferramenta recomendada: [Wix](#).

Outras opções: [Wordpress](#); [Weebly](#); [Webnode](#).

Objetivos:

1. Ganhar destreza na criação e utilização de ferramentas jornalísticas online;
2. Criar portefólio de trabalhos jornalísticos.

O que fazer:

1. Devem publicar no vosso site notícias que venham a fazer em TEJ Online, outras notícias que queiram fazer extra-aulas e trabalhos jornalísticos que façam noutras unidades curriculares ou para outros órgãos de comunicação social.
2. Devem publicar também pequenos artigos/críticas sobre a vossa experiência de utilização de cada uma das seguintes 4 ferramentas online que ajudam os jornalistas a receber e/ou organizar informação: [Feedly](#); [Pocket](#); [Alertas Google](#); Newsletters (à vossa escolha).

Poderão fazer o mesmo relativamente a outras ferramentas que venham a ser recomendadas nas aulas e/ou que identifiquem como interessantes.

Estes artigos devem ser ilustrados com imagens dos conteúdos presentes nas contas criadas e devem incluir hiperligações para as páginas que fornecem essas ferramentas.

Para melhor organização/paginação, podem criar no vosso site um dossier/página/secção sobre "Ferramentas Online para Jornalistas" (título meramente sugestivo), destinado especificamente à publicação destes artigos.

Prazo:

Devem submeter no Moodle (no espaço para o efeito) o URL do vosso site até 24 de maio.

Anexo 2: Enunciados dos exercícios de avaliação (Moodle) de TEJ II – Online

Cronologia:

Coloquem aqui a vossa cronologia.

O que têm de fazer?

Produzir, em **grupos de 3 ou 4 estudantes da mesma turma***, uma **cronologia** sobre os **20 anos do JPN**, usando a TimelineJS ou outra ferramenta online semelhante de uso livre.

Um dos **elementos do grupo** deve colocar na caixa de texto um **título** e um **lead**, seguidos do **link** para a cronologia. A "ficha técnica" (composição da equipa/grupo e tarefas desempenhadas por cada um) pode ser incorporada na timeline ou apresentada na caixa de texto, depois do link.

Recomenda-se que a cronologia tenha **cerca de 10 momentos**, incluindo os 3 debates comemorativos do 20.º aniversário: o de 22/3 (sobre Jornalismo); o de 7/10 (sobre Porto) e o de 20/11 (sobre Net), este, evidentemente, como momento prospetivo/futuro.

A cronologia deve conter a **informação mais relevante, atualizada e credível** sobre o tema.

Os dados para construir a cronologia podem ser obtidos através de pesquisas na Internet ou em bibliotecas, presença testemunhal ou entrevistas, recorrendo a fontes credíveis, que deverão ser referenciadas.

Os elementos multimédia devem ser da vossa autoria ou obtidos na Internet, com referência clara ao autor e/ou proprietário. **Não é permitido o uso de imagens com direitos de autor.**

A cronologia deve ser construída como se fosse para publicar no JPN, pelo que devem respeitar o Livro de Estilo do JPN.

CrITÉRIOS de avaliação:

- seleção criteriosa dos momentos (factos/acometimentos) mais relevantes sobre o tema;
- clareza, correção e concisão da redação e da exposição;
- pertinência e credibilidade das fontes usadas;
- criatividade e diversidade dos elementos multimédia usados;
- respeito pelo Livro de Estilo do JPN.

* os trabalhadores-estudantes e os estudantes em mobilidade podem integrar um grupo de qualquer turma ou apresentar a cronologia individualmente.

Classificação de sites noticiosos:

Coloca aqui o endereço de email que usaste no preenchimento deste questionário: <https://forms.gle/n5dmGf5AaCrgM1im8>

Turma 1: <https://forms.gle/n5dmGf5AaCrgM1im8>

Turma 2: <https://forms.gle/MH98Q9jwP9g8GsiD7>

Turma 3: <https://forms.gle/uRWj5Rjd7gtULu1s9>

Turma 4: <https://forms.gle/rhfXuLQExEdHHUdS8>

Cibernotícia:

Turma 1 - Cibernotícia

Trabalho Configurações Classificação avançada Mais ▾

Marcar como concluída

Abriu: segunda-feira, 9 de dezembro de 2024 às 08:30

Data limite: segunda-feira, 9 de dezembro de 2024 às 09:50

Tarefa:

Construir uma cibernotícia sobre os 44 anos da morte de Francisco Sá Carneiro e Adelino Amaro da Costa, recorrendo exclusivamente a fontes primárias, como sites noticiosos ou páginas oficiais (na Web ou media sociais) da Presidência da República, do Governo, dos partidos com assento parlamentar e da Câmara do Porto.

A cibernotícia deve conter hiperligações para todas as fontes utilizadas e um elemento multimédia, pelo menos, além de respeitar o Livro de Estilo do JPN.

Turma 2 - Cibernotícia

[Trabalho](#) [Configurações](#) [Classificação avançada](#) [Mais ▾](#)

Marcar como concluída

Abriu: segunda-feira, 9 de dezembro de 2024 às 10:00
Data limite: segunda-feira, 9 de dezembro de 2024 às 11:20

Tarefa:

Construir uma cibernotícia sobre os 100 anos do nascimento de Mário Soares, recorrendo exclusivamente a fontes primárias, como sites noticiosos ou páginas oficiais (na Web ou media sociais) da Presidência da República, do Governo, dos partidos com assento parlamentar e da Câmara do Porto.

A cibernotícia deve conter hiperligações para todas as fontes utilizadas e um elemento multimédia, pelo menos, além de respeitar o Livro de Estilo do JPN.

Turma 3 - Cibernotícia

[Trabalho](#) [Configurações](#) [Classificação avançada](#) [Mais ▾](#)

Marcar como concluída

Abriu: quinta-feira, 12 de dezembro de 2024 às 10:00
Data limite: quinta-feira, 12 de dezembro de 2024 às 11:20

Tarefa:

Construir uma cibernotícia sobre a instabilidade governativa na Região Autónoma da Madeira, recorrendo exclusivamente a fontes primárias, como sites noticiosos ou páginas oficiais (na Web ou media sociais) da Presidência da República, do Governo nacional, do Governo regional e dos partidos com assento parlamentar nacional e regional.

A cibernotícia deve conter hiperligações para todas as fontes utilizadas e um elemento multimédia, pelo menos, além de respeitar o Livro de Estilo do JPN.

Turma 4 - Cibernotícia

[Trabalho](#) [Configurações](#) [Classificação avançada](#) [Mais ▾](#)

Marcar como concluída

Abriu: quinta-feira, 12 de dezembro de 2024 às 11:30
Data limite: quinta-feira, 12 de dezembro de 2024 às 12:50

Tarefa:

Construir uma cibernotícia sobre o último debate quinzenal com o primeiro-ministro na Assembleia da República, recorrendo exclusivamente a fontes primárias, como sites noticiosos ou páginas oficiais (na Web ou media sociais) da Assembleia da República, do Governo e dos partidos com assento parlamentar.

A cibernotícia deve conter hiperligações para todas as fontes utilizadas e um elemento multimédia, pelo menos, além de respeitar o Livro de Estilo do JPN.

Entrevista/Reportagem:

Caros estudantes, devem colocar aqui o ficheiro com os elementos para avaliação do trabalho da entrevista.

Recordo o que foi pedido:

Entrevista ou Reportagem:

Trabalho individual ou em pares.

O trabalho individual tem de incluir, no mínimo, uma entrevista feita pelo(a) estudante. Trabalhando em dupla/par, cada estudante tem de entrevistar uma pessoa diferente.

Devem respeitar o Livro de Estilo do JPN e assinar as peças (colocar os vossos nomes) no corpo de cada notícia (no início ou no final). Trabalhando em pares, podem optar por cada um assinar a sua peça ou por ambos assinarem as duas, devendo a primeira assinatura ser sempre de quem entrevistou.

Quem entrevistar? - qualquer pessoa (conhecida publicamente ou não) que tenha informação com valor-notícia e/ou uma história (ou mais) de interesse jornalístico para contar, que se enquadre numa secção do JPN.

O que produzir? – 2 peças (ou mais) em texto corrido (e não em sequência pergunta-resposta), 1 das quais (pelo menos) obrigatoriamente com declarações do entrevistado (a outra também pode ter declarações do entrevistado ou apenas informação complementar/contextual). Trabalhando em dupla/par, as 2 peças têm de ter declarações dos entrevistados.

Hipertexto: Obrigatório: hiperligações entre as 2 ou mais peças (devem assinalar entre parêntesis o local de cada hiperligação); Recomendado: outras hiperligações (internas e/ou externas) de contextualização e/ou exploração.

Multimédia: Obrigatório: 2 imagens fixas (1 para cada peça); Opcional: áudio, vídeo, diaporama, infografia, outras fotografias ou desenhos.

Onde publicar? – em “rascunho”, no “backoffice” do JPN - <http://jpn.up.pt/entrar>

O que entregar? – Colocar no Moodle um ficheiro (Word ou PDF) com imagens legíveis (capturadas através da ferramenta de recorte ou da função Ctrl Alt Print Scrn) da pré-visualização dos textos inseridos no “backoffice” do JPN, com indicação dos locais das hiperligações e do(s) elemento(s) multimédia que os acompanham.